

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA FAMÍLIA

**A EXPERIÊNCIA DE ADOLESCENTES ABANDONADOS E
INSTITUCIONALIZADOS FRENTE AO DESLIGAMENTO INSTITUCIONAL**

Severino Ramos Lima de Souza

ORIENTADORAS: Prof^a . Dr^a . Cristina Maria de Souza Brito Dias
Prof^a . Dr^a . Henriette Togneti Penha Morato

Recife – 2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA FAMÍLIA

**A EXPERIÊNCIA DE ADOLESCENTES ABANDONADOS E
INSTITUCIONALIZADOS FRENTE AO DESLIGAMENTO INSTITUCIONAL**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Psicologia Clínica da
Universidade Católica de Pernambuco
como parte do requisito para obtenção do
grau de Mestre em Psicologia.**

Recife – 2001

A EXPERIÊNCIA DE ADOLESCENTES ABANDONADOS E
INSTITUCIONALIZADOS FRENTE AO DESLIGAMENTO INSTITUCIONAL

SEVERINO RAMOS LIMA DE SOUZA

BANCA EXAMINADORA

**À Terezinha (in memorian) e Mário que me
deram e ensinaram-me a beleza e gratuidade
da vida.**

AGRADECIMENTOS

É muito difícil, para mim, nominar o sentimento que ora me ocorre ao ver este processo de construção concluído. Sinto uma satisfação enorme! Gostaria, neste momento, de compartilhá-la com todos que, de alguma forma, sentem que contribuíram com este trabalho. A todos, meu muito obrigado!

Neste percurso, algumas pessoas estiveram mais próximas a mim, compartilhando idéias, sentimentos, emoções... Gostaria, então, de agradecer especialmente

- Às minhas orientadoras, Cristina e Henriette, pela disponibilidade incondicional.
Confeso minha paixão e admiração por vocês.
- A todos os professores do mestrado que, nos momentos formais e informais, fizeram sugestões muito valiosas.
- Aos adolescentes, meus colaboradores, que me permitiram compartilhar de suas vidas, cedendo-me seus depoimentos.
- Aos coordenadores e educadores da Comunidade Rodolfo Aureliano, meus colegas, pela disponibilidade, confiança e sensibilidade: Tetê, Roberto, Sônia, Egles, Berna, Conceição, Bel e Divone.
- Ao Dr. Ivan Porto, Presidente da FUNDAC, que possibilitou a flexibilização do meu horário de trabalho para que eu pudesse dar conta de todas as atividades do mestrado.
- Aos meus amigos do Centro de Atendimento da Criança e do Adolescente (CEMER), Unidade onde trabalho, que compreenderam minhas ausências e me

apoiaram o tempo todo: Rogério, Del, Biu, Lourdes, Ana,

Teresa, Con, Claudinha, Marisa, Arlete, Gertrudes e Lúcia

— A Pedro, pelo trabalho competente de digitação e, sobretudo, pela amizade que nos une.

— A Luci, pela disponibilidade em revisar todo o texto e, sobretudo, pela amizade e admiração que tenho por seu modo despojado de ser.

— Aos colegas do mestrado pelas discussões, trocas de experiências e “farras”.

— A Noemia, minha amiga-irmã, pela confiança mútua que construímos e pela competência e compromisso no lidar com as questões humanas.

— Aos colegas do Departamento de Psicologia e da Clínica da FAFIRE, pelo interesse e contribuições.

— Aos colegas do Consultório: Naza, Zeca, Paulinha, Ângela, Cláudia, Bartô, Rosângela, Jussara, Patrícia e Timóteo.

— Aos meus alunos e estagiários com quem aprendo, diariamente.

E finalmente,

— A Cacá pelos afetos e desafetos compartilhados, presentes em cada linha deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1. UM CAPÍTULO À PARTE	10
2. ABORDANDO O PROBLEMA	12
3. APRESENTADO O ESPAÇO INSTITUCIONAL: O QUE FAZ E COMO FAZ UMA INSTITUIÇÃO	22
3.1. FUNDAC não... Comunidade Rodolfo Aureliano	24
3.2. Algumas considerações sobre o depoimento	42
4. COMPREENDENDO ABANDONO	45
4.1. O abandono de crianças e as formas de cuidado: um olhar histórico	45
4.2. Desligamento e desamparo como condição humana	56
4.3. Formas de cuidado	61
5. CONTANDO EXPERIÊNCIAS... ..	65
5.1. Como olhá-las... ..	69
5.2. Elas mesmas... ..	75
Polícia-Ladrão	76
Eles são para mim... uma família	78
A gente tem que se virar	81
O negócio é um emprego	87
Meu castigo foi repetir	94
Minha confusão	101

5.3. Como compreendê-las	112
5.3.1. O acolhimento	113
5.3.2. O desligamento	116
5.3.3. Os projetos	122
6. CRIANDO SENTIDOS	128
A família deles é a FUNDAC	130
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	157

RESUMO

Sabemos que muitas das crianças abrigadas em instituições para abandonados, infelizmente, não serão beneficiadas pelos Programas de Colocação em Lar Substituto (guarda, tutela e adoção). Desse modo, passam a viver na instituição até que completem a maioridade quando, inevitavelmente, terão que ser desligadas.

Este estudo vem focalizar, portanto, a experiência de adolescentes abandonados e institucionalizados frente ao desligamento institucional, em função da maioridade.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica onde buscamos trabalhar com depoimentos de jovens que estão vivenciando o processo de desligamento. A partir da perspectiva destes, estabelecemos uma discussão/reflexão em torno do significado/representação do desligamento na vida dos adolescentes e do papel dos educadores no conjunto das práticas institucionais, encaminhando-nos para possíveis alternativas que viabilizem processos de desligamentos mais satisfatórios tanto para os adolescentes quanto para a equipe de profissionais que com eles trabalham.

ABSTRACT

We are aware that the substitute home placement programs (Keepers, guardianship or adoption) will not, unfortunately, benefit many of the children living in abandoned/child institutions. For that reason, they remain at the institution until they are legally of age (majority), when they will be, inevitable, dismissed.

The present study focuses, therefore, on the experience of abandoned and institutionalized adolescents in face of being disconnected from the institution due to becoming legally adults. This will be a qualitative research, based on the phenomenology approach, analyzing depositions of teen-agers who are experiencing the disconnection process. Considering their perspective, we establish a discussion/reflection on the meaning/representation the adolescents have of the institutional disconnection and on the role played by the educators in the complex of institutional practices. We point to possible alternatives which will enable more satisfactory disconnection processes for the adolescents as well as for the professionals that work with them.

1. UM CAPÍTULO À PARTE*

Eu nasci.

meu lar, nada muito feliz.

Quando eu tinha apenas oito anos de idade, vi meu pai ser assassinado.

minha mãe, logo arrumou um outro homem que bebia dia e noite e, todos os dias, espancava a mim e à minha mãe.

Na escola?

na escola, nunca fui bem aceito.

As roupas maltrapilhas, as sandálias trocadas, o comportamento desajustado, dito por alguns, a falta de material escolar...

fizeram as pessoas me tratarem com diferença.

A escola sempre esteve fechada para mim.

pois, o aluno que eu era não correspondia ao modelo de aluno que eles desenharam.

De tanto ser mandado de volta para casa, terminei desistindo de estudar, sem, pelo menos, saber escrever meu nome.

Minha infância foi assim: um verdadeiro inferno!

De tanta violência, de tanta solidão, de tanto desprezo... procurei as ruas.

lá, sim! encontrei abrigo, compreensão.

Lá, eu não precisava falar muito.

Todos me compreendiam. pois, os mesmos motivos que me levaram às ruas, eram os mesmos motivos dos outros meninos: fome, solidão, maltratos...

* Escrito por Maria Aparecida Ribeiro, educadora da FUNDAC/Caruarú, recitado na confraternização natalina dos funcionários da FUNDAC/PE em DEZ de 2000.

no início, foi tudo muito bom.

Quem não gosta de ser bem aceito?

Mas, depois, para matar a fome, para passar o frio das noites fúnebres de inverno, para ter coragem de fazer pequenos furtos...

precisei cheirar cola, fumar maconha e até usar crack.

Fui preso várias vezes e, várias vezes, me soltei.

Quando saía, tinha vontade de mudar.

Mas, parecia que na minha testa estava escrito: ex-menino de febre, cheira cola...

Muitas vezes, me perguntei: prá que estar solto, livre se, diante de mim, existia um outro tipo de prisão, pior, o medo e a indiferença das pessoas que me deixavam do outro lado, como se eu tivesse uma doença contagiosa?

Como vocês vêem, meus caros senhores, tudo me foi negado para que eu pudesse crescer como uma pessoa dita normal.

As únicas coisas que eu tive, constantemente, como aprovação, foi um olho e um dedo que me acusaram de que? não sei.

Mas, como eu não sou pau que nasce torto e morre torto, percebi que existe dentro de mim alguma coisa que pode ser o começo:

a minha vontade de mudar.

E eu quero mudar!

Mas, também, sei que sozinho isso não vai acontecer.

Por isso, convido você a baixar seu dedo, a mudar seu olhar, a apagar, de vez, esse capítulo da minha vida e me ajudar a escrever um novo capítulo:

a história de um menino que sonha ser um cidadão.

1. ABORDANDO O PROBLEMA

“Há um menino, há um moleque morando sempre em meu coração. Toda vez que o adulto balança ele vem prá me dar a mão” (M. Nascimento e F. Brant).

As questões relativas à infância e à juventude em nosso país são urgentes e prioritárias, em virtude do agravamento das situações que promovem o cenário cotidiano de legiões de crianças e adolescentes desassistidos e em total desamparo e que, diga-se de passagem, não se restringe aos grandes centros urbanos, mas alarga-se pelas regiões rurais, caracterizando-se como fenômeno social generalizado. E, pelo fato de já ter se integrado ao cotidiano da maioria dos cidadãos, corre-se o sério risco que tal situação não mais mobilize nosso espanto e indignação, levando-nos ao conformismo que nada faz e nada propõe.

A agudização das condições sócio-econômicas de grande parte das famílias brasileiras que, paulatinamente, vêm sendo vitimadas por processos acelerados de pauperização, promovendo, em decorrência, sua maior miserabilidade, tem “obrigado” essas famílias a se defrontarem com situações extremas, em que o mínimo necessário à sobrevivência humana inexistente. Nessas condições, o abandono da prole parece ser um caminho para muitas dessas famílias. Muito embora compreendamos que as questões que envolvem a decisão pelo abandono sejam muito mais complexas, a falta de recursos que garantam a sobrevivência de sua criança, parece exercer um peso significativo para a família que decide abandoná-la.

Em nosso cotidiano, o abandono é sempre enfatizado em seu lado pejorativo, cruel e desumano. E, por isso, tendemos a acreditar que a atitude de abandonar alguém é sempre um ato de desamor. Todavia, em virtude da complexidade que envolve a questão, se faz necessário ressaltar uma outra face do abandono que, em geral, não costumamos considerar

: muitas vezes, aquele que abandona o faz com extremo pesar, tomado pelo sentimento de impotência e incompetência para poder proporcionar o mínimo necessário que garanta a sobrevivência da sua criança. Neste sentido, paradoxalmente, abandonar pode significar um ato de proteção e cuidado. Pensamos que culpabilizar os pais e a família, além de reduzir a amplitude da questão, parece ser uma forma de não nos incluirmos e não nos responsabilizarmos por isso como pessoas, como cidadãos e como sociedade.

Salvo algumas exceções, o destino reservado à criança abandonada é o ingresso em uma instituição de abrigo. A partir daí, a instituição passa a se constituir para essas crianças o espaço possível de morada e de vinculação afetiva, até que elas sejam beneficiadas pelos Programas de Colocação e Lar Substituto (guarda, tutela e adoção), ou até que sejam desligadas da instituição, por terem chegado à maioridade.

Por conseguinte, ainda que a temática relativa à infância e à juventude esteja na ordem do dia, vinculada à mídia, à literatura, a programas de atendimento governamentais e não-governamentais, concretamente, muito pouco se fez e se faz em favor desses jovens abandonados e institucionalizados – interesse específico deste estudo – e pouco tem sido pensado acerca do modo de como prepará-los, de forma efetiva, para a o desligamento institucional, de modo a torná-los autônomos, independentes e com competência para exercerem sua cidadania. É bem verdade que, no âmbito das instituições, temos observado uma preocupação em torno dessa problemática, fazendo emergir algumas discussões técnicas, mas que ainda estão longe de se traduzirem em procedimentos que viabilizem desligamentos mais satisfatórios, tanto para os adolescentes quanto para a equipe de profissionais que com eles trabalham.

Pensar estas questões, introduz-nos, reflexivamente, num campo de atuação ao qual temos nos dedicado há algum tempo, remetendo-nos à visualização de um percurso profissional e pessoal no qual algumas inquietações têm se apresentado como desafios à nossa prática, ensejando a busca de respostas mais adequadas e satisfatórias.

Nesse momento, permitimo-nos abrir um breve parêntese e voltar no tempo... onde tudo começou...

Desde muito cedo fomos atraídos pelo trabalho com crianças e jovens, quando ainda precisávamos driblar a vigilância, num momento de cochilo, do nosso pai, para ganharmos a imensa ladeira que nos conduzia ao Oratório Salesiano, onde ajudávamos, voluntariamente, os padres e seminaristas a organizarem as horas de lazer de centenas de crianças e adolescentes pobres que não tinham, na visão da época, outra opção, além da marginalidade e do uso de drogas. Muitos dos que ali frequentavam eram filhos de prostitutas que, muitas vezes, pareciam “filhos de ninguém” porque eram vítimas de maus-tratos na família e, ainda por cima, eram rejeitados e discriminados pelos outros colegas. Alguns passavam o dia inteiro no Oratório e só retornavam para casa ao anoitecer.

Foi no contato com eles que fomos descobrindo um aspecto da realidade que nos apontava para as várias formas de injustiças e marginalização das quais as populações mais pobres eram vítimas, influenciando muitas das nossas escolhas quando adolescente e que hoje fundamentam um percurso profissional, não só junto à infância e à juventude abandonada mas, de um modo geral, na escuta do “excluído” que habita cada um de nós, como entendemos ser o fundamento sobre o qual se assenta o trabalho da clínica em psicologia, como assim também o pensa FIGUEIREDO (1995).

De lá para cá, muitas coisas aconteceram ...

Há alguns anos trabalhamos numa instituição pública responsável pela execução da política estadual de promoção e proteção dos direitos da criança e do adolescente abandonados e autores de atos infracionais, de ambos os sexos, com faixa etária entre zero e 18 anos. Nela, existem as unidades de abrigo, que atendem especificamente crianças e adolescentes abandonados, e as unidades de ressocialização (internamento), para adolescentes infratores, privados de liberdade.

Nesse contexto institucional, temos nos dedicado ao trabalho com crianças e adolescentes abandonados, muitos dos quais estão na instituição desde bebês, e que somente serão desligados por ocasião da maioridade, pelo fato de não terem sido acolhidos por uma família substituta. São esses desligamentos que queremos trazer para a discussão porque são situações mobilizadoras que envolvem a todos da equipe de profissionais e, sobretudo, os próprios adolescentes. Questionamentos em torno da autonomia e independência desses adolescentes emergem, desafiando-nos a uma profunda reflexão a respeito do que temos, efetivamente, realizado por e com esses jovens durante sua permanência na instituição. A sensação que nos arrebatava, a priori, é a de que temos realizado muito pouco enquanto instituição e enquanto sociedade, no que se refere ao modo de atenção e cuidado à infância e à juventude abandonada, e de como os temos preparado para o enfrentamento dos desafios que os afetam por ocasião o desligamento institucional. Isto leva-nos a repensar os projetos de sociedade, de família e de sujeito que estamos coletivamente construindo.

Sabemos o quanto a institucionalização traz consigo o peso da discriminação e do preconceito, fundados nas representações sociais que envolvem a questão, podendo comprometer negativamente qualquer projeto pessoal e, até mesmo, institucional. O fato do

indivíduo ter sido abandonado aos cuidados de uma instituição parece guardar uma destinação sombria, nebulosa, incerta, como se ele estivesse, de saída, condenado ao fracasso, ao insucesso. Isso porque, culturalmente, temos delegado à família, com certa exclusividade, as funções de proteção, de cuidado e de afeto, tomando-a como único modelo possível à estruturação saudável da subjetividade dos indivíduos, de forma que àqueles a quem falta essa referência estaria determinado um destino marginal.

Por este motivo, observa-se uma tendência socialmente generalizada em patologizar qualquer situação que não corresponda ao modelo burguês de relação familiar, centralizada na configuração pai-mãe-filho. Desse modo, todo aquele que se desenvolveu numa configuração familiar diferente desta será um candidato, em potencial, à rotulação de “problemático”. O que dizer, então, daqueles que têm a instituição de abrigo como única referência ?

Na perspectiva de autores como BOWLBY (1981) e SPITZ (1987), para os quais a privação materna desencadearia conseqüências irreparáveis ao desenvolvimento infantil, é compartilhada a opinião de que a criança institucionalizada possuiria uma tendência a desenvolver uma incapacidade para estabelecer vínculos em função da experiência de separação (abandono) ter sido vivenciada muito cedo. Seguindo o raciocínio desses autores, LIMA (1999) se posiciona dizendo que:

é na certeza do sentimento de união com a mãe que a criança crescerá de maneira saudável. Rupturas imprevisíveis nessa união podem levar a criança a conflitos precoces de identidade e de valores e influenciar sua receptividade às novas

relações com outros, além de criar uma predisposição às doenças emocionais (p. 49).

Talvez devêssemos reconsiderar estas questões relativizando a função, o papel e a influência da família sobre os indivíduos, passando a considerar outras possibilidades, tanto de vinculação afetiva quanto de outros agentes socializadores, redimensionando, inclusive, nosso conceito de família. As diversas e diferentes configurações familiares, que atualmente vislumbramos, apontam para esta necessidade. Por que, então, não considerarmos também o espaço institucional como possível e viável ? Será que a privação da convivência familiar é um determinante que impossibilita o desenvolvimento saudável daqueles que passaram boa parte de suas vidas numa instituição ? São inquietações que se põem como pano-de-fundo neste nosso estudo, mas que, no momento, não intencionamos desenvolvê-las pelo fato de que já justificariam um outro investimento acadêmico.

Olhando criticamente algumas das teorias psicológicas que embasam a constituição da identidade do sujeito, não é difícil verificar o quanto elas têm contribuído para se tomar a família burguesa – centrada nas relações pai-mãe-filho – como “o modelo” de relação satisfatória e adequada. É nessa perspectiva que se apoia a maioria das instituições para abandonados, podendo-se nelas verificar uma tendência em tomar esse modelo como parâmetro e referência, buscando reconstituí-lo na ilusão de que, assim, estariam garantindo à criança uma relação mais adequada ao seu desenvolvimento. Não é por acaso que crianças e adolescentes de instituição se referem aos adultos, com os quais convivem, de “mainha”, de “pai” e “tio(a)”, indistintamente. Os profissionais dessas instituições não se apercebem de que estão criando uma situação de “faz-de-conta” para os adolescentes e,

com isso, despotencializando-se das reais possibilidades enquanto agentes institucionais. Desejar que estes reproduzam em seu fazer institucional o modelo burguês de relação familiar é um grande equívoco. Contudo, isto não significa isentá-los de funções fundamentais e necessárias ao desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes que dependem dos seus cuidados, como afeto, carinho e também continência, mas repensar o significado de sua atuação e re-conduzir suas ações.

GUIRADO (1986), tomando o viés da análise institucional, parece não acreditar que os agentes institucionais possam demandar, no conjunto de suas práticas, algo mais que não se insira no contexto de uma relação de trabalho. Daí a impossibilidade, na visão da autora, desses agentes desempenharem funções de cuidado que são tidas como “naturais” da instituição-família desempenhá-las. Em suas palavras, numa instituição, *“o ato de cuidar não se insere num conjunto de práticas “naturais” e imediatas, mas, de práticas profissionais, mediatizadas pela condição de ser uma relação de trabalho, uma prática produtiva”*(p.201).

Pensamos que o fato de ser uma relação de trabalho não exclui outras dimensões nela presentes, sobretudo, quando a especificidade do trabalho é cuidar de pessoas. Reduzir as ações desenvolvidas pelos agentes institucionais, considerando-as apenas como práticas produtivas, seria esvaziá-las de outras possibilidades e de outros sentidos, no contexto em que elas se dão.

Neste aspecto, concordamos com o posicionamento de MARIN (1999) ao afirmar que:

a instituição pode ser um espaço alternativo para o processo de identificação da criança, desde que não se camufle como uma família. Parece ser sua função, desde que a família não tenha condições para assumir seus filhos, colocar-se como um espaço para que as crianças possam realizar suas necessidades, encontrando um suporte adequado para o desenvolvimento bio-psico-social (p.112).

Compartilhando estas inquietações com outros profissionais, pudemos descobrir o quanto elas também os afetam e o quanto são pertinentes ao contexto institucional, levando-nos a problematizá-las nesta pesquisa para que, de certo modo, através dela, tornemo-nos “porta-voz” daqueles que fazem a instituição, que se preocupam e refletem a respeito de suas práticas.

Neste estudo, não intencionamos caminhar por uma análise institucional, muito embora o sentido que queremos implementar nos encaminhe a alavancar uma reflexão crítica em torno das práticas institucionais.

A questão, pois, que aqui nos mobiliza, e que talvez possa lançar um fecho de luz sobre a problemática das crianças e adolescentes abandonados e institucionalizados, é conhecer e compreender a experiência de adolescentes que vivem nessas condições, focalizando a situação do desligamento institucional. Desse modo toma-se, como ponto de partida, o olhar dos próprios adolescentes. Talvez seja esta perspectiva na qual estamos encaminhando nosso estudo que determine sua relevância, uma vez que na literatura sobre instituições a tônica recai, predominantemente, sobre o trabalho institucional propriamente dito, e muito pouco tem se preocupado com o processo de

institucionalização e, muito menos ainda, com a vivência daqueles que estão no processo de desligamento institucional.

O nosso interesse em olhar a questão através do olhar daqueles que, efetivamente, encarnam em suas existências a condição de estarem sendo desligados de uma instituição é extremamente significativo para nós, porque, em certa medida, estaremos assumindo o ponto de vista de quem está “dentro”. Esse “deslocamento” intencional busca abrir um caminho, um espaço, em que os próprios adolescentes possam refletir sobre si mesmos, seus projetos, suas perspectivas ou mesmo a falta delas...

Oferecendo-nos como “outro” colocamos à disposição todo um percurso pessoal e profissional, reflexivamente, que aos poucos, inevitavelmente, irá sendo *re-velado* ao longo do caminho que este estudo nos conduzirá.

Para tanto, logo a seguir, iremos fazer uma apresentação do espaço institucional onde se desenvolveu a presente pesquisa como forma de situar o leitor no espaço tanto geográfico quanto existencial dos adolescentes que se ofereceram como nossos colaboradores. Intencionando, também, nos aproximarmos da dinâmica que envolve o fazer institucional no seu modo de acontecer cotidiano, recorreremos à fala da equipe de profissionais que lá exercem uma parcela de suas existências. É um depoimento cheio de detalhes e, por isso, muito rico.

Depois de apresentarmos o espaço institucional, o capítulo seguinte nos conduzirá a uma reflexão em torno do abandono enquanto condição de desamparo. Inicialmente, faremos uma abordagem histórica sobre o abandono de crianças na Europa e no Brasil até os dias atuais com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A); em seguida, enfocaremos o desligamento e desamparo como condição humana e, depois, as

formas de cuidado, ressaltando a responsabilidade existencial do ser humano enquanto “cuidador”.

“Contando experiências...” é o título do capítulo que se segue. Nele explicitaremos o referencial teórico que inspira e atravessa todo este investimento acadêmico: o método fenomenológico. Em seu desdobramento, trabalharemos os procedimentos metodológicos que utilizamos para a coleta e registro dos depoimentos, os quais serão apresentados em sua inteireza como parte desse capítulo. Algumas possibilidades de compreensão dos depoimentos serão “ensaiadas” como fechamento e abertura para o capítulo seguinte que será a conclusão, a qual apresentar-se-á sob o título “Criando sentidos”.

2. APRESENTANDO O ESPAÇO INSTITUCIONAL: O QUE FAZ E COMO FAZ UMA INSTITUIÇÃO

Neste capítulo, nos aventuraremos a apresentar a instituição onde foi desenvolvido este estudo, como forma de estabelecer o lugar concreto, o referencial de espaço e de morada onde os adolescentes, colaboradores desta pesquisa, efetivamente, vivem boa parte de suas existências e no qual suas experiências em relação ao desligamento serão (re)significadas.

Apresentando a instituição, queremos também estabelecer uma diferenciação com as “instituições totais”, descritas por GOFFMAN (1987), mediante sua caracterização e funcionamento e, com isso, provocar reflexões e questionamentos em torno do modo como, grande parte das instituições para crianças e adolescentes abandonados, têm desempenhado as funções de cuidado que, teoricamente, deveriam dispensar àqueles que dela dependem. O curso do depoimento já nos encaminhará à revisitação de crenças e convicções social e culturalmente arraigadas acerca de instituições para abandonados e do que ocorre no interior delas, em sua dinâmica.

Faz-se necessário ainda dizer que, para esta apresentação do espaço institucional, é a “fala viva” da equipe técnica da instituição que aqui se faz presente, cabendo a nós, apenas, sua organização em forma de texto, para facilitar a leitura e compreensão, mas, sobretudo para nos introduzir num movimento de aproximação da experiência mesma, em sua riqueza de detalhes e significações, conforme descritos por aqueles que, efetivamente, vivenciam o fazer na instituição. Desse modo o depoimento será marcado por idas e vindas, conforme os caminhos apontados pela experiência no percurso do seu relato.

Com esta intenção, decidimos, então, marcar uma entrevista com a equipe técnica da instituição em dia e horário que fossem mais convenientes para todos. Na ocasião, comunicamos que gostaríamos de realizar a entrevista em grupo, com todos da equipe. Todos colocaram-se à disposição.

Conforme havíamos combinado, chegamos na instituição e dirigimo-nos à sala da coordenação onde já estavam à nossa espera. Trocamos algumas conversas e, por sugestão da diretora do abrigo, encaminhamo-nos para outra sala mais reservada, onde poderíamos conversar sem que fôssemos incomodados.

No entanto, nem todos da equipe puderam se fazer presentes, porque estavam realizando “atividades externas”, como nos pontuou a diretora. Mas, achamos que os que estavam presentes poderiam nos auxiliar na compreensão do funcionamento da instituição. Eram eles: a diretora, que é psicóloga por formação mas que, no momento, está exercendo essa função administrativa, respondendo por todos os assuntos da instituição, como figura de autoridade para os abrigados; uma pedagoga, uma nutricionista e duas psicólogas, sendo que uma delas estava em processo de transferência para outra Unidade da instituição.

O fato de já nos conhecermos há muito tempo, por pertencermos à mesma instituição e estarmos vivendo momentos institucionais comuns, muito embora estejamos em Unidades e locais de trabalho distintos, facilitou para que nossa conversa transcorresse num clima de espontaneidade e de muita seriedade.

Dito isto, cremos que já podemos nos lançar na aventura do que faz e como faz uma instituição: a Comunidade Rodolfo Aureliano, segundo o depoimento da sua equipe técnica.

3.1. FUNDAC não... Comunidade Rodolfo Aureliano

A Comunidade Rodolfo Aureliano (CRAUR) é uma das Unidades da Fundação da Criança e do Adolescentes (FUNDAC) que tem como objetivo fundamental o atendimento de crianças e adolescentes abandonados, de ambos os sexos, com idades entre zero e 18 anos.

*A Comunidade possui seis casas, mas, uma delas está desativada... apenas cinco estão funcionando. Seu regime de atendimento é caracterizado como abrigo e funciona em Sistema de Casas-Lares.**

Do Projeto original para cá, passamos por algumas mudanças... Anteriormente, para cada casa, haviam duas mães... um processo que complicou bastante a questão da vinculação afetiva e até a própria organização da casa.

Cada casa tem, no máximo, doze crianças que ficam sob a responsabilidade dessas quatro pessoas, que se revezam em plantões e, cada uma, na medida do possível, tenta trabalhar a questão da individualização. Pois, cada residente possui sua cama, seu guarda-roupas, seu vestuário, seus utensílios e material de higiene pessoal.

As casas possuem quatro quartos onde dormem de três a quatro crianças em cada um deles, divididas por idade por causa da questão da adolescência... que tem trazido alguns conflitos.

Das cinco casas em funcionamento, três delas trabalham com uma clientela mista:

* O **sistema de casas-lares** constitui uma alternativa de atendimento para crianças e adolescentes abandonados, o qual se diferencia do sistema convencional, uma vez que o atendimento aos mesmos é desenvolvido em um ambiente cujas características se aproximam do “estilo de vida familiar” propiciando a expressão de sentimentos fraternais, favorecendo simultaneamente relações interpessoais mais estáveis e duradouras (Documento elaborado pela equipe técnica da instituição, sem data).

meninos, dos três aos doze anos... e meninas, até os 18 anos. As outras duas atendem à clientela masculina, de doze a 18 anos. Tenta-se preservar os laços afetivos... e, por isso, os irmãos são sempre colocados juntos.

Eles participam de todas as atividades da casa sob a orientação da larista: no preparo da alimentação, na arrumação da casa, no cuidado e higiene das roupas... Eles próprios fazem isso... exceto os menores... os pequeninhos de três a dez anos... a lavadeira é quem faz esse trabalho para eles.*

Na verdade, no projeto original não tinha lavadeira. As meninas maiores é que faziam o trabalho dos pequenos. Só que, por uma questão de organização... quem está fazendo o trabalho, na verdade, é uma larista... porque ela não se adaptou à função de larista.

Antes eram duas laristas para cada casa... agora são quatro. Isso tem trazido algumas dificuldades... sobretudo na questão da afetividade... Cada uma tem a sua linha de trabalho... diferente da outra. Isso tem, também, dificultado a comunicação entre elas. Quanto mais gente para coordenar o trabalho na casa, mais dificulta a questão do limite que deve ser dado. O sistema de plantão tem dificultado o trabalho... Várias pessoas, dificulta mais... Aos poucos, elas estão se entrosando melhor.

Quando isso aconteceu, por um problema administrativo, afetou demais a filosofia da casa. Até hoje, nos questionamos se ainda podemos chamar a essas pessoas de laristas... Elas são plantonistas. São, praticamente, todas novatas. Não existe mais afinidade com as crianças... porque ela passa por um plantão de 12 por 36... quando nós

* Larista: Faz o papel de mãe social. É responsável por toda dinâmica da casa junto às crianças e adolescentes que estão sob seus cuidados.

tínhamos, anteriormente, a larista... que passava até três dias consecutivos com a criança... o que facilitava a criação de todo um vínculo.

Outro problema que também estamos enfrentando é quanto à entrada dos meninos na Comunidade. Essa casa era para receber meninos exclusivamente com destituição do pátrio poder. Recebemos alguns casos do interior... e até aqui da Capital... que não têm a destituição. Temos casos aqui de meninos com problemas sérios de droga... de fuga... que, antes, não tínhamos... Agora, temos que conviver com isso! Então, é difícil para a Comunidade... para os próprios meninos aceitá-los.

Em tese, é para eles virem de outra casa, já com destituição de pátrio poder. Todos já devem vir com o estudo de caso concluído e estarem prontos para a adoção. A gente tem muito trabalho na questão da adoção.

Eles vêm de outras unidades da FUNDAC, mas tem meninos que vêm de outros abrigos... desde que tenham a destituição do pátrio poder.

Mas, ultimamente, tem acontecido casos em que o Juiz manda meninos sem critério nenhum... Isso é outro agravante... que complica tudo ! Já que aqui é uma casa que deve preparar para a adoção... deveria ter uma clientela mais ou menos uniforme. O que está acontecendo é uma heterogeneidade muito grande. Temos meninos com deficiência mental, meninos com problemas neurológicos, meninos com distúrbios emocionais seríssimos... Temos adolescentes do sexo masculino... do sexo feminino... crianças... É um universo! Achamos que aqui é como se fosse um reflexo da sociedade como um todo. Aqui tem menino até de maioridade. Então... dificulta muito a adoção, nesse sentido... de preparação de hábitos... dessas coisas todas...

Na verdade, nós aqui temos dois objetivos... quer dizer... temos vários!!! Mas... um seria a questão da adoção; o outro... seria... trabalhar o projeto de vida, porque, quem não é adotado está aqui. Então, ultimamente... nos grupos... temos trabalhado muito mais a questão do desligamento... do projeto de vida... porque a adoção está cada dia mais difícil. É muito séria a questão do desligamento... do projeto de vida!

Houve uma certa descaracterização do Projeto original... porque... ninguém muda de mãe duas vezes ao dia. Mudar de mãe duas vezes ao dia é muito difícil para a questão da afetividade... É uma rotatividade enorme!

E não é só a afetividade... É lógico que a afetividade é o mais importante. Mas, também, a maneira de educar. Você tem uma maneira de educar... outra pessoa tem outra, entendeu ? Se a FUNDAC não pensar mais seriamente nesse projeto casas-lares, ele tende realmente ser um... voltar para o sistema do internato... que seria... realmente... bastante triste.

A gente viu a repercussão no comportamento dos meninos... Foi horrível no início!... Eles ficaram muito mais agressivos... mais desorganizados... sensíveis... Percebemos o quanto também afetou a relação deles na comunidade... na escola... A aprendizagem teve uma queda... foi prejudicada. Eles já saem daqui um pouco “mexidos”... “desarrumados”... Quando chegam na escola... eles vão... realmente... com a mínima coisa que aconteça, em relação a eles, por exemplo, um professor que não veio e que é substituído por um estagiário... qualquer coisa assim... eles já fazem um paralelo com o que está acontecendo aqui... e a reação deles é muito mais agressiva que antes.

Essas mudanças repercutiram no comportamento deles... na atenção... A agressividade que aumentou... a agressividade negativa... porque todos nós temos que ter

um pouco de agressividade. Mas, como eles estão canalizando é para o lado negativo... Eles estão com o nível de tolerância muito pequeno... e explodem com facilidade. Temos o exemplo de um menino aqui que o comportamento dele, na escola, foi totalmente prejudicado... E outros também. Mas, esse reproduziu muito essa desarrumação na escola.

E, também, o mais complicado é que essas laristas chegaram sem nenhuma preparação. Se é difícil trabalhar com a criança e o adolescente, mais difícil é num sistema e numa filosofia de casas-lares. Elas chegaram sem saber absolutamente nada! Não sabiam o que era FUNDAC, nem muito menos o que era criança... e nem se tinha um preparo para o trabalho. O que elas precisavam era de um emprego! Então, quer queira quer não, está havendo um desmonte da filosofia do que é uma casa-lar.

...

As crianças e adolescentes aqui, têm uma rotina diária e desenvolvem atividades.

Pela manhã, eles acordam, tomam café, fazem a higiene diária... essas coisas... Quem estuda pela manhã, já vai se preparando para ir à escola. Têm, também, as tarefas que são distribuídas entre eles: quem forra as camas, quem... todas as atividades domésticas que eles têm condições de fazer. E aí, pronto! Cada um sai para sua atividade. Os que vão para a escola, uns utilizam vales-transportes; outros, que frequentam classe especial e clínicas especializadas, vão na kombi da Unidade; os que frequentam a escola da comunidade, o educador acompanha. Os que ficam aqui, que estudam no caso, à tarde, ficam no reforço escolar ou vão para a natação que é uma das atividades externas que eles têm e que, no momento, é a mais regular. Alguns frequentam atendimentos sistemáticos especializados. Temos um adolescente que vai para o Eulâmpio Cordeiro, que é um centro de recuperação para drogaditos... Ele é muito problemático. Há outros

adolescentes que fazem fono e psicologia na Universidade Católica; outros, Terapia Ocupacional no Oswaldo Cruz e no Lessa de Andrade, que são unidades públicas de saúde. Cada um vai para o seu atendimento. Os outros, que não têm atendimento externo, ficam por aqui. À noite, quando chega cinco e meia... seis horas... eles já estão chegando de suas atividades. Então, eles jantam, ficam vendo televisão e depois, vão dormir. Pronto! O dia-a-dia é esse!

No final de semana, quando tem vale-transporte, a gente dá para os maiores irem à praia... para as laristas levarem os meninos menores para o Parque Público 13 de Maio... essas coisas... Mas, por conta de algumas dificuldades administrativas, foram diminuídos o número de vales. Então, o lazer ficou um pouco prejudicado. Pois, esses vales, além do lazer, são para atender outras necessidades da Comunidade, como levá-los para atendimentos médicos e outros. Por isso, o lazer tem sido na praça, aqui, em frente. Eles ficam jogando futebol... As meninas também... ficam por aí... conversando... ou jogando bola... aqui no campo. Quer dizer: uma coisa mais por aqui por perto... porque não tem vale-transporte para sair.

A dificuldade é administrativa, mais uma vez. Porque, os maiores, os adolescentes, têm a liberdade de sair, desde que eles fiquem bem comportados. Eles podem sair final de semana... ir para uma praia... para uma praça... assistir a um jogo de futebol... Mas, temos um regimento para estabelecer a hora que eles devem voltar. Então, se foi determinado que eles têm que voltar tal hora... se não voltar naquela hora, na próxima semana não vai sair... Tem a questão do limite! Não é também... vamos supor... sair na sexta-feira e voltar no domingo. Não se admite dormir fora da Unidade. Se sair para um pagode... uma brincadeira... uma dancinha... ele tem que voltar para dormir na Unidade. Isso é

combinado antes. Por exemplo: o pagode termina de uma hora da manhã. Então nós ficamos sabendo que, nesse dia, ele vai chegar uma hora da manhã. Agora, tem que vir dormir aqui. Quer dizer... Tem que vir dormir em casa. São menores de 18 anos e têm o limite de horário. Outra coisa, também, que nos preocupamos é saber para onde vai... onde é esse pagode? As meninas também... Elas têm mais questionamentos. Achem que os meninos têm mais liberdade. Perguntam porque é que damos mais liberdade aos meninos. Essas coisas a gente tem sempre que estar trabalhando com elas... como a questão da violência... que elas são mais expostas... por serem mulheres... essas coisas todas. Quer dizer: é uma liberdade vigiada para eles também saberem que devem dar satisfação.

Às sextas-feiras, também, estamos dando um apoio na parte religiosa e espiritual. Trazemos fitas bíblicas ou educativas que tenham uma mensagem que possa ser discutida... para eles incutirem Deus na vida deles. Isso é muito importante! Não importa a religião. A gente ensina Deus... a questão da fé... da irmandade. Trabalhamos valores como a solidariedade... honestidade... o respeito... Jesus ensinou tudo isto! Eles têm demonstrado grande interesse. Nós vemos isso porque botamos uma salinha para vídeo e eles vêm... ficam... assistem... e perguntam. Colocamos também brinquedos e jogos. Juntamos as duas coisas.

Uma vez por semana, realizamos grupos operativos, onde trabalhamos todas as questões que surgem na casa: questões afetivas, emocionais... Sempre da demanda do grupo. Não trazemos nada pronto! Sempre a partir da demanda a gente vai trabalhando. Pode ser questão de sexualidade, adoção, relações interpessoais e entre irmãos... Já surgiram questões de drogas, de limite, direitos e deveres, a respeito da liberdade... que é uma coisa que as meninas traziam com muita frequência. Elas ficavam muito

angustiadas... e conseguimos trabalhar. Com elas, conseguimos trabalhar a questão das saídas porque, antes, elas não saíam sozinhas... E à noite, de jeito nenhum! Elas saíam acompanhadas. A partir do grupo a gente começou a ter alguns avanços, sempre trabalhando, como é que foi... como foram as saídas... o final de semana... Esse trabalho foi muito importante porque passamos por um período em que as fugas eram muito frequentes. Tentamos trabalhar também a questão da identidade... a identidade deles... o resgate. E, a partir daí, tiveram a curiosidade de ver as pastas... a história de vida deles... Sempre a partir da demanda do grupo a gente trabalha.

Esse trabalho todo que temos feito na questão do resgate da identidade tem mexido com outras questões... de buscarem... trazendo um pouco, também, a questão do abandono... e, também, trazendo uma perspectiva de buscar lá fora outras coisas.

Antigamente, quando um caso social estava concluído, estava concluído!!! E a gente está num processo de rever estas coisas agora. Começamos a questionar essas coisas. Se a criança tivesse algum parente... alguém... não poderia receber visita. O Juiz não deixava. E, no caso de alguns meninos aqui, que já tiveram a destituição, os familiares estão voltando a visitá-los porque a situação da família é outra e estamos indo atrás para desligá-los para a família. Se não desligar para a família agora, quando completar 18 anos, ele vai para qualquer lugar, sem ter ninguém... sem vínculo nenhum. Então, o Serviço Social também está vendo assim... por outra direção. Ninguém recebia visitas. Agora já temos muitos meninos recebendo.

Na Comunidade, temos aqueles adolescentes que não foram adotados e ficam aqui, até os 18 anos. Mas, depois dos 18 anos... é aquela estória. Antes, do ponto de vista financeiro, tínhamos como favorecer uma estrutura mínima de sobrevivência. Ainda se

conseguia, com alguns grupos, se comprar uma casa para eles terem a condição de morarem juntos, geralmente, em grupos de três... quatro... ou cinco... E, no meio deles, sempre tinha alguns que já estavam trabalhando e outros que recebiam benefício. E aí, eles iam se virando. Mas, de uns tempos para cá, não temos conseguido comprar casa nenhuma. Quando tem, por sorte, alguém da família que possa amparar, já ajuda. Agora, quando não tem ninguém... vai ficando... até acharmos que tem o mínimo de condições para se desligar. Porque, também, não vai se desligar o menino sem nem um teto para morar. Isso é o mínimo para a sobrevivência. Quando não tem ninguém... é “nó cego”! Aí... o tempo vai passando... 18... 18 e meio... 19... até que um dia apareça uma luz... que faça a gente realizar um desligamento menos complicado... com o mínimo para a sobrevivência. Pelo menos, um teto para morar tem que ter!

Quando falamos que a própria casa está se questionando, hoje, em relação à destituição dos pais, é porque acreditamos que pode ser diferente... E não só em relação à família. Hoje buscamos pessoas da sociedade que possam ser uma referência para esses meninos, porque achamos muito importante ter alguém que seja uma referência na vida. Alguém que se preocupe com você... que possa lhe fazer uma visita e que você possa visitar. Porque o abandono é uma coisa que dói demais. Era muito fechado isso aqui. Hoje está mais aberto... estamos recebendo visitas... mesmo, talvez, que alguém pense que, juridicamente, estamos errados. Mas, socialmente, psicologicamente... estamos procurando o melhor para esses meninos. Não podemos ser só pela legalidade.

Muitas laristas pedem para levar uma criança para casa. Antigamente, a gente não via isso... quer dizer... não era permitido: “não, o Juiz não libera”! A gente está metendo as caras. Se algum dia der confusão... Muitas laristas nos procuram, dizendo: “vai ter

aniversário do meu filho, eu posso levar fulano?...” Acharmos o fim dizer que não pode... Porque o menino vai ficar aqui dentro, sem sair para canto nenhum porque não temos condições de dar um lazer. A adoção de uma criança foi por conta de uma história dessas... A menina foi passar o dia com uma larista e, através desta visita, conheceu um casal que quis adotá-la. Se ela não tivesse tido essa oportunidade, talvez, nunca tivesse sido adotada. Então, o casal que mora perto da larista ficou super interessado. Pode até não dar certo... claro... porque ninguém garante que vai dar... Sempre a gente fica na dúvida... Mas, foi uma maneira... através desses conhecimentos.

Interessante foi a Promotora autorizar algumas crianças a passarem o Natal em casa de famílias. Foi feito um cadastro de famílias interessadas e tudo mais. E isso foi ótimo! Pessoas que nem sabiam que isso aqui existia. Foi uma maneira, também, de divulgarmos e até sensibilizarmos a sociedade. Criaram vínculos afetivos com os meninos. Tanto que hoje ainda os visitam... Agora, se a gente se fecha e deixamos os meninos isolados do mundo... Como é que pode? Quando chega aos 18 anos o menino não sabe nem... A gente está procurando mudar um pouco essa rigidez. Sabemos, porém, que tem coisas que não se pode abrir. As fugas, por exemplo, tem que comunicar ao Juiz porque são coisas que depois dá um problema sério. Tudo deve ser feito com critério.

É importante falarmos um pouco sobre a nossa relação com a comunidade. Vamos começar pela escola porque nos parece um bom exemplo.

Numa escola grande, como tem poucos meninos daqui, eles são cidadãos comuns, iguais. Quando se parte para uma escola menor, já tem um número de crianças maior da FUNDAC, isso já dificulta um pouco. Eles ficam um tanto quanto discriminados: “os meninos da FUNDAC”. Mesmo que a escola não queira, isso acontece... e eles não

gostam! Eles gostam de ser eles mesmos e respeitados como tal. Então, a gente tenta descentralizar a escola para que não tenha um número muito grande dos meninos daqui em cada uma delas para que eles não se sintam discriminados e que sejam respeitados com igualdade. Numa escola aqui próxima, colocamos um número maior de crianças porque temos muitos meninos pequenos e, por ser próxima, facilita. Mas, do ano passado para cá, descentralizamos um tanto quanto. Nós tínhamos quatro escolas... Hoje estamos com oito ou nove. Isso é uma forma de descentralizar.

Eles também têm atividades no Núcleo de Educação Física da Universidade Federal. Lá, também, eles se misturam um pouco com os outros. Mas, a marca sempre continua. As pessoas sempre os vêem como “pobrezinho”, “coitadinho” ou então, como os... Tem duas coisas: na Universidade, as mães dos outros meninos sempre os vêem como “o abandonado” ou, por outro lado, como “transgressor”. A maioria das coisas que acontecem as pessoas sempre esperam... Porque tem aquela coisa de FEBEM... e eles próprios odeiam! Eles dizem que não são da FEBEM... que são da FUNDAC... mas... nem da FUNDAC. As meninas mesmo, não querem sair com ninguém. A grande briga delas em querer sair sozinhas é porque sair acompanhada – sair com a mãe é uma coisa, agora sair com a larista – é carimbar que é da FUNDAC. Eles colocam muito, no grupo operativo, que até aceitam ser da Comunidade Rodolfo Aureliano, mas não aceitam ser da FUNDAC. Eles sabem a reação da sociedade. Esta distinção que eles fazem é uma resposta ao que eles sentem no convívio por aí... na sociedade... porque a sociedade generaliza e não compreende muito essa diferença entre um abrigo e uma internação. Paratibe, por exemplo, que é uma Unidade de internação para adolescentes infratores... Querem botar tudo em um mesmo saco. E isso é constrangedor para eles.

Então, a gente procura colocá-los em escolas distintas para descentralizar e em atividades onde eles não sejam tão... discriminados.

Ainda existe muito o vínculo com a história de FEBEM... porque algumas pessoas ainda não entendem... A sociedade ainda não entende... porque em São Paulo é FEBEM... FEBEM está ligado a infrator... Infrator é marginal.

Em relação a alguns meninos, os adolescentes, percebemos como se eles não quisessem enfrentar e nem pensar nessa questão do mundo lá fora... do desligamento. Percebemos que, para alguns, a coisa é tão dolorida... é tão sofrida... como se dissessem assim: “eu não quero nem saber quando vou me desligar”. A gente fica o tempo todo falando a mesma coisa: “se preparem para o futuro”! Mas... aquilo fica... não entra nele... como se dissessem assim: “me preparar para que? Eu não vou sair daqui nunca”! Porque é uma coisa sofrida! Não querem nem pensar! Ou, quando se diz: “você tem que fazer um curso porque, um dia, você vai sair daqui... vão ter que sobreviver”. Para eles, é como se estivéssemos falando uma coisa fora do real: “não, isso não vai acontecer nunca”! Sabe como é... eles não conseguem encarar isso de frente. Enfrentar por que? Isso dói... é penoso... sei lá... Tem alguma coisa... Existe uma fuga!

Quando a gente sabe de um curso na comunidade, nós os encaminhamos. Agora mesmo, tem quatro adolescentes fazendo cursos na Escola Técnica. A gente soube assim... que era um curso gratuito para pessoas desempregadas, mas poderia ser engajadas pessoas de qualquer idade. Então, colocamos os quatro. Dois estão no curso de técnico em microondas, e dois, em técnico de máquina de lavar. Mas, tem aquilo... é aquela animação... de repente desistem. É uma fuga! Tudo o que pode facilitar o desligamento, eles ficam boicotando. Fazem a gente comprar material ... é aquela animação! Duas

semanas depois... “quero ir mais não... não estou mais com vontade”... como acontece com o curso de corte e costura.

Há os estágios remunerados também. Os estágios na Sede da FUNDAC não davam certo. Não sei se eram também a questão da convivência com outras pessoas... do Casarão, que é uma Unidade que abriga adolescentes do sexo feminino em situação de risco... que já têm uma idéia diferente da adolescência. Então, na Sede não tem sido muito positivo.

Há outros lugares onde eles fazem estágios. Tem um na CHESF. Mas, mesmo assim, tem meninos que também desistiram... por questões pessoais. Tinha uma adolescente que trabalhava numa creche. Era muito bom! Mas, aí vem outra questão administrativa porque o DRT diz que não é mais com 14 anos que faz estágios e sim com 16. Então, ela teve que encerrar o estágio porque já foi uma ordem de cima. Tem também na Secretaria da Fazenda.

Aqui, na CRAUR, temos uma equipe de trabalho composta por uma Direção, que compreende um Coordenador Geral e um Coordenador Administrativo; uma Assistente Social, duas Psicólogas, duas Pedagogas, uma Médica... que nós não tínhamos... porque todo trabalho era desenvolvido na comunidade. Mas, por conta de questões administrativas da Sede, ela veio para cá... É uma pediatra. De certa forma, ela está nos ajudando ... Ela vem, orienta, encaminha... Mas, isso também descaracteriza o Projeto. É que nunca teve e nunca foi objetivo do Rodolfo ter um médico em sua equipe. Inclusive, ela não tem uma sala para trabalhar... porque nunca houve uma estrutura para se aceitar um médico na Unidade. Mas, ela está por aqui. Temos um dentista que atende os meninos na Sede. Ele está lotado no Santa Luzia, que é uma Unidade de internação para adolescentes infratoras. Mas atende nossa Comunidade e o Santa Luzia. Quando os meninos precisam

de algum atendimento, vão para a Sede e ele os atende lá. E, mais, uma nutricionista. De nível superior, são esses profissionais.

Quanto aos profissionais de nível médio e primário, temos duas professoras de reforço, uma pela manhã e outra à tarde. Tínhamos, também, estagiárias de magistério para trabalhar os meninos no reforço. Mas, cortou tudo... esse pessoal foi embora e não foi readmitido. Serventes e mais três instrutores. O instrutor de serigrafia está fazendo o acompanhamento dos meninos na natação e ajuda na disciplina porque não tem mais o curso de serigrafia. Ele não tem, realmente, condições de exercer a função para a qual foi colocado na instituição, porque todo o equipamento de serigrafia foi transferido para outra Unidade. A instrutora de zootecnia é a pessoa que fica coordenando os meninos na natação, porque é uma exigência do PRONID, que é um programa da UFPE para crianças com deficiência e, uma das condições é ter uma pessoa tomando conta, porque, quem vai são as mães. Mas, no caso daqui... ela é quem fica. Ela é quem faz o elo entre a Universidade e a gente. Ela vai para as reuniões e repassa as informações. A instrutora de corte-costura ficou ociosa, porque a gente não tem mais material... nem as máquinas. Mesmo assim, ela ainda ensina as meninas a fazer consertos em roupas... coisas pequenas... como fazer abanhados... para elas ficarem mais independentes.

As laristas são 24, em regime de plantão 12 por 36. Então, uma chega às sete da manhã e sai às sete da noite; outra chega às sete da noite e sai às sete da manhã. Elas trabalham dia sim e dia não. Não sei se ainda podemos chamá-las de laristas porque são quatro pessoas para cada casa. Elas não são funcionários da FUNDAC. São prestadores de serviço. Temos também os vigilantes e os Agentes de Desenvolvimento

Social (ADS's) que não tinha. Quando chegamos aqui não tinha ADS's por conta da filosofia de casas-lares. Aí, começou a questão dos meninos, dos adolescentes, a partir de 14 anos, com problemas de disciplina, problema de limite, de sexualidade... Então, sentimos a necessidade de uma figura masculina à noite. Posteriormente, sentimos também a necessidade durante o dia... por conta da adolescência de hoje ser muito diferente de alguns anos passados. Então, chegaram dois ADS's prestadores de serviço.*

Então, é aquela coisa: precisa levar um menino para um canto... mas a larista suporte não veio. Ou, então, a larista...porque são doze crianças em cada casa... basta duas crianças adoecerem no mesmo horário... já fica com problemas... porque... uma vai para o hospital levar um... a outra vai... quem é que leva?... Todo mundo ajuda! Então... é aquela estória: o ADS's leva o menino para a natação, para a escola... Em outras palavras: é “pau prá toda obra”! Havendo necessidade, o pessoal fica fazendo todo esse serviço... porque são doze crianças em cada casa. Já aconteceu de quatro meninos, da mesma casa, terem que ir para quatro lugares diferentes. Então, temos que requisitar todo mundo. Tem que ficar de emergência mesmo. E, às vezes tem que levar de ônibus porque a kombi não pode levar... não tem disponibilidade. Então, fica aquela loucura!

Essa estória de ir de ônibus é até salutar. A gente lembra de uma criança quando chegou. Ele tinha pavor... chorava para não entrar no ônibus. Agora, ele está indo numa boa! Está convivendo com outras pessoas... Está sendo ótimo para ele... E preparando o futuro, porque não é provável que tenha motorista... nem carro.

Desse modo, acho que estamos contribuindo, na medida do possível, para o desenvolvimento deles como pessoas e como cidadãos. Dentro das possibilidades, vamos

** Na estrutura antiga da FEBEM eram denominados de monitores*

fazendo o que é possível e lutando por isso... por esse crescimento. A gente conversa, troca idéias sobre qual a melhor forma para eles crescerem como pessoas. A gente se vê assim... como contribuidores nesse processo... ajudando-os a construírem sua independência, sua vida como pessoas... sua cidadania.

Nosso objetivo maior é fazer com que eles tenham alguém de referência na vida. A gente tem que entender que o Rodolfo, hoje, é uma casa para abandonados. Não é uma casa para adoção. Porque, o mais novo que a gente tem aqui, está com sete anos e sabemos o quanto é difícil uma adoção para maiores. Então, temos que prepará-los para a vida. Mas, fazendo com que isso seja menos doloroso... essa passagem dele da FUNDAC para a sociedade. Que isso seja menos doloroso! Que ele consiga entender o seu processo aqui para que consiga sobreviver lá fora. Agora, também, tendo alguma coisa que lhe dê suporte... alguém. Acho isso muito importante! Volto a dizer que a solidão... e o abandono... é extremamente difícil!

Para nós, é um pouco difícil... Nosso papel é um tanto difícil... Às vezes, pensamos de uma maneira, mas, tomamos outro caminho. É muito importante dar uma qualidade de vida melhor aos meninos. Procuramos ser coerentes com as coisas que acreditamos... a questão de limites... de afeto. Não aceitamos essa questão da liberdade total sem ter que dar satisfação. Nossa função aqui é educar. É como se fôssemos a referência deles.

Então, muitas vezes, a gente não agrada e os meninos ficam achando que é intransigência. Mas, é porque estamos preocupados com essa questão dos valores que estamos passando. O que podemos proporcionar a eles, uma qualidade de vida melhor, de felicidade... A gente sabe que felicidade ninguém pode dar porque se fosse seria ótimo...

Nem comprar para dar. O que a gente pode fazer para favorecer um ambiente mais humano, mais alegre para eles serem felizes, para nós é o principal.

Agora, tem coisas que a gente esbarra em mil entraves como a questão administrativa que a gente estava vendo agora. Seria ideal não precisarmos colocar quatro mães para cada menino. Mas, são coisas que não dependem da gente. Tem coisas que a gente sabe que está fazendo que não é o ideal. Mas, infelizmente, estamos dentro de um sistema que temos que obedecer.

Mas, na medida do possível, procuramos ser coerentes... porque nós acreditamos! Não conseguimos fazer uma coisa se não estamos acreditando. Essa questão do limite das meninas... do grupo operativo... delas poderem sair, por exemplo. Isso foi uma coisa que mexeu muito com a gente. Nos preocupamos com isso! Como vamos dar liberdade total às meninas se a violência está aí fora? Tanto que teve a morte de uma adolescente... uma residente que morreu. Como isso mexeu com as meninas! Elas nunca tinham visto a morte de perto. Infelizmente, esse fato serviu para elas entenderem quando dizíamos porque havia preocupação em elas saírem sozinhas. Hoje, ninguém quer sair mais. Desde a morte daquela adolescente, nenhuma menina nos procurou para sair sozinha. Era uma loucura aqui na sexta-feira: “eu posso ir para tal canto? Eu posso ir para o pagode? Eu posso ir para a festa”? Ficávamos malucas! Elas queriam liberdade total! Elas, hoje, só querem sair com as laristas... porque elas estão com medo... porque elas tiveram o “concreto” na mão. Não é bem o que a gente fala. Elas precisavam ver as coisas para poderem saber equilibrar um pouco. Como elas não tinham nada, queriam tudo! Agora elas sabem o que podem. Essa medida é que é difícil... saber equilibrar. Porque você não pode dizer: “pode fazer o que quiser”. Também, não pode prender. E o que é difícil é

a gente como educador... porque são 52 ... 54 pessoas diferentes. Com os nossos filhos já é difícil saber diferenciar um do outro, imagine... Às vezes, você quer dar uma orientação para um que a outro você já não pode dar a mesma coisa. Aí, eles não entendem. Para eles entenderem essa diferenciação é que é difícil. Agora, achamos que com conversa, muito diálogo e o afeto... Eles sentem isso. Quando nós damos o limite é porque nós gostamos! Sempre dizemos isso: “quem não gosta, não dá limite”!... deixa fazer o que quiser e não está nem ligando... não está se importando. Quando nos preocupamos, é porque estamos dizendo que temos afeto.

Às vezes, achamos que fazemos muitas coisas. Às vezes, achamos que não fazemos nada! Eles fazem muitas coisas sozinhos... quando damos condições. Eles fazem muito mais do que nós... é até engraçado falar isso.

É claro que a gente está a quilômetros se distanciando do Projeto original e do que esperamos do que seja ideal de uma casa-lar. Mas, com todas as dificuldades e falhas que a gente tenha, a cada dia, temos a certeza que isso aqui ainda é, dentro de uma estrutura de internato, o que mais favorece o desenvolvimento, a partir dos exemplos que temos de crescimento dos meninos que vêm dos orfanatos convencionais. Por exemplo: temos uma criança que não mastigava, não comia nada sólido quando ele chegou. Rejeitava tudo que era alimentação. Hoje, ele come tudo direitinho... com a mão dele. Se serve com o garfo... faca... está meio ainda desastrado, mas está indo bem. Ele está super solto! Teve um dia que tivemos a adoção de quatro meninos. Ele chorou o tempo todo pedindo para ser adotado. Coisa que... assim... quando ele chegou... a gente não imaginava que ele pudesse atualizar tanto as potencialidades dele... e o desejo. Sabemos que para ele é muito mais

difícil. Mas, ele se insere num contexto de que pode. Quem sabe? Outra criança, também, está num crescimento... até a postura do andar... a questão de limites...

Ainda é o modelo mais humano de se trabalhar. Acho que isso não se discute. Com todas as interferências, com problemas administrativos, da pessoa que toma conta dos meninos... Mas, nem se compara! Aqui, eles têm uma idéia de uma casa... de uma família... porque eles se servem à mesa... tem o seu armário... sua roupa. Eles têm um referencial, por mais deturpado que esteja agora com todas essas mudanças. Mas, eles têm uma idéia do que é um lar. No internato convencional eles não têm essa idéia. Eles têm uma idéia de massificação total.

Achamos que nossa equipe deveria começar a ver com as equipes que estão lá, nas outras casas, fazendo este trabalho social, a pensar mais no caso.

3.2. Algumas considerações sobre o depoimento

Essa fala da equipe, cheia de detalhes, nos mostra um perfil institucional que se esforça em favorecer um modelo de atendimento não massificante, como habitualmente verificamos em abrigos para crianças e adolescentes abandonados.

Tornar o ambiente comunitário mais próximo das condições de um lar, parece ser a finalidade primeira da CRAUR, mediante o reforço à individualidade e à singularidade e ao processo de identidade pessoal. Os sentimentos de posse e de pertencer, importantíssimos para a constituição do sujeito, são estimulados cotidianamente com a participação das crianças e adolescentes em todas as atividades da casa e no uso de pertences pessoais, num ambiente em que são, também, estimulados vínculos afetivos.

Estes aspectos parecem estabelecer uma significativa diferença com os abrigos convencionais os quais se assemelham ao que GOFFMAN (1987) denominou de “Instituições Totais”, caracterizadas pelas práticas segregativas e de controle social, onde os sujeitos são considerados como meros indivíduos anônimos.

Existem outros aspectos, muito sutis, que reforçam a diferença no que se refere à constituição de uma identidade própria e ao reconhecimento do outro enquanto outro, que é o fato das crianças e adolescentes terem seu quarto, sua cama, suas roupas, seus objetos pessoais e participarem de todas as atividades da casa.

No âmbito institucional, essa organização e modo de funcionamento vai possibilitar a apropriação de um espaço subjetivo próprio por parte dos abrigados. A preocupação da equipe em considerá-los como sujeitos em suas singularidades parece permear todo o relato: “... às vezes você quer dar uma orientação para um e a outro você já não pode dar a mesma coisa”.

Uma questão fundamental, que é constante no depoimento, diz respeito à abertura da Comunidade para o “mundo externo”. Todas as atividades de saúde, educação e lazer são realizadas fora da Unidade, utilizando os recursos disponíveis da própria comunidade local onde a CRAUR está inserida. Ou seja, os abrigados têm a oportunidade de conviverem com “outros” que não sejam “iguais”, estendendo e ampliando seus relacionamentos interpessoais para além daqueles que vivencia na instituição.

Dentro da própria instituição há o espaço de fala, de discussão, de diálogo, de conversa, no qual muitas coisas são possíveis, inclusive falar de suas próprias histórias de vida, do abandono, da carência, da falta e de quanto tudo isso é doloroso. Contudo, esse espaço possui uma potência que pode possibilitar ressignificações que vão apontando para

outros horizontes, de forma realista, porque existe a possibilidade da vivência de suas demandas. Neste sentido, as palavras de MARIN (1999) são muito felizes:

Se acreditarmos que é a partir da falta de ser que o sujeito pode manifestar seu apelo, viver seu desejo, orientar-se e fazer sua própria história é preciso deixar surgir esse espaço da falta. Não se deve preencher totalmente a criança, mas também permitir que ela questione sua origem, fale de seu abandono, entenda quem, no momento, está ocupando os lugares de proteção e apoio e, ao mesmo tempo, de limite e ordem e para onde deve seguir seu destino (qual o futuro possível colocado para ela). Estas são possibilidades de lhe dar condições para ser um sujeito autônomo. (p.48-49)

Pensamos que, uma instituição que busca criar estes espaços estará possibilitando aos seus abrigados a vivência de afetos e sentimentos, não só de carinho, mas também de continência dos seus desejos e aspirações.

4. COMPREENDENDO ABANDONO

“Quando seu moço nasceu meu rebento não era o momento dele rebentar. Já foi nascendo com cara de fome e eu não tinha nem nome prá lhe dar” (Chico Buarque)

4.1 O abandono de crianças e as formas de cuidado: um olhar histórico.

O abandono de crianças não é um fenômeno recente. No Código babilônico de Hamurabi, por exemplo, no II milênio a.C., já há registro da primeira regulamentação sobre o abandono de crianças. Em todas as épocas da história da humanidade tem se verificado a prática da exposição de bebês, sobretudo, nas sociedades ocidentais, desde os tempos mais remotos até nossos dias.

Como prática social, o abandono de crianças, foi amplamente aceito, ou pelo menos tolerado, particularizando-se quanto à intensidade, motivações e modos de cuidado, conforme cada época e lugar.

O Antigo Testamento (ÊXODO,2) nos conta a história do nascimento de Moisés que foi colocado num cesto, pela sua mãe, à beira do rio Nilo, para salvá-lo da morte, o qual foi recolhido pela filha do faraó, revelando o abandono como proteção e cuidado.

Na Grécia Clássica e em Roma, o direito dos pais sobre os filhos era ilimitado. Eles poderiam dispor dos filhos como lhes aprouvesse. Era comum vendê-los como escravos, para pagamento de dívidas a estranhos. Quando a criança era portadora de alguma deformidade, em geral, era abandonada, ou mesmo sacrificada. Estes procedimentos também serviam para delimitação da distribuição de bens entre os herdeiros já existentes.

Algumas medidas foram estabelecidas para coibir essas práticas, mas não foram suficientes para minimizá-las. Senão, vejamos: *Enfim, em todo o Império Romano parece não ter havido nenhuma instituição para cuidar das crianças enjeitadas. Elas eram deixadas à própria sorte ou à que lhes determinavam os que as criavam* (MARCÍLO, 1998:27).

Com o passar dos séculos, as transformações sociais foram favorecendo uma demanda, cada vez mais crescente, de crianças expostas e que, via de regra, dependiam exclusivamente da caridade de terceiros que, imbuídos do espírito cristão da época, não se negavam a acolhê-los, como forma de garantirem a salvação de suas almas. Além do que, era considerado pecado grave o não acolhimento de uma criança enjeitada.

Essa mentalidade foi introduzida pela igreja, através de sua ideologia cristianizante, contribuindo, sobremaneira, para que os expostos não mais fossem colocados ao relento ou em lugares baldios. Eles passaram a ser deixados em lugares habitados e bem à vista de todos, como forma de se assegurar que seriam recolhidos e teriam sua sobrevivência garantida.

Por volta do século VIII, esse modelo de assistência, baseado no princípio da caridade individual, eminentemente religioso, começa a ceder lugar a um modelo assistencial cooperativista, de caráter secular e público. No entanto, ressalte-se que esse foi um longo processo de transição em que o cunho religioso perdurou por séculos.

Na linha desses acontecimentos é que irão surgir as primeiras instituições para a assistência à infância órfã e abandonada. Todavia, estas instituições eram bastantes heterogêneas. Na verdade, eram hospitais que funcionavam para acolher todos os que

necessitavam de assistência e cuidados. Assim, nesses estabelecimentos, eram recebidos os pobres, os velhos, os doentes e as crianças expostas. As instituições especializadas para assistir cada um desses segmentos, só irão surgir a partir do século XIX. Até lá, esse modelo institucional de assistência foi o que prevaleceu em toda a Europa.

O fato dessas crianças serem colocadas junto com os adultos, nesses estabelecimentos assistenciais, parece revelar a forma como eram consideradas socialmente, podendo-se estabelecer um paralelo com os estudos realizados por ARIÉS (1981), onde se constata a ausência do sentimento de infância e de qualquer diferenciação em relação ao mundo do adulto. É somente em meados do século XIX que a criança passa a ser considerada como uma pessoa de verdade, com direitos e deveres a serem observados e respeitados.

No início da criação das primeiras instituições de proteção à infância abandonada, merece especial atenção a iniciativa do Papa Inocêncio III. Sensibilizado com a situação dessas crianças e horrorizado com o fato dos pescadores terem içado, em suas redes, do rio Tibre, uma grande quantidade de bebês afogados, destinou o hospital do Santo Espírito, em Roma, para recolhimento dos expostos. Para dirigí-lo, o Papa convidou o Frei Guy de Montpellier, o qual instituiu algumas normas de recepção e funcionamento, assim descritas por MARCÍLIO (Op. Cit.):

Fora do hospital, em seu longo muro lateral, foi instalada uma “Roda”, com um pequeno colchão, para receber os bebês, mesmo em pleno dia, estando rigorosamente vetada a busca de informações sobre quem os havia trazido (...)

As crianças expostas eram confiadas a amas-de-leite (...)

Depois de desmamadas, entre quinze meses e dezoito meses, as crianças passavam a viver no hospital até os oito ou dez anos, salvo nos casos – frequentes – em que as amas pediam para continuar, gratuitamente, a criá-las. Entre oito e dez anos elas eram confiadas a mestres-artesãos, que lhes ensinavam ofícios conforme as aptidões, a força e o sexo. Às moças eram dados dotes, para facilitar o casamento. Os rapazes, em princípio, eram amparados até poderem manter-se por si mesmos (p. 51-52).

Este hospital serviu de modelo para as outras instituições de assistência aos enjeitados que foram surgindo em toda a Europa, durante os sete séculos seguintes.

Os procedimentos “pedagógicos” adotados por essas instituições estavam inseridos no contexto do costume da época, no que se refere aos modos de cuidado para com a infância em geral.

Vale salientar que na Idade Média, por não se ter ainda em consideração o sentimento de infância, era costume as famílias entregarem seus filhos aos cuidados de outras famílias para serem educados, onde permaneciam por um período de sete a nove anos. Essas crianças se ocupavam, eminentemente, da realização de afazeres domésticos e/ou do aprendizado de algum ofício. Poucas eram as famílias, independentemente de sua fortuna, que não recorriam a essa prática. Também não havia um espaço próprio para as crianças, pois elas participavam, quase que exclusivamente, do mundo dos adultos, como garantia de transmissão de conhecimentos de uma geração para outra (ARIÉS, Op.cit:225-231).

Outro fato importante, difundido entre as diferentes camadas sociais, era a prática de entregar recém-nascidos às amas-de-leite. As famílias pobres os entregavam por razões econômicas e de sobrevivência, porque precisavam trabalhar. As famílias ricas e abastadas os entregavam por fatores ligados à pressão masculina de afastamento das crianças, e também porque nessas famílias elas eram consideradas um peso insuportável, que tolhiam a liberdade, sendo a amamentação percebida como algo ridículo e repugnante. Só mais tarde é que ocorreu uma mudança de mentalidade, sendo reforçada a importância da função materna e da amamentação para a sobrevivência da criança, em virtude do que essas crianças representavam para o Estado, pois, quase sempre, na idade oportuna, eram encaminhados para o serviço militar. Mesmo assim, o abandono de crianças continuou a ocorrer, justificando a criação de abrigos, orfanatos e asilos.

Durante os séculos XIV e XV, as iniciativas das instituições de acolhimento à criança exposta se mostraram insuficientes, não dando mais conta da crescente demanda, provocada pelo aumento populacional das cidades, pelas guerras e pela Peste Negra que assolou a Europa. A solução encontrada foi centralizar os serviços de assistência, criando-se os grandes estabelecimentos hospitalares.

Esse processo de centralização começou pela Itália, entre os séculos XV e XVI, dando origem aos grandes estabelecimentos, nos quais fora institucionalizada a abertura da “Roda” para recebimento dos expostos.

Segundo MARCÍLIO (Op.cit:),

O nome Roda – dado por extensão à casa dos expostos – provém do dispositivo de madeira onde se depositava o bebê. De forma cilíndrica e com uma

divisória no meio, esse dispositivo era fixado no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior da parte externa, o expositor colocava a criancinha que enjeitava, girava a Roda e puxava um cordão com uma sineta para avisar à vigilante – ou Rodeira – que um bebê acabara de ser abandonado, retirando-se furtivamente do local, sem ser reconhecido (p.57).

Historicamente, esses estabelecimentos sempre registraram altos índices de mortalidade devido às condições precárias de funcionamento e, sobretudo, em função do sistema de amas-de-leite mercenárias que, em geral, eram muito pobres e não possuíam qualquer princípio de higiene e educação, nem orientação sobre alimentação e cuidados com o bebê. Não havia nenhum critério para selecioná-las. Era suficiente apresentarem-se nesses abrigos para receberem um recém-nascido para amamentar, em troca de um salário irrisório.

Assim, em meados do século XVIII, surge um verdadeiro movimento em torno do combate à mortalidade infantil nesses abrigos, liderado por médicos imbuídos das idéias sanitaristas e higienistas, que vai culminar com a extinção do modelo assistencial da Roda dos Expostos e do sistema de amas-de-leite, em fins do século XIX.

O século XVIII é denominado, por alguns historiadores, como “o século das luzes”. É um período de muitas descobertas e muitos avanços tecnológicos e científicos. A confiança ilimitada no poder da razão respaldava todos os empreendimentos, em todas as áreas da atividade humana. A Europa estava em pleno processo de industrialização e urbanização. É no clima desses acontecimentos e sob o crivo do liberalismo,

pragmático e utilitarista, que as instituições de assistência à infância abandonada serão revistas e reformuladas.

Desse modo, paulatinamente, o Estado foi assumindo uma postura mais interventiva no que tange às questões de saúde pública e de assistência social aos pobres e necessitados, influenciado pelas idéias higienistas emergentes na medicina. Muitas campanhas de esclarecimento às mães sobre alimentação e cuidado com crianças (puericultura) foram disseminadas. Houve o incentivo ao aleitamento materno, à necessidade de vacinação dos bebês e ao cuidado contra doenças, como a sífilis e a tuberculose. Nas instituições de assistência aos expostos, foram introduzidos critérios para admissão de amas-de-leite, bem como a obrigatoriedade do acompanhamento médico sistemático às crianças.

Nesse processo de profundas transformações que repercutiram no modo de cuidado à infância, não só a abandonada, merece especial atenção os avanços tecno-científicos no âmbito da nutrição infantil. Neste aspecto, os estudos de Pasteur (1822-1895) foram importantíssimos para o desenvolvimento de novas tecnologias no terreno da amamentação artificial, a partir da esterilização do leite animal, sem riscos de contaminação para o bebê, criando facilidades quanto à sua conservação e distribuição.

Em paralelo a todas essas transformações, os hospitais vão sendo redefinidos, passando a funcionar como centros de prevenção, diagnóstico e tratamento – como hoje são reconhecidos – e não mais como estabelecimentos para acolhimento de todas as categorias de pobres e desvalidos.

Os hospitais de expostos foram fechados e novas formas de proteção à infância abandonada foram surgindo à luz da filantropia higienista. Em substituição, foram criados asilos, orfanatos, creches, colégios, etc.

As preocupações em torno da proteção à infância fizeram surgir campos específicos de pesquisa dentro da ciência como a puericultura e a pediatria; a partir de amplos debates, organizados internacionalmente, esboçaram-se os princípios dos Direitos Universais da Criança (1959). A partir daí, na segunda metade do século XIX e início do século XX, é que essa nova mentalidade veio a se instalar de fato, passando a criança a ser considerada e respeitada como uma pessoa de verdade, com necessidades peculiares à sua idade.

O Brasil, por sua vez, importou o modelo europeu trazido pelos portugueses no cuidado à infância que se assemelhava ao de outros países da Europa como a França e a Itália.

Neste aspecto, SILVA (1997) nos oferece um quadro resumido caracterizando a história da infância no Brasil em cinco momentos distintos, cada um correspondendo a uma postura político-científica e filosófica que se traduziu na edição de leis que estabeleceram alguns parâmetros para o tratamento e assistência à infância e à juventude:

- 1. Filantrópico (1500 – 1874):** Este período foi caracterizado pela implantação do modelo português centralizado nas Santas Casas de Misericórdia onde, posteriormente, foram instaladas as rodas dos expostos. O período de internação de crianças não era prolongado porque eram encaminhadas para famílias beneméritas que as criavam e as mantiam como agregados.
- 2. Filantrópico – Higienista (1874 – 1922):** Em função da intensa imigração estrangeira para o Brasil e da necessidade do controle das doenças epidêmicas e da ordenação dos espaços públicos, neste período, o parecer médico era o critério no tratamento dos

assuntos referentes ao amparo à criança. Surgiram as amas-de-leite que eram contratadas e pagas para encaminhamento das crianças enjeitadas, criando-as, oferecendo-as a outras famílias ou enterrando-as, quando faleciam.

3. Assistencial (1924 – 1964): Ocorreu a aprovação do primeiro código de menores; a desativação da casa dos expostos; a criação e regulamentação do juizado de menores e de todas as instituições auxiliares, configurando o Estado como responsável legal pela tutela da criança órfã e abandonada. Com isso houve uma diminuição do abandono anônimo e da mortalidade das crianças expostas, acentuado-se, porém, a tutela sobre os expostos até os 18 anos de idade. A tônica do atendimento da criança já internada passou a ser o oferecimento de uma oportunidade para trabalhar.

4. Institucional Pós-64 (1964 – 1990): Neste período, criou-se, a nível federal, a FUNABEM e, a nível dos Estados a FEBEM, inspiradas na Doutrina de Segurança Nacional. Em 1979, foi promulgado um novo código de menores. Verificou-se também, a introdução do militarismo dentro dos internatos e o encaminhamento de ex-menores para o serviço militar e para trabalharem em órgãos públicos.

5. Desinstitucionalização (1990 - ?): A nova Constituição Federal estabeleceu diversos dispositivos legais objetivando coibir as arbitrariedades do Estado sobre o cidadão. Neste sentido, com a regulamentação do artigo 227, originou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), transferindo a tutela da criança e do adolescente para a sociedade civil, através da criação dos conselhos tutelares. No entanto, ainda

permanece a parcela de poder e responsabilidade do Poder Judiciário através da criação dos Juizados da Infância e da Juventude e a subordinação dos conselhos tutelares a eles. Dentre os vários avanços que representou o ECA destaca-se a concepção da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, vindo a abrigar sob sua tutela não apenas a criança em situação de risco, mas toda “pessoa em fase de desenvolvimento” até os 18 anos de idade (SILVA, op.cit.:34-36).

Vale ressaltar que o ECA é fruto de uma intensa mobilização popular incentivada pela sociedade civil organizada com o apoio de vários segmentos da sociedade brasileira em favor da garantia dos direitos de todas as crianças e adolescentes, indistintamente. Com ele, essa parcela da população passou a gozar de prioridade absoluta perante o Estado brasileiro, como reza o artigo 227 da Constituição Federal de 1988:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão (p.10).

No entanto, mesmo sendo assegurada legalmente prioridade absoluta, a situação da maioria da população infanto-juvenil brasileira denuncia o fosso existente entre a lei e a realidade. A situação ainda é muito grave porque o acesso às políticas públicas ainda é precário e ineficiente, pondo em risco e desrespeitando o direito inalienável à vida. Pensamos que toda criança e adolescente que se institucionaliza, por si mesmo, se torna

uma denúncia viva da falência das políticas públicas fundamentais que deveriam ampará-los juntamente às suas famílias. As palavras de MARCÍLIO (1998) nos parecem muito pertinentes:

Melancolicamente, em 1998, o País é detentor dos títulos de campeão mundial em várias situações negativas relativas à infância: da intensa e aviltante exploração do trabalho infantil; pior distribuição ou elevadíssima concentração de renda (com graves repercussões sobre o desenvolvimento e a vida da infância e da adolescência pobres); do turismo internacional pornográfico, da exploração sexual de menores; da delinquência juvenil; dos episódios similares ao do ‘massacre da ‘Candelária’ ; da ação violenta das polícias, especialmente contra a criança negra; e outras mais (...). Resta um longo caminho a ser trilhado, visando aproximar a lei da realidade e garantir os direitos diariamente violados de milhares e milhares de crianças e adolescentes do país (p.228).

Nesta breve retrospectiva histórica verifica-se o quanto as questões referentes à infância e à adolescência foram negligenciadas e, em especial, no Brasil, ainda continuam sendo tratadas sem o mínimo de seriedade que implica a vontade política em resolvê-las.

4.2 Desligamento e desamparo como condição humana

Olhar para a experiência de pessoas que foram abandonadas por aqueles que, “naturalmente”, deveriam delas cuidar, induz-nos a refletir a respeito de como elas, de fato, lidam* com essa situação, uma vez que, para a maioria das pessoas, o abandono é um acontecimento extremo que marca o indivíduo para o resto de sua vida. Mesmo quando acolhidas** por uma instituição, ainda assim são considerados e referidos como abandonados, tanto pela sociedade em geral, quanto pelos profissionais que com eles trabalham e que os acolheram. É como se o abandono fosse uma marca em alto relevo a conduzir as ações e os projetos institucionais, determinando, inclusive, os modos como se procedem os desligamentos.

Vimos, ao longo da história, a “via crucis” das crianças enjeitadas, jogadas de um lado para o outro, à mercê da caridade pública e/ou privada. Acolhidas, elas permaneciam abandonadas, sem qualquer perspectiva de futuro. Aliás, o futuro, para elas, era uma questão de sorte: às meninas, apostava-se num casamento; e aos meninos, numa oportunidade de emprego, como artesãos. Parece que, nesse aspecto, poucas coisas mudaram.

O abandono vivenciado por essas crianças e adolescentes é um acontecimento concreto, palpável e muito real. O não sentir-se aceito, acolhido de fato, parece ser uma experiência geradora de inseguranças, de temores, de incertezas, entre outras. Mas, quem, um dia, não experienciou esses sentimentos?

* Lidar, aqui empregado, diz respeito ao modo como nos relacionamos com o trabalho/tarefa no cotidiano, como “lida diária”.

** O termo aqui é empregado no sentido de abrigamento, abrigo.

Quem, em algum momento de sua vida, não se sentiu em completo abandono? Talvez seja por isso que tenhamos a possibilidade de compreender o abandono de fato. O abandono concreto tangencia o desamparo existencial no qual estamos todos mergulhados, como condição humana.

De alguma forma, nesse sentido, tratar de abandono, de desligamento é submergir às profundezas da condição humana e entrar em contato com a experiência de sermos num mundo que nos acolhe, mas que, ao mesmo tempo, nos é estranho e, assim, desamparador. Nele, nossos desejos de segurança, de certezas, de estabilidade são ilusões desiludidas, pois se desvanecem no instante em que olhamos ao nosso redor e para nós mesmos, e damos conta da mutabilidade das coisas, dos acontecimentos, dos outros, e de nós mesmos. Aquilo que ontem era assim, hoje já não é mais; o amor que, ontem, julgávamos eterno, hoje, quando muito, não passa de uma amizade; tudo muda, como uma onda no mar. É quando nos perguntamos pelo sentido das coisas. Sentimo-nos soltos, solitários, abandonados, desamparados... Tudo nos parece sem sentido.

Estamos lançados em um mundo que, em si mesmo, não possui qualquer significatividade. Por isso, pelo fato de sermos, inexoravelmente, no mundo, somos convocados a emprestar-lhe significação. Esta é uma tarefa intransferível e da qual, mesmo que queiramos, não podemos a ela nos furtar. Pois, se assim não o fosse, jamais poderíamos tornar o mundo habitável no sentido humano. O mundo que se nos abre é, fundamentalmente, carente de sentido e, por sua abertura/apelo, somos tragados pela responsabilidade de atribuir-lhe significação, mediados pela linguagem.

Entendemos que é através da linguagem que o homem se humaniza, conferindo sentido à sua experiência e ao mundo no qual habita. Portanto, ao homem torna-se possível

tomar distância e refletir, não apenas acerca das coisas do mundo, mas também sobre si mesmo.

Porque o mundo é inóspito e sem sentido, somos tomados pela angústia de “não nos sentirmos em casa”. Somos como que estrangeiros em nosso próprio território. Vivenciar a condição de ser estrangeiro em um outro país, pode nos colocar em situações embaraçosas, desconfortáveis... mas, se tornam compreensíveis e, às vezes, se transformam em motivos de risos e gargalhadas. Porém, o duro é ser estrangeiro em seu próprio território, em sua própria morada. Nessas circunstâncias, o sentimento de familiaridade, proporcionado pelas pré-ocupações cotidianas, dá lugar à estranheza e ao des-conhecimento. Falta-nos “o chão firme de nossas certezas”. O que, antes, nos era familiar, agora, exige-nos re-conhecimento.

Pela linguagem, o homem inaugura sua humanidade, tornando o mundo habitável, enquanto sua morada, sua casa, tornando-o “familiar”, acolhedor*. Essa construção se torna possível e se sustenta pela rede de significação que o homem tece e empresta ao mundo, dando-lhe sentido, levando-se em conta que essa significação só fará sentido, quando compartilhada por uma comunidade, enraizada no tempo e na história. Diz ORLANDI (2000) que *“a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”* (p.25). Por isso, ela possui um caráter de transitoriedade. Os significados que atribuímos ao mundo são provisórios, dando-nos conta da sua incompletude como condição, assim como o próprio homem o é. Dessa forma, nossa tarefa é cuidar de dar sentido a si mesmo e ao mundo.

Todavia, o questionamento que se impõe é como poder ser em um mundo que, em princípio, não se apresenta acolhedor e no qual somos todos estrangeiros. Quais as

* aqui, o termo se amplia compreendendo as redes de relações e de significados que o homem estabelece na tarefa do existir.

nossas possibilidades de realização frente a um mundo em nada hospitaleiro? A resposta possível se configura a partir das escolhas que fazemos, dia-a-dia, nas mais diversas situações nas quais somos lançados e afetados. Tais questionamentos nos direcionam para nós mesmos, para o modo próprio de cada um, enquanto um poder-ser.

O modo como somos afetados pelo mundo abre-nos à nossa singularidade. O desamparo que experimentamos por nossa condição de sermos em um mundo que é inóspito gera angústia. Porém, a intensidade e o modo como essa angústia se processará em cada um, determinará as possibilidades do poder-ser de cada um, singularizando-os. Todavia, esse poder-ser, também, aparecerá como pura possibilidade. A angústia é porque nada está pronto e nem acabado. Nem nós mesmos. Tudo ainda está por fazer. ALMEIDA (1995) sintetiza essa experiência do poder-ser comentando que

O ser-aí angustia-se ante seu ser-no-mundo, ou seja, ante a inospitalidade e insignificatividade com que o mundo lhe aparece. Ante o fato de ser o mundo inóspito e insignificativo, o ser-aí angustia-se por sua possibilidade de ser nesse mundo (p.28).

A inospitalidade do mundo nos põe a todos numa condição de desamparo e de abandono. Porém, sob o ponto de vista heideggeriano, é esta condição que confere ao homem a liberdade, a fluidez e a criatividade. Ela nos lança no terreno movediço da pura possibilidade do vir-a-ser, desalojando-nos e descentrando-nos de nós mesmos, pondo-nos, assim, frente-a-frente com nossa condição.

É essa experiência de inospitalidade do mundo, gerando ausência de sentido, que Heidegger chama de angústia. E é ela também que nos abre para o conhecimento, para o descobrimento do sentido da existência no momento em que o já sabido perde o seu sentido e todos os outros modos de ser são possíveis. É ela que nos permite tomar distância do mundo, das verdades, dos saberes e nos movimentarmos, mudar nossas idéias, exercitar nossa constante fluidez. A angústia não é necessariamente paralisante (ROCHA, 2000:123).

Os modos como, historicamente, os homens vêm empreendendo esforços no sentido de tornar o mundo habitável, através de suas ocupações, tendo como resultados palpáveis os avanços tecnológicos e científicos, parecem guardar o desejo de ultrapassamento (fuga) de sua condição como angústia (ARENDT, 2000,p. 9 a 12). O desejo de eternidade, de imortalidade, nos seduziu de tal forma que, hoje, vivemos no “fio da navalha” e com “a corda no pescoço”, como expressões de uma realidade em que a vida humana se encontra sob constante ameaça. Mas, por outro lado, essa sedução também é responsável pela arte, pela cultura, pela religião, pela música. Tudo isso são como que suportes à nossa condição existencial.

Mas como empreender e compreender essa possibilidade como tarefa existencial?

4.3 Formas de cuidado

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas como você, Cuidado, foi quem por primeiro, moldou a criatura, ficará sob os seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil” (BOFF, 2000:46).

Esta é a fabula-mito do Cuidado.

É interessante notar que o cuidado é quem plasma a criatura e lhe é dada a responsabilidade dela cuidar enquanto ela viver. Ele é anterior à própria criatura, dando-lhe origem. Desse modo, o cuidado é o sentido mesmo do humano; ele é constituinte do ser humano enquanto existente. Aliás, segundo ALMEIDA (1999), considerando a perspectiva heideggeriana, *“o cuidado passa a ser apreendido não como algo que possamos ou não ter em determinadas situações ou setores de nossas vidas, mas como constituinte da dimensão ontológica humana: o homem não tem cuidado, é o cuidado”* (p.45).

Em outras palavras, o cuidado é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana.

Ante a inospitalidade do mundo, mobilizadora da angústia, somos interpelados e convocados em nossa capacidade responsiva a transformá-la, tornando o mundo habitável e acolhedor. Essa tarefa, todavia, só se torna possível porque o homem, cuidando de ser, opera essa transformação.

Porém, não há outro modo do homem realizar sua existência que não seja no modo-de-ser-cuidado. É cuidando que o poder-ser do homem se atualiza. Desse modo, transformamos o mundo em nossa “morada”. Para FIGUEIREDO (1995), este é o significado mais próprio à ética: *“... poderíamos também dizer que as éticas têm, em comum, algo a ver com o habitar o mundo”* (p.44).

Nesta perspectiva, porém, poderíamos dizer que o modo-de-ser-cuidado instaura uma ética. Pois, através do cuidado tornamos o mundo habitável, transformando-o em nossa morada, em nossa casa. Ética, neste sentido, compreende a construção de uma morada humana, onde o homem e o humano possam habitar. É a ética do cuidado.

Sendo assim, o cuidado, enquanto modo próprio de ser do homem na realização de sua existência, implica em lançar-se para fora de si mesmo no modo da solicitude. O exercício do existir, portanto, passa ou é atravessado pela possibilidade de uma “responsabilidade cuidadora”, porque a medida da minha responsabilidade é a exata medida da minha disponibilidade para “lançar-me para fora de mim mesmo”. Aí reside o verdadeiro sentido da “ek-sistência”: lançar-se para fora, sair de si, descentrar-se.

BOFF (2000) nos diz que *cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro* (p.33).

Isto faz-me lembrar de um amigo que era chefe de escoteiros quando me contava suas histórias de acampamentos e caminhadas mata à dentro. Quando pareciam estar perdidos, umas das saídas era encontrar alguém que pudesse lhes dar informações quanto à localização. Mas, como encontrar alguém em meio à mata? Então, o raciocínio era o seguinte: para saber se há habitação por perto, se há pessoas nas proximidades, é suficiente avistar uma pequena lavoura ou plantação. Isso indicava que havia alguém cuidando daquele lugar, denotando que havia um “toque humano”.

A inospitalidade do mundo solicita-nos em nosso modo-de-ser-cuidado. E o quanto estamos necessitando, urgentemente, restabelecer a dimensão cuidado entre nós! Nosso modo de ocupação, através do trabalho, ao longo da história, se impregnou e se confundiu com o desejo de dominação sobre a natureza. Tanto que, hoje, o resgate do nosso-modo-de-ser-cuidado é uma questão de vida ou de morte: nosso planeta está morrendo... e, com ele, todos nós. A questão é seríssima! Tudo, absolutamente tudo, carece de cuidado;

necessita de cuidado para continuar vivo... E somente nós seres humanos, é que podemos cuidar... porque somos o cuidado! Diante desse quadro, nossa responsabilidade é grande. Grande por ser vital !

É suficiente sintonizarmos nossa TV em um desses programas que tornam a miséria humana um espetáculo televisivo com o fim de render-lhes pontos no ibope de audiência, para nos darmos conta do quanto nos desvirtuamos da nossa tarefa existencial de cuidar. O que consideramos mais grave em tudo isso é que, os fatos e acontecimentos que antes nos deixavam estarecidos e perplexos, hoje, já não mais nos espantam, porque tornaram-se espetáculos televisivos, banalizando-se. Como não nos sentirmos, de fato, abandonados e desamparados diante disso tudo?

Olhar para o abandono de crianças e adolescentes é, em certa medida, olhar para o nosso próprio abandono. Desse modo, somos solicitados, porque afetados, a dar uma resposta que implica, necessariamente, na evocação do nosso modo-de-ser-cuidado.

Nessa medida, convém questionarmos os modos como a infância e a juventude abandonada, ao longo da história, vem sendo cuidada. Ao que parece, como vimos, os modos assistencialistas foram e ainda são as referências de cuidado a essa parcela da população, apesar da lei recomendar que sejam abrigados em grupos pequenos em virtude dos benefícios à produção da subjetividade e ao processo de independência desses jovens, oportunizando referenciais bio-psico-sociais mais saudáveis com que possam contar no momento do desligamento, quando deixam a instituição.

Será que não teríamos outras possibilidades quanto aos modos de cuidado à infância e à juventude abandonadas?

5. CONTANDO EXPERIÊNCIAS...

“ E tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido ” (ARENDT, 2000).

Contar experiências é próprio da experiência de ser-no-mundo. A todo momento estamos contando e trocando experiências, narrando “aventuras”. Mas, para contá-las, se faz necessária uma certa apropriação daquilo que intencionamos contar. As histórias e estórias contadas por nossos avós, e tantas outras e por tantos outros, foram contadas com tamanha apropriação que nos transportavam, fazendo-nos sentir como se fôssemos também um personagem da trama da história, mobilizando em nós uma variedade de sentimentos e de outras experiências, dando, assim, andamento à própria existência.

Contar e narrar são atos que cumprem e enraizam a produção da existência humana, situando-a em seus diversos contornos culturais, políticos, sociais. Isso porque nos inserimos numa comunidade de ouvintes e de falantes, onde se estabelece uma dinâmica em que as posições se alternam, indefinidamente. Essa alternância de posições nos faz ver que contar e narrar se realizam como possibilidade de interlocução entre ouvintes e falantes que, neste jogo, inauguram um determinado discurso o qual, na medida em que é compartilhado, faz emergir uma multiplicidade de sentidos possíveis, tendo como mediação a linguagem (ORLANDI, 2000; ARENDT, 2000).

De alguma forma, porém, os avanços tecnológicos observados ao longo da história, em função da complexificação das relações sociais, permitiram ao homem produzir meios e formas, cada vez mais complexas, de elaboração e transmissão de suas experiências. Esse processo vem sendo caracterizado e definido pelos meios de comunicação de massa os quais estão comprometidos com a informação rápida e de curta duração e, por isso, não

douradura. Obedecem aos ditames do mercado capitalista onde as mensagens veiculadas estão postas a serviço do consumo. Não queremos negar, com isso, os benefícios advindos desses avanços, mas desejamos pontuar o quanto, a partir deles, fomos nos distanciando da experiência do contar e do narrar histórias. O contador e o narrador se tornaram personagens raros em nosso cotidiano urbanizado.

A ética do consumo impressa nas informações produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não possibilita aos seus consumidores o alargamento e a troca de experiências em relação ao mundo e a si mesmos, uma vez que sua natureza, apenas informacional, não os “pro-voca” nem os “con-voca” enquanto ouvintes/testemunhas das experiências compartilhadas, caracterizando-se pela impessoalidade.

Comentando a respeito da forma como Benjamin se refere à informação, SCHMIDT (1990) diz que

A informação, por sua vez, constitui uma ameaça muito mais poderosa contra a narrativa. Sua predominância na comunicação social representa a instalação de uma forma de transmissão e recepção do saber alheia à experiência e incompatível com a narrativa, regida pelos critérios do imediatismo e da plausibilidade – aspira a verificação imediata e precisa ser compreendida em si e para si (p. 44).

A narrativa nos remete ao campo da pessoalidade e da propriedade. Ou seja, o narrador, na mesma medida em que fala, se compromete e se imbrica à sua própria narrativa; e o ouvinte, ao se “perder” naquilo que ouve, torna-se testemunha daquilo que ouve. Isso nos aproxima da história oral que é apresentada por MEIHY (1996) como uma

“forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social” (p. 13). Daí que, sua função primordial é promover o intercâmbio de experiências.

Nessa medida, BENJAMIN (1994) nos diz que *“o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”* (p.201). Neste sentido, para o autor, a narrativa se apresenta como uma forma artesanal de comunicação. Nela não há separação entre aquele que narra daquilo que por ele é narrado, como se observa, ao contrário, na informação veiculada pelos meios de comunicação de massa; mas, porque nela engendra-se o desdobramento da experiência do narrador para que, posteriormente, seja transmitida aos seus ouvintes que a assimilam à sua experiência (op.cit. p. 205).

A narrativa, portanto, se configura como via de acesso e registro da experiência e,

tendo como fonte o vivido (...), torna todos, e cada um, autoridade, no sentido de que cada um, e todos, enquanto portadores do vivido, estão autorizados a falar: faz circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e a reflexão sobre ele (MORATO & SCHMIDT, 1999: 125).

O vivido é, por assim dizer, a alma da narrativa. Ele é sempre algo muito pessoal que se inscreve na experiência particular de cada indivíduo. As coisas que nos acontecem enquanto ser-no-mundo-junto-com-outros, nos afetam, a cada um, diferentemente, em intensidades, também, distintas, dando-nos conta da nossa singularidade.

Contudo, essa mesma vivência pessoal e singular contém o coletivo porque ela se dá em um contexto de relações dos homens entre si e destes com o mundo, tornando possíveis sua comunicabilidade e compreensibilidade na comunidade de ouvintes e de falantes, mesmo que ainda essas possibilidades não abarquem a totalidade dos significados que a experiência encerra.

GADAMER (1999), trabalhando o conceito de vivência, nos faz ver que toda vivência se caracteriza pela imediaticidade, pela insubstituíbilidade e pela inesgotabilidade dos seus significados, integrando-se ao todo da vida que nela já se faz presente.

Então, na narrativa, podemos entrever a dança e o jogo do singular e do plural na tessitura da teia de significados que os contém e, ao mesmo tempo, os extrapolam. No singular encontramos o plural, o coletivo, a multiplicidade; nestes, encontramos também o singular, o individual e o pessoal. ROCHA (2000) nos diz que

A ação expõe os homens em sua pluralidade e singularidade simultâneas: é preciso que sejam iguais (pluralidade) para que se entendam, mas se não fossem diferentes (singulares) não precisariam do discurso para se comunicar (p. 64).

Essas considerações justificam o caminho que tomamos ao nos decidirmos por trabalhar com depoimentos e trazê-los, aqui, em sua inteireza. Eles são registros da experiência daqueles que lidam com o abandono e com o desligamento. São registros muito singulares, por certo, mas que nos abrem uma janela da qual temos a possibilidade de contemplar o horizonte que se põe e se impõe aos nossos olhos.

A autoridade e a legitimidade dos depoimentos aqui registrados reside no fato de que eles expressam a experiência daqueles que vivenciam a situação de desligamento institucional e, por isso, se constituem como material válido para nossas intenções na presente pesquisa. É a experiência mesma que os legitima, sem, contudo, nos impor uma determinada interpretação explicativa. “O espírito da narrativa”, como lembra SCHMIDT (op.cit.), *“silencia diante do misterioso, deixando o ouvinte entregue às suas próprias especulações e hipóteses explicativa”* (p. 45).

E, como nos diz MORATO e SCHMIDT (op.cit.).

A narrativa se apresenta como o registro da experiência, na medida em que abriga a elaboração dos dados diversos que se sedimentam e desdobram ao longo do tempo de uma vida. Plural e única, a narrativa amalgama a sabedoria e o desconhecido, o refletido e o vivido, o lembrado e o esquecido (p. 124 – 125).

Portanto, tendo em vista a especificidade da nossa pesquisa, colhemos depoimentos de adolescentes, de ambos os sexos, na faixa etária entre 15 e 18 anos, abandonados e institucionalizados, abrigados numa Unidade da Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC – PE), já apresentada anteriormente.

5.1 Como olhá-las...

Certa vez, folheando um dos livros escrito por José Saramago, intitulado “Cadernos de Lanzarote I”, deparamo-nos com uma frase, interrogativa meio que “perdida” no texto, que chamou nossa atenção e, até hoje, tem repercutido em nossas reflexões. Interroga-nos o

autor: “*O que são as coisas quando não estamos a olhar para elas*”? Ao que parece, ele quer nos dizer que as coisas são sempre em relação a um olhar que as olha (sujeito).

Compreendemos que as possibilidades de perspectivas a partir das quais as coisas podem vir a ser consideradas são inúmeras. Daí, julgamos importante explicitar o olhar que inspira e atravessa esta pesquisa em toda a sua extensão, a partir do qual a experiência dos adolescentes, narrada através dos depoimentos colhidos, será compreendida: a perspectiva fenomenológica.

A fenomenologia é um jeito de olhar o mundo, as coisas e os homens, levando-se em conta a perspectiva de quem os olha. É uma forma de aproximação em relação às coisas, buscando captá-las e expressá-las, em resposta àquilo que são e como são verdadeiramente.

Esta aproximação é mobilizada pela inquietação e pelo interesse que em nós o fenômeno evoca e que, ao mesmo tempo, solicita-nos respostas. Ou seja, esta aproximação instiga-nos em nossa “responsabilidade”, em nossa habilidade de resposta a tudo que, de alguma forma, nos afeta. E somente porque nos sentimos afetados atiramo-nos na aventura do conhecer aquilo que nos afeta. Esta pro-vocação nos conduz a um certo envolvimento que nos direciona para o fenômeno, olhando-o a partir de dentro dele mesmo, em seu modo de dar-se como nos faz ver HEIDEGGER (1998) quando comenta que a “*fenomenologia diz, então: deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo*” (p.65).

Desta forma, a atitude fenomenológica implica, necessariamente, em “*voltar às coisas mesmas*” no modo como elas se dão, buscando apreendê-las em seu modo de dar-se. A perspectiva fenomenológica, portanto, nos coloca no curso do modo como as coisas se

dão em si mesmas, por sua própria evidência, enquanto fenômeno. Porém, esta evidência não deve ser entendida aqui como algo que é dado de uma vez por todas. Mas, para nós, o sentido que aflora diz respeito ao caráter polissêmico a eles inerente que, pela mudança de perspectiva, a cada mirada, aquilo que se mostra, se mostra diferentemente. Isto significa dizer que o modo próprio do dar-se dos fenômenos é a “re-velação”.

Todavia, na maioria das vezes, por causa da nossa atitude natural diante do mundo de considerar as “coisas em si”, isto impede-nos de admirar e contemplar as coisas como elas são em sua “simples complexidade”, no modo como elas se “re-velam”. Considerando as coisas “em si”, jamais elas poderão se dar como fenômeno. Para tanto, compreendemos que a atitude fenomenológica é a via de acesso às coisas mesmas. E, como via de acesso, ela nos

Introduz a um pensamento acariciante, que pouco se importa com a ilusão da verdade, que não propõe um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas que se empenha sempre em manter-se a caminho (MAFFESOLI, 1998:113).

Nessa perspectiva, é próprio da fenomenologia propor um jeito de se fazer ciência, comprometido com uma concepção de verdade que vai constituindo-se, passo-a-passo, assumindo, assim, um caráter de provisoriedade que, a cada mudança de perspectiva vai revelando-se diferentemente. Outros elementos vão se incluindo e fazendo parte de sua constituição, cada vez de forma mais complexa, no sentido moriniano do termo. É algo que se assemelha à experiência de se ler um livro mais de uma vez; a cada leitura, outros sentidos vão sendo descobertos, ampliando outros já revelados e nos abrindo

para outros que poderão emergir em outro momento da leitura. Assim, o movimento de constituição da verdade se dá por *des-velamento*. A cada momento em que nos aproximamos, tiramos o véu que a envolve, mas, quase que imediatamente, ela se re-vela.

O fato de estarmos encaminhando este estudo numa perspectiva fenomenológica significa que estamos assumindo os limites do alcance das considerações aqui trabalhadas. Trata-se, tão somente, de uma perspectiva entre tantas outras que o tema possa suscitar. Porém, isto não significa, que não possua um valor no âmbito do conhecimento e da ciência. Significa antes de tudo, o reconhecimento da provisoriedade/transitoriedade e da mutabilidade das coisas, como a própria vida e a condição humana o são.

CRITELLI (1996) faz um comentário muito interessante a esse respeito e que achamos pertinente trazê-lo. Assim ela se expressa:

A experiência humana da vida é, originariamente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade; a segurança não está em parte alguma. E isto não é uma deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza (p.19).

Como nesta pesquisa nosso interesse é conhecer e compreender a experiência de adolescentes no seu processo de desligamento de uma instituição, ao que nos parece, a fenomenologia nos possibilita lidar com a fluidez a ela inerente, não como uma deficiência, mas como seu próprio modo de dar-se.

É nesta perspectiva que os depoimentos oferecidos pelos adolescentes serão, posteriormente, compreendidos. Pois, é neles e a partir deles, que buscaremos conhecer e

compreender o sentido de sua experiência de desligamento. Não com a intenção de chegar a sínteses conclusivas, mas de explicitar alguns sentidos por eles apontados, na medida em que lançam possibilidades de outro diálogo e composição.

Desta forma, torna-se imprescindível trazer os depoimentos em sua inteireza e não apenas fragmentos deles. Porque é no conjunto das falas por eles reveladas que a experiência dos adolescentes, em relação ao desligamento de uma instituição, poderá ser compreendida em seu significado possível, a partir da perspectiva que estamos adotando.

Trabalhamos com seis depoimentos, colhidos dos jovens que se colocaram à disposição, espontaneamente, para colaborar conosco. Alguns critérios, além da faixa etária, foram estabelecidos para a escolha dos nossos colaboradores/sujeitos para não nos perdermos em nossos objetivos.

Os critérios foram os seguintes:

- Adolescentes normais, do ponto de vista físico e mental.
- Sem nenhum vínculo ou contato com familiares fora da instituição (FUNDAC), por ocasião da pesquisa.
- Que não tivessem sido abrigados em outras instituições.
- Que estivessem abrigados na instituição há, pelo menos, cinco anos.

Antes, porém, da coleta dos depoimentos, que se deu no próprio local onde estão abrigados, conversamos com cada um dos adolescentes para explicitar os objetivos e a importância da colaboração deles para esta pesquisa. Somente após essa conversa é que partimos para a gravação dos depoimentos, seguindo enunciados como:

- Fale-me como é para você viver aqui.
- Fale-me como é para você saber que, em breve, terá que ir embora daqui.

- Fale-me de como você se sente indo embora daqui.
- Como é para você ir embora daqui?

Durante os depoimentos, nossas intervenções se limitaram à necessidade de conhecer mais ou compreender melhor o que estava sendo trazido pelo depoente, aparecendo incorporadas no texto literalizado.

Estes depoimentos foram transcritos e, posteriormente, literalizados, transformando-os em um texto transcrito sem, no entanto, alterar a fala e a intenção do depoente.

A literalização é um recurso utilizado na pesquisa fenomenológica em que o pesquisador aparece como alguém que se inclui e fazendo parte do que “*quer saber e do que ele pode ver*”, como testemunha daquilo que lhe é dito pelo depoente. Então, sem alterar as falas e o sentido das mesmas, corrige-se os vícios de linguagem, concordâncias e tempos verbais, utilizando-se das pontuações gráficas para expressar o ritmo da fala do depoente e assim poder permitir a leitura do leitor com sua própria interpretação. Mas ainda, é texto transcrito, exatamente pelo amálgama da experiência do depoente com a interpretação do pesquisador.

Neste sentido, CRITELLI (1996) nos faz ver que: “*O interrogador do real deve dispor a si mesmo como alguém a quem também deve voltar sua interrogação. Esse mesmo real que ele quer conhecer só chega a ser, inclusive, pelo seu olhar*” (p.134).

Por fim, de posse dos depoimentos, procedeu-se à elaboração da compreensão dos mesmos, buscando pontuar nos discursos dos sujeitos o(s) significado(s) emergente(s) da sua experiência de desligamento de uma instituição.

5.2 Elas mesmas...

As experiências narradas nos depoimentos pontuam o sentimento de estar sendo desligado de uma instituição. São falas muito mobilizadoras, muito pessoais e, ao mesmo tempo, coletivas. Por isso, nossos colaboradores não foram nomeados. As pessoas por eles referidas aparecem com nomes fictícios para evitar que sejam identificadas.

Todos os depoimentos trazem um título que foi pinçado dentre as narrativas. A intenção é introduzir o leitor no “clima” de cada um deles. Vale ressaltar que eles estão integralmente transcritos e literalizados nas páginas seguintes.

Para tornar mais didático ao leitor, resolvemos introduzir, após cada depoimento, nossa compreensão intencionando considerá-los em sua singularidade, no modo de como a experiência do desligamento significa para cada um dos depoentes para, posteriormente, contemplá-los em seu conjunto, em sua pluralidade.

Vamos acompanhá-los.

Polícia – Ladrão *

Para mim... é muito chato saber que vou sair daqui. Aqui... é o único lugar que tenho... Agora... não sei...

Vou ver se levo minha vida... daqui para frente... estudando bem muito... indo morar com meus irmãos...

Quando sair daqui... vou sentir saudades... vou sentir falta... porque aqui tem tudo para mim... é como se fosse minha mãe... Tem comida... roupa... casa... roupa lavada... E... saindo daqui... a gente não vai ter...

Vai ter que pagar água... arrumar trabalho ainda... para ter dinheiro... porque... sem dinheiro... a gente não vai poder pagar nada... não pode sobreviver!

Tem que estudar primeiro para poder ter um emprego certo.

Estou na sétima série.

Saindo daqui... vou sentir saudades das tias que cuidam da gente... dos diretores também,... porque... para mim... são todos ótimos. Nunca tiveram problemas comigo. Eles são... para mim... minha família...

Cheguei com três anos... agora... estou com dezessete.

Antes... aqui... era muito bom. Agora está um pouco “morgado”... Só tem meninos pequenos... porque... com os meninos grandes... a gente brincava muito... de polícia-ladrão.

* Depoimento oferecido por um adolescente do sexo masculino, de 17 anos de idade

Nossa compreensão...

Para este adolescente, a instituição se apresenta como a única referência que possui na vida, pois, desde os três anos de idade, quando foi abandonado, que se encontra nela abrigado. O sentimento que revela, através do seu depoimento, é o de ter sido acolhido, fazendo-o sentir-se pertencendo àquela Comunidade.

A instituição é comparada a uma “mãe-provedora”: “tem comida, roupa lavada, casa...” Nela as coisas básicas à sobrevivência foram supridas.

A saída da instituição, portanto, parece ter vivida como a perda de referências, fazendo com que se sinta no mais completo desamparo. Daí decorrem suas dúvidas e inseguranças quanto ao seu futuro.

O estudo se apresenta, para ele, como via de acesso ao mundo do trabalho para que possa garantir sua sobrevivência quando for desligado da instituição. No entanto, parece estar muito consciente das dificuldades que encontrará para se manter fora da instituição. Isso parece ser muito assustador para ele, porque se apresenta como desconhecido... que assusta qualquer um.

A vivência na Comunidade lhe propiciou experienciar relações afetivas com outros residentes e com os agentes institucionais (as “tias”), chegando a considerá-las e compará-las como sua família, porque são eles que cuidam dele. O sentido do cuidar, para este adolescente, parece estar atrelado à afetividade que permeia as relações entre eles e, sobretudo, porque são os agentes institucionais que tomam as providências quanto a comida, quanto a roupa, quanto a casa em toda sua dinâmica. Perder isso tudo seria como que perder as referências.

Eles são para mim... uma família*

Saber que em breve vou sair daqui... me faz sentir muito mal.

Quando sair daqui... gostaria de ir para uma casa que desse para mim e meu irmão morar... e ser muito feliz.

Quando sair daqui... não sei para onde é que eu vou... não tenho certeza para onde vou. Tenho meu pai... minha mãe... meus irmãos. Minha mãe tinha seis filhos... Minha avó morreu... Só está aqui eu e meu irmão... Mas eu vou sair primeiro que ele... pois ele só tem treze anos.

Quando sair daqui... eu não sei se vou procurar minha mãe, ainda... porque eu fui abandonada desde... um ano... Desde um ano não... fui abandonada novinha... e entrei na FUNDAC desde novinha.

Aqui... tem de tudo para mim... Se eu não estivesse aqui... não ia ter nada de bom no mundo para mim... Aqui... tem estudo... trabalho... reforço escolar... natação... passeio... tudo...

Vou sentir muita saudade daqui! Saudade das tias... da diretora... do diretor... das psicólogas... da estagiária... dos serventes... vou sentir saudades de todo mundo... porque me trataram muito bem...

Uma tia disse que queria que eu fosse morar com ela. Se ela quiser mesmo... eu vou morar com ela.

Quando chegar o dia de ir embora daqui... vou ficar muito triste... vou sentir muita

* Depoimento oferecido por uma adolescente de 16 anos de idade.

saudade daqui... Eles são para mim... uma família... porque cuidaram bem de mim... me receberam bem.... isso me faz ficar emocionada.

Nossa compreensão...

A experiência de ter sido abandonada quando ainda era um bebê, parece trazer-lhe uma mágoa profunda, provocando ressentimentos e revolta, ao ponto de não ver sentido em procurar sua mãe quando for desligada da instituição.

A iminência do desligamento traz à tona esta experiência de separação vivida em sua infância. Sair da Instituição é experimentar outra vez a separação. Para ela não deve ser fácil a situação porque é como estar se separando mais uma vez da “família” representada, agora, pela instituição.

Saber que em breve será desligada a faz sentir-se muito mal, muito triste e com muita saudade. É como estivesse se sentindo desalojada. Talvez sejam estes os seus sentimentos quando lembra que já possuiu uma família da qual teve que se separar sem a menor oportunidade de escolha, como acontece, de modo semelhante, na situação do desligamento. E aí, não tem como segurar a emoção pela separação, quando na instituição se sente bem cuidada e acolhida, como se fosse sua família.

A possibilidade de ir morar com uma “tia” (agente institucional) parece ser uma alternativa à falta de perspectiva e à incerteza de não saber para onde ir quando for desligada. Parece também representar a possibilidade de re-construção de “sua família”.

Para ela, a instituição foi sua “salvação”. Se não fosse ela “não ia ter nada de bom no mundo para mim... “. Sente como se a Comunidade lhe possibilitasse as condições básicas à sua sobrevivência, e, mais que isso, a afetividade.

A gente tem que se virar*

Eu me sinto feliz... saber que vou embora daqui... vou viver minha vida.

Mas... primeiro... a gente tem que ter um lugar para ficar... porque agora o Governo não está mais dando casa... antes dava... Agora... a gente tem que se virar... trabalhar... viver a vida da gente... arrumar um emprego em casa de família... arrumar um quarto para ficar... assim... em grupo... Por exemplo: eu e uma colega... depois... eu trabalho... ela também trabalha. Aí junta o dinheiro... pode alugar uma casa... um quarto para a gente ficar. Depois, quando a gente melhorar a nossa situação... arrumar um emprego melhor... para ganhar mais... para a gente comprar uma casa grande... para a gente viver nossa vida.

No momento, eu não estou trabalhando... Mas, já fiz estágio na sede da FUNDAC. Nesse estágio, protocolava papéis... levava papéis para as salas... Começava às sete horas da manhã até às doze. Fazia tudo isso e ganhava oitenta reais. Aí... depois...fiz besteira... Fui fugir daqui. Aí... perdi o estágio.

Depois voltei... comecei meu tratamento de rins no IMIP. Tenho problema renal... Mas, graças a Deus, estou muito melhor... Não precisei fazer hemodiálise.

Aí... a gente mesmo é que tem que se virar... é que tem que arrumar um trabalho... porque se for esperar pela secretaria... a gente vai sair daqui sem nenhum trabalho... Embora reconheça que eles nos ajudam demais... porque... procuram estágios para a gente... Mas, hoje é difícil ! porque exige escolaridade de segundo grau... e hoje eu ainda faço a quarta série... Se passar, vou fazer supletivo.

* Depoimento oferecido por uma adolescente de 16 anos de idade.

Falei com a diretora para arrumar um estágio para mim... Ela disse que o primeiro estágio que arrumar ia tentar me colocar... porque eu já estou perto de sair daqui... e o Governo não está dando mais casa para a gente...

Aí... eu trabalho... o dinheiro que eu ganhar, já que eu não tenho nada para pagar... luz... água... assim... essas coisas... Aí... eu pego... dou a ela... ela bota numa poupança... fica juntando... Quando sair daqui já terei alguma coisa na vida.

Sinto-me feliz em sair daqui... por uma parte... Porque... aqui...a gente não tem muita liberdade... Porque adolescente quer liberdade para sair onde quiser... e aqui não dá. Aliás... aqui dá... mas não é como a gente quer... como sair e chegar a hora que quiser. Mas, só que não pode. Temos que cumprir as ordens da direção e do Juiz... Porque, se acontecer algo com a gente, o Juiz vai reclamar com a direção... Ela cumpre as ordens do Juiz... e a gente tem que cumprir as ordens dela: “Tereza, você não pode estar saindo à noite, porque a rua é muito violenta”.

A gente tem que obedecer... Às vezes, ficamos com raiva... magoada... Mas, só que a gente tem que seguir em frente... porque... o mundo de hoje em dia não está dando para a gente viver com muita liberdade.

Por outra parte, aqui tem muitas tias que eu gosto... Aqui temos tudo o que a gente quer... tem roupa... comida na hora certa... e lá na rua não vai ter isso. Porque tudo que a gente tem que fazer agora... por um prato de comida... a gente tem que trabalhar. Ninguém dá um prato de comida de graça! A gente tem que trabalhar...

Aqui... a gente faz... muitas vezes a gente perturba... assim... não obedecer a ordem dela... Mas, só que ela entende a gente... ela compreende como é que a gente quer... Ela

conversa com a gente, dizendo que não podemos estar fazendo isso... porque, às vezes, pode ser prejudicial... pode ter alguma morte...

Uma menina que fugiu... se juntou com gente que não presta... e faleceu. Ela tinha treze anos. Ela queria liberdade. A gente dava conselhos para ela voltar... porque a rua não tem nada que dar. Mas, ela não ouvia... e ficou na rua... Ia para tudo que é lugar para se divertir (pagode, carnaval...). Um dia, um homem chegou no portão, chamou o monitor, e disse que... uma menina daqui tinha falecido... Disse as características dela... Foram no IML... fizeram o reconhecimento... confirmando que era ela. Quando fugi daqui... queria liberdade. Mas, a rua é muito ruim... e, por isso voltei. Tem gente na rua que morre por nada... Menor é estuprada... leva pancada na cabeça... mata... Os ladrões de hoje não têm pena! Aí... eu pensei bem... Desde esse dia, não fugi mais.

A gente saía à noite... das sete às dez horas... Só que a direção proibiu. Porque a rua está muito violenta... e pelo que aconteceu com a menina...

Por outra parte, sair daqui... vai ser ruim... Porque aqui tem tudo o que a gente quer. Temos o apoio das tias... Temos o apoio de muita gente... Toda pessoa que chega aqui... faz amizade com a gente... gosta da gente...

A gente também tem que entender um pouco as tias... porque... nem todo mundo entende a gente... Tem gente que nos discrimina... No colégio, onde estudo, há pessoas que nos discriminam, dizendo que não temos educação. Mas, a gente faz para abusar... de propósito.

Quando penso que vou sair daqui... me sinto mal... triste... Porque vou deixar as pessoas de quem gosto. Gosto de muitas tias daqui... e, vou deixá-las! Mas... se arranjar uma casa perto... venho visitá-las... e os meninos que gosto. Porque tem muitos meninos

aqui... que me apoiaram... me deram conselhos para não fugir. A gente conversa muito entre nós... para a gente se entender... cumprir as ordens.

Quando sair daqui... penso em trabalhar... penso... E agora que estou grávida, vou fazer o possível para trabalhar. Ninguém vai dar de graça as coisas que quero para o meu bebê. Tenho que trabalhar... arranjar uma casa... arranjar uma pessoa que dê apoio a mim... para ficar com o meu bebê... para eu ir trabalhar... Pelo menos, durante o dia... porque à noite, eu fico com ele. Tenho que fazer o maior esforço para cuidar dele... e de mim também... Já estou com sete meses de gravidez. As tias dizem que ele vai ficar, aqui, comigo, até eu sair. E, aí, ele já vai estar criado... vai estar com um ano e quatro meses... Aí vai ser bom... porque já vou poder trabalhar... em casa de família... como uma menina que saiu daqui: arranjou um trabalho em casa de família... até hoje. Ela tinha dezessete anos... Ela ainda estava aqui. Acho que hoje ela está com dezenove anos... É muito tempo! Lá... ela tem tudo... Tem o que quer. Ganha bem... come bem... veste bem... anda bem... anda bem vestida. Eu penso em fazer igual a ela... porque ela comprou a “ordem”... e foi muito esperta!... porque trabalhou numa casa... não deu certo... Arrumou outra... outro trabalho... e deu certo. Eu desejo que ela seja muito feliz... e viva muito bem... porque... uma vida dessa... a gente não pode ser feliz... Mas, a gente tem que ser... !

Eu queria... quando saísse daqui... que eu já estivesse num estágio... num bom trabalho... que eu ganhasse mais de oitenta reais. Pelo menos, dava para pagar um aluguel... de setenta reais... Ganhando mais um pouco de cem reais, já dava para me virar... enquanto não arranjasse um trabalho que ganhasse mais.

Nossa compreensão...

A saída da instituição é vivida por esta adolescente com muita ambigüidade: ora se sente feliz porque irá viver sua própria vida, com mais liberdade; ora se sente mal e triste porque irá se separar das pessoas que gosta e também pelas dificuldades que imagina encontrar para arranjar um emprego, em função de sua baixa escolaridade, o que torna difícil sua sobrevivência.

Viver a própria vida é um desejo que todos buscam. É a conquista da independência e da autonomia que se põe como desafio. Em certa medida, é isso que o desligamento representa para esta adolescente. A experiência de ter fugido da instituição para a rua, em busca de liberdade, parece, também, se inserir nesse contexto da busca de autonomia. Mas, a rua, comparada à instituição, é ruim porque a pessoa fica exposta a toda sorte de violência e também porque lá não se tem, ao menos, a garantia de um prato de comida na hora em que se necessita. O desligamento representa, também, a possibilidade de ficar exposto a tudo isso: ao desamparo, ao desabrigo e à insegurança.

Por outro lado, a vinculação afetiva possibilitada pela convivência dentro da Comunidade parece ser um fator que mobiliza muitos sentimentos na hora de ir, fazendo com que o momento de saída da instituição seja vivido com muita tristeza. As visitas que intenciona fazer, após o desligamento, parecem ser uma forma de amenizar o vazio, a solidão e as incertezas, não se desvinculando por completo. Desta forma, sair da instituição significa perder o apoio que recebe dos agentes institucionais e dos demais colegas, mas sentindo que leva referências que procura manter.

Sua primeira preocupação é ter um lugar para morar. Pois, antes, as coisas pareciam mais fáceis porque o Governo (FUNDAC) comprava uma casa para o grupo de adolescentes que estavam sendo desligados. Agora essa possibilidade parece ser muito remota em face das dificuldades pelas quais a instituição vem passando. Então, o caminho possível que a adolescente projeta é arranjar um estágio remunerado, antes do desligamento, para ir qualificando-se profissionalmente e fazer uma poupança para utilizá-la no momento devido. Faz planos para o futuro bem ancorados em sua própria realidade, revelando um cuidado ou um cuidar de ser, respaldado pelas referências recebidas.

Sua gravidez parece aguçar o peso da responsabilidade que terá pela frente, sabendo que não dará conta disso sozinha. Daí a necessidade, em seus planos, de uma pessoa que a ajude no cuidado com o seu bebê, quando estiver trabalhando. Aliás, trabalhar é o que mais deseja quando for desligada. O trabalho aparece como meio para garantir a sobrevivência e para não sofrer tanto quando estiver desligada. A partir do trabalho, ela pensa em outros projetos como alugar uma casa maior, tirar os irmãos da instituição, constituir família, entre outros. Parece, então, estar se encaminhando para responsabilizar-se por si e por outros no modo-de-ser-cuidado.

O negócio é um emprego*

Eu vou sair daqui... porque faz muito tempo que estou aqui... Não tive muito contato com a comunidade lá fora... como muitos daqui... Então, às vezes, falta interesse... Vai querer sempre ficar aqui... feito muitos que já saíram daqui, mas sempre estão aqui ao lado... todos os dias.

O que a gente queria quando sair daqui... é ter um emprego... sair com uma casa... para a gente não sofrer lá fora... Porque muita gente que saiu daqui... a maioria deles estão sofrendo... Os desligamentos são muito mal feitos... Não dão a casa direito... dão uma parte... outra não... Botam no mundo... não botam... Um fica na rua sofrendo... como alguns que eu já vi lá fora. Por isso é que eu queria sair daqui já com um emprego... uma casa... sair trabalhando para não sofrer lá... Porque, para arrumar emprego, lá fora, é muito difícil. Para quem tem estudo é difícil, imagine para quem não tem... que é o caso da gente aqui dentro. A gente não tem segundo grau completo... A maioria está num nível inferior ainda... primeiro grau. Eu, por exemplo, estou fazendo a oitava série.

É muito difícil para a gente arrumar emprego lá fora. O certo era... quando a gente saísse daqui... a FUNDAC desse logo um emprego e uma casa. Porque, sem isso, a gente vai sofrer de todo jeito lá fora...

O meu medo é sair daqui e não ter a sorte de arrumar um emprego lá fora... Aí é o caso que eu estou dizendo: ficar sofrendo ... Muitos trabalham... Mas, é um trabalho muito pequeno... não dá para... comprar comida... ajudar dentro de casa... É o

* Depoimento oferecido por um adolescente de 17 anos de idade.

fato que eu estou falando... da FUNDAC dar logo emprego e uma casa para gente. Isso seria o mais importante. Ou, então, pelo menos, uma casa.

Viver aqui dentro é muito melhor que estar na rua... sofrendo... É melhor do que estar... lá fora sofrendo... Aqueles que não têm casa, não têm família... estão pedindo esmolas por aí... roubando... Por isso que aqui dentro está muito melhor... Aqui dentro está muito melhor do que lá fora! Por isso que eu gostei daqui... gosto muito.

Já vai fazer oito anos que eu estou aqui... Cheguei em Casa de Carolina com sete anos e vim para cá com nove anos... E, a última vez que vi minha família... faz muito tempo... eu ainda estava na outra FEBEM, em Casa de Carolina. Me visitaram uma vez... mais nunca! Não tenho contato com eles... nada!... Sinto falta...

A mesma coisa é aqui dentro... Se a gente sair, vai sentir muita falta daqui porque... todo mundo aqui é uma família... Um vai sentir falta do outro. É por isso, que é bom ter uma família... Sou muito arrependido da vida... Tem horas que eu paro... penso... fico pensando como era minha infância... contar com minha família... Tenho algumas lembranças... Passeava... saía muito... Aqui não! Já é muito diferente da nossa família... Mas, eu gosto daqui. Porque, aqui, todos nós somos uma família. Ninguém deveria reclamar de ninguém... Eu sinto como uma família.

Aí é quando eu digo: saindo daqui a gente vai sentir falta daqui de dentro. Porque são muitos anos que estamos aqui... e muitos anos de convivência com esse povo todinho. É um fato muito doloroso para a gente. Sinto aqui como uma família... porque lá fora eu não vou ter essa... confiança que todo mundo aqui me dá... essa amizade... É o que eu estou dizendo: lá fora vai ser um pouco mais sofrido.

Falaram que, quando eu sair daqui, vão me dar uma casa... Agora, o que eu espero não é uma casa. Porque uma casa, para mim, não é uma vida. A vida para mim é um trabalho... um trabalho e uma escola. Porque sem escola e trabalho a gente não vive. Porque casa... a gente pode morar na casa de um colega... de um vizinho. Mas, o que importa mesmo é o estudo e o trabalho... Muita gente vive falando por aqui: “não... você é preguiçoso... não sei o que...”. Mas, também não é assim. A gente não pode estar fazendo o gosto de todo mundo... Tem que estar fazendo o gosto da gente também. É o que muita gente fala... mas não sigo os exemplos deles. Muitos vão pela cabeça do povo daqui... desses psicólogos...

Saindo daqui, vou levar algumas aprendizagens... vou levar os cursos que eu tenho... a responsabilidade que todo mundo aqui me dá... Tudo isso que eu aprendi, aqui, dentro da Comunidade... eu tenho que mostrar que aprendi, lá fora. Já fiz estágio na padaria da FUNDAC.

Eu queria mesmo é ter sorte de arrumar um emprego lá fora... que eu não tenho. A gente batalha, batalha... Muitos tiveram sorte... Agora, hoje em dia, está muito difícil, no momento. A minha preocupação maior é arrumar um emprego... porque a casa para mim... não me importo... o negócio é um emprego... e os estudos.

Não parei de estudar. Nunca desisto de estudar. Fui reprovado por uma coisa... mas sempre mostro que estudei aquilo... mas, não consegui passar. Mostro que faço meus esforços. Eu me esforço muito para passar... mas eu não consigo. Pelo menos estou mostrando para o povo que eu tenho capacidade para fazer aquilo... de passar... fazer alguma coisa de útil.

Também tenho vários cursos: informática, padeiro, eletricista, manutenção de micro, manutenção de máquina de lavar... Isso já ajuda... porque com esses cursos eu posso arrumar um emprego... entrar numa firma... Já facilita. Mas, também, o fato de ir arrumar... é muito difícil... porque tem que ter escolaridade... tem que ter experiência.

Nossa compreensão...

Para este adolescente, o desligamento da instituição é sinônimo de sofrimento. Quando se refere à experiência de outros adolescentes que já foram desligados, teme que o mesmo possa acontecer consigo. Em sua opinião, os desligamentos poderiam ser bem mais sucedidos se fosse dada a oportunidade ao jovem de um emprego, apesar de reconhecer que existe uma dificuldade generalizada, sobretudo, quando não se tem uma boa escolaridade, como é o seu caso e de tantos outros já desligados.

No entanto, a precariedade experienciada por este jovem na situação de desligamento traz à tona o sentimento de impotência diante dos desafios postos à sobrevivência. E não só. A impotência parece fundir-se com a questão da autonomia que, muitas vezes, não foi suficientemente trabalhada durante sua permanência na instituição. E aí, na fala deste adolescente, a responsabilidade de dar emprego e casa é da instituição denotando o despreparo que sente para enfrentar os desafios da vida. Desse modo, o desligamento experienciado como desalojamento, revelando a impotência vivenciada por este adolescente de cuidar de si e reconhecimento do “despreparo”.

Sentindo-se despreparado, o interesse em querer sair da instituição parece faltar, além do que há exemplos de outros que saíram e que estão sempre por lá, dando a entender que não estão conseguindo se auto-gerirem sem o apoio da instituição.

Viver na Instituição é melhor que estar na rua, porque nela ele se sente acolhido, por lhe oferecer segurança e proteção. A rua, para ele, é também sinônimo de sofrimento. Quem saiu da instituição e foi para a rua está sofrendo.

A Instituição aparece como alternativa em substituição à sua família que o abandonou quando tinha sete anos de idade. A convivência de sete anos com sua família agora faz parte de suas lembranças, funcionando como referencial para significar suas relações dentro da Instituição. A falta que refere sentir da família parece buscar preenchê-la na sua convivência com os agentes institucionais e demais residentes, os quais são, para ele, uma família.

Lembrar que possuiu uma família e que teve infância semelhante à maioria das pessoas, podendo desfrutar da convivência familiar, parece causar-lhe revolta.

Então, para este adolescente, sair da instituição é também muito doloroso e sofrido, porque, mais uma vez, se sente desamparado pela “família-instituição”. Sua experiência parece ser a de estar sendo abandonada mais uma vez.

A vivência que ele tem da instituição é de como se fosse uma família, pelos vários anos que já possui de convivência. A vivência é a de uma família que o acolheu, que lhe deu confiança e responsabilidades, criando vínculos. Por isso, não é fácil desligar-se dela. Vai fazer falta, vai sentir saudades...

Todavia, revela atitude crítica diante das questões que lhes são colocadas pelos agentes institucionais, ao referir que não pode estar fazendo o gosto de todo mundo, mas que também deve respeitar o seu, revelando como todo adolescente vive a ambigüidade de expressar sua subjetividade nascente.

Para ele, o que conta mesmo na hora do desligamento não é ter uma casa para morar. Não que isso não tenha importância. Mas o estudo e o trabalho parecem significar mais, porque é através deles que pense garantir sua sobrevivência, sobretudo através do trabalho, esperando contar com a sorte para poder arrumar um. Sentindo-se inseguro para

poder cuidar de si, repete a expectativa de que alguém o sustente, agora não mais a instituição, mas, “a sorte”, “o destino”, no sentido comum. Faz planos, mas não crê que dependam dele. Então, sua angústia quanto ao desligamento é, precisamente, saber se vai poder contar com a sorte. Os vários cursos profissionalizantes que já fez parece não serem suficientes para o seu engajamento no mercado de trabalho.

Meu castigo foi repetir*

Dona Lena quer o melhor para todos os meninos e todas as meninas. Mas, sendo... que, eu acho assim... ela quer que a gente saia daqui com um emprego melhor... com um futuro mais organizado. A gente sai daqui... com dezoito anos... já deve sair daqui formada, já trabalhando... E mesmo assim, a gente tem direito de não viver aqui dentro. Aqui não tem nada do que a gente quer. Tudo a gente tem que pedir. Tudo o que a gente quer, temos que comprar... e dividir com os outros. E aqui, não. Aqui é diferente.

Saber que vou embora daqui me faz sentir não... muito contente. Saindo daqui, não vou ter que ir mais para outra FUNDAC porque já serei de maior. Mas... eu vou sentir saudades, porque... eu sozinha no mundo, trabalhando só e sofrendo sozinha... não vou ter ninguém para me dar conselhos... para conversar comigo... eu não vou ter ninguém para compartilhar... e dividir meus sentimentos. Aqui, a gente sofre, mas temos com quem dividir. Temos amigos ao nosso redor... colegas... irmãos. Lá fora não teremos isso. Lá fora só tem inimigos.

Tenho cinco irmãos aqui, menores que eu. Tenho ainda outra irmã que não mora aqui... Ela está casada.

Vou sentir muita saudade daqui porque vou deixar alguns amigos, amigas do coração. Se eu sair daqui com dezoito anos e tiver um bom emprego, e nele permanecer até quando Deus quiser, eu tiro alguma menina daqui ou, senão, tiro meus irmãos, provavelmente... Quando sair daqui vou ter uma casa e vou ter o que Deus quiser.

* Depoimento oferecido por uma adolescente de 15 anos de idade.

Eu acho legal morar aqui porque, pelo menos, não estou na rua... matando, roubando... cheirando cola, se prostituindo. Aqui dentro é diferente... A gente estuda, come, dorme, brinca, tem aulas... Aula de dança, aula de música... Tudo o que a gente quer, temos aqui dentro... e lá fora a gente não tem nada.

Quando sair daqui vou sentir saudade das pessoas... de dona Lena, por exemplo. Todo mundo diz que ela é ruim. Mas ela não é ruim. Ela é ruim se a pessoa for ruim para ela, mas se não for... ela é muito boa. Ela é uma pessoa que também deve ter sofrido há algum tempo. Isso eu digo não porque eu sei algo da vida dela. Mas eu vejo pelos olhos dela. Ela sente pena da gente. Ela grita, reclama, nos põe de castigo. A gente fica de castigo quando não fazemos o que ela manda: se a gente não for para o colégio... ficamos de castigo... com toda razão, porque quem não quer estudar não quer nada com a vida... A maioria dos meninos, aqui, são assim... Quando vão para o colégio... vão bagunçar... quando não têm aula, dizem aleluia... E as coisas não devem ser assim. Eu mesmo, vou para o colégio mas... eu não bagunço muito como bagunço aqui, porque aqui eu tenho mais liberdade e no colégio tenho que estudar. Eu estou na quarta série porque repeti... ou melhor... a diretora da outra escola me botou na quarta série de novo porque eu aperreei lá... Fazer o que, não é? Meu castigo foi repetir... Mas, a quarta série para mim é moleza... A professora falou que eu já estou passada. Quando sair de lá vou fazer o supletivo.

Penso que, quando sair daqui, eu vou ter um emprego... e vou ter que construir a minha vida só. Por exemplo: eu saio daqui... trabalho, alugo um quarto...compro os móveis, de pouquinho em pouquinho, de segunda mão... vou vivendo e minha vida... Se Deus quiser, depois de muito, muito tempo... eu me caso... tenho... mais um filho, porque já tenho uma filha... a qual o juizado já tomou de mim... Tenho mais uma filha ou, como Deus

quiser, um menino... E assim vou viver minha vida... como uma família... com a minha família!

O juizado tomou a minha filha porque minha avó me denunciou dizendo que ela estava sendo maltratada. Mas foi mentira. Minha irmã, que é meio doida da cabeça, deu leite azedo para minha menina e, então, ela ficou com infecção intestinal. Teve que ir para o hospital... Eu fiquei aperreada! Disse à minha irmã que ficasse com ela no hospital porque eu não tinha mandado ela fazer aquilo com a minha menina... e, além do mais, eu não podia faltar ao emprego porque seria descontado do meu salário. Então, ela foi e eu fiquei trabalhando. Quando eu recebi o salário, fui visitar a menina... Depois de dois dias ela recebeu alta... foi para casa. Então, eu disse para a minha irmã que fosse trabalhar no meu lugar para que eu pudesse ficar com a minha menina... E assim foi feito: ela ficou trabalhando e eu fiquei com a minha menina em casa... Dei banho nela, dei comida... Depois de muito tempo, quando ela já estava boa, a levei para o colégio onde eu estudava para mostrá-la à minha professora... Minha professora a viu... aí tudo bem! Quando cheguei em casa... de manhã... à tarde eu levei minha menina, deixei lá com minha outra irmã e fui para Camaragibe, dizendo para ela que iria voltar logo porque, como havia recebido o salário, iria comprar as coisas que estavam faltando: fraldas descartáveis, leite, mamadeira... essas coisas. E ela concordou em ficar com a minha menina. Quando voltei, estava um carro parado, um médico perto da minha menina... as três enfermeiras do posto médico... ligando para o Conselho Tutelar... dizendo que minha filha estava sendo maltratada... E como minha avó é uma senhora de idade e minha irmã é nova e meus irmãos todos pequenos... a casa estava meio bagunçada. Casa que tem criança sempre é meio bagunçada! Então, minha menina estava, no berço, dormindo, o rádio na maior

altura... e estavam dizendo que minha menina estava sendo mal tratada. Eu disse que não. Depois de alguns minutos o carro chegou para levar minha menina... e disseram: “se você não der por bem eu vou levar por mal”! Então, eu pensei: “vou dar por bem minha menina... depois de dois dias vou visitá-la, quando receber um adiantamento de salário... e vou ver se tiro ela”. Naquele tempo eu era solteira... e meu ex-marido disse que não iria se meter e nem assumir a paternidade da menina. Ele desconfiava porque a menina nasceu branca dos olhos azuis. Minha família, em geral, são todos brancos. Só eu e meus irmãos que nascemos morenos porque somos de pais diferentes. Mas, minha mãe é galega... e minha filha deve ter puxado a ela. Ele achava que a menina não era dele. Depois que a menina completou três meses... era a cara dele todinha. Ele quis fazer o exame de DNA. Eu paguei o exame... e o resultado deu positivo, confirmando que a filha era dele. Mesmo assim, ele não quis assumir. Então, eu disse: “se eu fui mulher para fazer, sou muito mulher para assumir minha filha”.

Tomaram a minha filha... Eu fui na Casa de Carolina ver se ela estava lá... Ela não estava mais... Ela já estava adotada. E quem assinou toda papelada foi o juizado de Camaragibe... E eu me pergunto assim: “porque adotaram minha filha se não perguntaram para mim se eu queria botá-la para adoção ou se eu queria morar com ela ou não”? Isso não me perguntaram! Porque o direito é de saber da mãe... e não tomar assim, feito cachorro. Eu não a dei... Tomaram! Se não fosse isso, eu estaria com ela até hoje. Sei que ela está por aqui, porque, se ela sair do país eu vou atrás... Todo mundo diz que adolescente faz filho mas, depois, esquece. Eu fiz minha filha e não esqueço dela... Ela é fruto de mim. Fico muito revoltada com isso tudo!

Minha vida foi tão complicada... Já passei muita fome, já fiquei tuberculosa... já tive tantas doenças... meningite, dengue hemorrágica... Tantas coisas... Quase que eu morria. Mas... o que importa agora, é a pessoa saber o que quer na vida... é vencer... Acreditar N'aquele que está lá em cima olhando para gente... Se não acreditar, a pessoa não consegue nada... principalmente... a ter amor e amizade pelos outros, pelas pessoas que estão perto de nós.

Nossa compreensão...

Sair da instituição é ter que encarar a solidão porque imagina que não haverá com quem contar para compartilhar sua vida. A idéia que faz do mundo “lá fora” é de completa hostilidade, sendo o desligamento representado como total desamparo.

A experiência que relata vivenciar na instituição de ter com quem dividir e compartilhar sentimentos parece ser muito significativa para a adolescente. O desligamento, por sua vez, parece representar, entre outras coisas, o rompimento dessa experiência porque ameaça as relações e os vínculos estabelecidos na Instituição. Sair desta significa deixar “as amigas do coração”.

Para ela, viver na Instituição é diferente e melhor que estar na rua porque se tem a garantia das coisas básicas à sobrevivência. Essa garantia lhe possibilita fazer outras coisas como estudar, brincar, dançar... Estar na instituição com essas garantias básicas é uma forma de não precisar se marginalizar e de se prostituir para sobreviver.

Ao longo do seu depoimento observamos o quanto a solidão é vivida como uma ameaça. Revela o medo de não ter com quem contar quando não estiver mais sob os cuidados da Instituição. Às vezes que refere ter que construir a sua vida sozinha, parece estar fazendo uma solicitação de socorro, como se estivesse fazendo um apelo, indicando não acreditar poder cuidar de si mesmo.

Mas, mesmo assim, consegue pensar e refletir sobre possíveis projetos quando estiver fora da Instituição. O desejo de, no futuro, poder constituir uma família parece bastante vivo. É como se tudo já estivesse planejado detalhadamente.

O sentimento de revolta por se sentir injustiçada pelo fato do Juiz ter tomado sua filha e tê-la colocado para adoção, sem o seu consentimento, é algo muito forte dentro de si. Ao que parece, foi a partir daí que sua vida tomou outro rumo. Caso contrário, poderia ter sido diferente, como deixa transparecer quando fala neste episódio.

Mesmo contra sua vontade e sem o perceber, parece estar repetindo com sua filha sua história de abandono. Ter sido julgada “incompetente” para cuidar de sua filha causa-lhe revolta. Ao relatar este fato, parece haver um certo sentimento de culpa, o qual tenta encobrir quando refere não ter dado sua filha para adoção, mas, que a tomaram. Os outros (as irmãs, a avó, o ex-marido, as enfermeiras, o médico, o Conselho Tutelar e o juizado) é que aparecem como os culpados pela adoção de sua filha. Para ela, tudo parece ter sido consequência de um grande mal entendido. Por isso, o desejo manifesto de constituir uma família seja, talvez, uma maneira de resgatar isso de uma forma positiva.

Olhar para a própria vida e se dar conta do quanto foi complicada, com vários episódios de enfermidades, a lógica natural, devido às circunstâncias, seria não estar viva, como refere ao final do seu depoimento. Porém, isso não significou para a adolescente a falta de perspectiva. Parece que essa consciência despertou sua motivação para buscar a superação disso e acreditar que pode fazer algo por si mesma.

Minha confusão*

Não sei como explicar, como é para mim ir embora daqui... porque... eu estou confuso... porque... a FUNDAC, quando... joga... quando a gente faz dezoito anos, ela joga para fora e a gente fica... confuso... sobreviver... no mundo, está entendendo? Então... não sei como dizer...

Por isso, quero... que eles me ajudem, para que eu seja um rapaz... legal... decente... que eu saiba conviver na vida. Porque... como sei sobreviver aqui... eu também tenho que sobreviver na rua. Porque a rua não é como aqui dentro. Aqui dentro, temos tudo de graça: amor... carinho... comida... banho... dormida... Então, lá fora, a gente não vai ter isso. A gente vai ter que lutar, batalhar muito para sustentar... sozinho... Então,... a vida não é tão boa. Como eu sei que a vida, lá fora, é ruim... fico confuso na hora de sair daqui.

Então, quero pedir para eles me orientarem, em como sobreviver.... Eu não quero... ser um homem... assim... como todos pensam: ladrão... cabra safado... Esses tipos de homem. Eu quero ser um homem decente, saber respeitar... saber conviver com as pessoas... O que eu quero da minha vida mesmo, quando sair daqui.... é... me realizar... ter um trabalho ótimo... Ter tudo o que eu preciso, para poder ajudar minha família... porque já tenho dois filhos: uma menina e um menino... Então, em referência a esses dois não quero só lutar por mim, mas por eles dois também. Um deles está aqui, e o outro está lá fora. A mãe... da minha filha... levou ela com facilidade, pensando que tinha condições de criá-la... Mas... de repente... está sobrevivendo na rua.

* Depoimento oferecido por um adolescente de 16 anos de idade.

Então... eu peço para que... tia Lena... o seu Joaquim ... alguém daqui, me ajude... a... também ajudar essa criancinha, porque ela não pediu para vir ao mundo. Então, o que eu estou confuso é só a saída daqui... e como vai ser a vida dessa criatura. Mas, antes de me preocupar como vai ser a vida dela, eu tenho que pensar na minha, para depois poder ajudá-la, entendeu? Porque eu não quero vê-la... cheirando cola... na rua pedindo esmolas... se prostituindo... Eu quero para minha filha o que eu recebo: carinho, amor, saber conviver, saber respeitar... saber ser respeitada também... Então, o que eu quero para minha filha... é tudo o que eu também preciso. Se eu sou pai... agora tenho que saber... que o que eu recebi... vou ter que transmitir para minha filha, para que ela também saiba sobreviver. Porque... ela vai compreender como sobreviver no mundo... Se ela ficar na rua... não vai saber... o que é amor... não vai saber o que é... união... o que é respeito... Então, é isso o que eu quero dar à minha filha: amor, carinho... saber... respeitar... estudar... Também é importante estudo... Nunca deixar o estudo! Eu, antigamente, não gostava de estudar, entendeu? Pensava que o estudo... pensava, não é? Pensava que o estudo não era... o meu futuro. Então, eu ia para a escola... fazia que ia, mas não ia... O que eu queria mesmo... era melhorar o estudo... Saber... conservar o que é meu, o que é dos outros também, certo? Porque, não é assim... pegar aquilo que não é meu... Aí vem confusão... É isso o que eu quero.

Antes, eu não dava valor ao estudo. Mas, hoje... estou, mais ou menos, estudando por causa do trabalho. Mas, eu resolvi, alguns dias atrás que... não é assim a vida. Para você ser um homem na vida... ser aquele homem... precisa estudar... Como é que você vai querer um emprego sem o estudo? A melhor coisa para a gente... é o estudo. Por isso, eu resolvi... Tanta gente dizendo: “não, fulano, não é assim não... deixar... o estudo, não.

Vamos lutar para, assim, você ser um homem”... Então, eu... parei para pensar e entendi que... isso é verdade. Eu, agora, estou fazendo o supletivo do primeiro grau. Tenho que ir à luta!

Eu vinha, aqui dentro da Comunidade, há muito tempo perturbando... tirando liberdade... esculhambando os outros... Já era para eu ter tido uma oportunidade melhor. Mas, enquanto eu não queria... queria uma vida... assim... estragada... perdi as oportunidades. Então parei! Seu Joaquim e tia Lena me deram um conselho... legal: se eu não aprendesse a conviver... Se eu continuasse do jeito que estava... eu não iria me sair muito bem. Então, eu parei para pensar... e, até hoje, se não fosse a Comunidade, essas pessoas que trabalham aqui, eu não estaria mais aqui dentro... Estaria no meio da rua, como muitos estão. Tenho que agradecer, primeiramente, Àquele lá de cima e, segundo, a eles. Não posso dizer que eles sejam meus pais... Mas, tenho que respeitá-los como se fossem, porque me criaram desde pequeno. Então, agradeço a eles, também, pelo carinho, pelo amor... e, por terem me dado essa oportunidade... de um emprego... de um trabalho... Mas, eles me disseram que essa seria a última oportunidade... porque, se eu soltar essa, eu não terei outra. Então... essa oportunidade eu tenho que segurar... Se eu não segurar... não serei mais quem sou. Isto é um desafio para mim. Estou trabalhando na Secretaria de Saúde, na FUSAM... Lá é que devo fazer algo para o meu futuro. Lá, tenho que saber conviver... tratar bem as pessoas... Não só as de lá... As pessoas daqui também... Porque... se a gente quer respeito, então, tem que dar respeito. Não só aqui como lá fora... É isso!

A confusão que fica, quando penso que vou embora, é porque... assim... Eu fico olhando para os meninos que saíram daqui... Eles não têm aquela oportunidade que tiveram aqui dentro... Não têm trabalho, têm que... ser alguém... Eles vivem numa casa,

mas não têm aquilo que eles precisam. Então, minha confusão é essa: quando eu sair daqui..., o que será de mim? Se eu segurar essa oportunidade que tenho no trabalho, posso até ter conseguido uma oportunidade boa. Mas... eu assim... tirando as dificuldades que tenho aqui dentro... o que seria de mim? Então, o que me deixa confuso é em relação à minha saída daqui... porque aqui você tem... psicóloga, professora... Tem alguém para dar educação, saber respeitar... Lá fora, eu não vou ter isso! Porque se a gente cometer um erro... só um errinho, a gente vai para o chão. Então, é isso que me deixa confuso. Eu não sei como... sobreviver. Não estou confuso agora, mas quando chegar... a hora... assim... tenho que ir embora... pôxa! O que é que eu vou fazer?

Tem tanta gente que saiu daqui... saiu legal. Mas, agora ... caiu... “Escorregou no bago da laranja”. Teve um desses que teve toda oportunidade aqui... Era uma pessoa legal... Ele era doente... e, por isso, não queria... Queria viver na rua... e dizia que a rua era boa... que a rua era o seu futuro. Então, ele saiu... Vivia cheirando cola... pedindo esmolas... Um dia, ele apareceu morto. Então, assim... a gente ficou se questionando porque ele morreu.

Muitos daqui pensam que a vida é boa. A gente chega aqui... a gente diz: “Eu não quero viver aqui, porque aqui é um inferno, aqui é uma prisão...”. Mas, aqui... é o lazer da gente, é o futuro... para a gente conviver e aprender a conviver lá fora. A gente aqui, não é massacrado, não é maltratado... Tudo o que a gente precisa, eles nos dão. Mas, tem gente aqui... que nega... Nega todas as questões... tudo o que o pessoal aqui diz. Até agora, aqui, eu não neguei nada... porque eu sei também que... não é assim... Aquela pessoa está falando com você... e você... “ah! Que nada! É isso não! Eu quero é viver minha vida lá fora”! Então... aí ele não sabe... o que vai ser dele... se ele quiser um futuro... numa boa.

Não é assim que eu quero a minha vida. Eu quero da minha vida é ... sair bem daqui... com uma casa, um trabalho... Aqui, eu sinto o carinho que eles dão para mim. Lá fora, não vamos ter essa pessoa para nos dar conselhos, nos orientar por um caminho certo. Pelo contrário, vamos encontrar pessoas que vão dizer: “vamos ali assaltar, vamos ali roubar... Não, meu irmão, gazeia aula... deixa a aula prá lá... aula não é nada”. Está entendendo? Então, aqui... as pessoas estão para nos educar. Eles dão amor, dão carinho... Eu sinto como se fossem uma mãe para mim... uma mãe e um pai... que me dá respeito. Eu sinto que eles querem o melhor para gente. Eles nos ensinam amor, carinho... para que a gente possa, também, tratar bem os outros lá fora. Não é chegar lá fora... e um estranho falar com você, e você responder com grosseria. O que vão pensar? Vão dizer: “aquele cara saiu daquela FUNDAC... ao invés de ser educado, não, é mal educado”. Então, eles estão aqui para dar esse apoio para a gente... que a gente saiba... conviver. Se eles estão dando o amor e o carinho, você não quer... não é obrigado. Eles estão fazendo a parte deles. Porque... tem esse ditado: “quem avisa amigo é”. E tem um outro que diz: “se conselho fosse bom, não se dava, se vendia”. Se alguém acha que não precisa e vai pela própria cabeça... vai “rasgar a boca”.

Então, o que eles querem da gente é que saibamos sobreviver no mundo. Não é sair para ser um matador, estuprador... um ladrão... O que eles querem é que sejamos um cidadão de bem... Que sejamos pessoas boas... que, quando alguém perceber que fomos da FUNDAC, possam reconhecer que somos respeitados e que podem contar com nossa ajuda, quando precisarem. É isso que eles querem da gente... no futuro. Agora, se a gente não quiser... também eles não vão obrigar, não é? Eles estão fazendo... o que eles... dão para o filho deles, dão para... outras pessoas que precisam também... Então, se a pessoa

não quer, não é obrigado. Quem quiser um conselho do bem, que o receba. Se não quiser... fica livre.

Quando chegar o dia de ir embora daqui, não sei nem como é que eu vou me sentir... Não sei nem como explicar... porque... do jeito que eu estou confuso... eu não sei na hora. Mas, eu imagino muitas coisas... Chego até a ficar emocionado... como agora. A gente pode até pensar assim, na hora: “ainda bem que eu vou sair... daqui desse inferno”... Mas, quando chega lá fora, a saudade... bate... Porque você conviver aqui... por dois, três anos, por exemplo... e você conviver aqui com pessoas ótimas, com pessoas que lhes deram educação, que deram... isso tudo para você... que você está, hoje, preparado para ser um homem na vida. Então, você sente saudade... porque ninguém aqui trata com grosseria. Estão sempre disponíveis para conversar... tirar as nossas dúvidas... O que a gente precisa, eles dão... Então... a gente fica lá fora assim... pensando... A gente não vai ter aquele amor... aquele carinho que tivemos lá dentro... Aqui, a gente vai ter que se virar sozinho.

O que eu penso na hora de sair daqui... é ter que deixar meus amigos, meus irmãos... Quer dizer... porque aqui, todo mundo é irmão. Outros que moram aqui, dizem que não somos irmãos... Mas, somos... porque somos todos filhos de Deus. Então, eu fico assim... Pôxa! Deixar os amigos de lado... não vou ver mais eles... a gente não vai mais ter as brincadeiras que tivemos... Então... na hora de sair, a gente não vai ter mais isso. Aqui a gente tem lazer, se quiser sair no final de semana, a gente sai... vai para a praia... vai para qualquer lugar que a gente deseje. Agora, tem que pedir permissão e acertar a hora para sair e a hora para voltar. Então, eu acho isso aqui como... é como conviver numa casa... numa família. Aqui, para mim, não é uma Comunidade. É uma casa... Aqui tenho

meu pai, tenho minha irmã, tenho meus irmãos, tenho... minha mãe... tenho meus educadores também. Tenho vó... vô. Então, aqui, para mim, é uma casa. Eu estou convivendo... sabendo que são eles que estão me ajudando. É por isso que... a gente... fica confuso na hora de sair daqui. Lá fora não vai ter ninguém que nos ajude. Vamos ter que fazer tudo sozinhos.

Eu sou sozinho. Não sozinho... porque o Senhor... eu estou acompanhado com Ele, porque, se não fosse Ele, eu não estava... vivo hoje. Mas... a minha mãe morreu... meu pai morreu... Quando a FUNDAC me pegou, eu estava em Itamaracá... magro... magro de fome... comendo coisas do lixo. Vivia sozinho, na rua... não tinha casa... dormia num papelão, no chão. Então, o S. O S. Criança veio e perguntou se eu queria ir para a FUNDAC. Então, eu aproveitei a oportunidade, para ver se me dava bem. Me dei bem e até hoje estou na FUNDAC.

Se fosse possível... por mim eu não sairia daqui... porque aqui é como uma casa. Mas, como tem ordem para sair... tenho que sair.

Quando eu sair daqui, tenho que... O que eu ganhei aqui eu tenho que fazer lá fora. Não ser uma pessoa, assim... desonesta... saber respeitar os outros... Quero sempre seguir um caminho reto... sem sair nem um pouquinho... Quero ter sempre pessoas me apoiando.

Quando eu sair daqui espero... é ter uma família boa... ter um trabalho... Ter um trabalho bom... Estudo, também... porque... daqui para lá, não devo ainda ter terminado o supletivo... Então, quero estudar bastante... saber... tudo do mundo, do que as pessoas falam... principalmente sobre relações sexuais... porque é uma forma de prevenção à minha saúde... Porque, se você arranja uma outra namorada... gostosinha... filezinho...

você não sabe o que tem no corpo dela... nem que “peça” ela é. E, por isso, você tem que entender mesmo sobre essas coisas.

O que eu quero para mim é um futuro ótimo... é isso o que quero.

Nossa compreensão...

Para este adolescente, o desligamento é vivido com muita confusão. Sente estar sendo “jogado” em um mundo sem saber como nele sobreviver. Sente-se confuso e não entende como uma Instituição que o acolheu, que lhe deu amor e carinho, agora o abandona sem que ainda não tenha condições de se virar sozinho. Seu relato está permeado por uma angústia intensa, mas está experienciando como paralizadora e não de confronto com o abandono para ir adiante.

Por se sentir completamente despreparado, parece haver o receio de não seguir um rumo na vida quando for desligado. A vida, fora da Instituição, é vista com pessimismo, exigindo de si muito esforço para se manter, sem cair na marginalidade. Aliás, a marginalidade, para ele, é um grande fantasma que o atormenta e do qual tem receio. Por isso, em seu depoimento, parece haver um pedido constante de ajuda para não sucumbir à marginalidade. A todo momento faz um apelo para que os agentes institucionais o ajudem a “saber conviver na vida” para não se tornar um marginal. No entanto, apesar disso, consegue traçar para si um modelo positivo daquilo que pretende ser, vendo o trabalho como um meio para atingir esse fim.

O fato de já ser pai, pela segunda vez, parece pesar no planejamento do seu futuro, daquilo que deseja para si e para os seus filhos. No entanto, a realidade de sua condição, no momento, traz a consciência de que não poderá cuidar dos filhos sozinho, necessitando da ajuda da Instituição. O medo que sente de não dar certo, para não se tornar um marginal, também permeia o futuro dos filhos, como assim o pensa. A impressão que fica é o desejo

que os filhos não repitam sua história e não tenham o mesmo destino de morar numa instituição.

A incerteza do futuro o assusta e o deixa bastante inseguro, chegando a mostrar-se indefeso, despreparado. A consciência que possui das várias oportunidades perdidas provoca-lhe arrependimento, pois se as tivesse aproveitado poderia estar em outra situação quanto as suas perspectivas após o desligamento. Agora, seu maior desafio parece ser aproveitar a última oportunidade de estágio que lhe está sendo dada, bem como valorizar mais os estudos.

No entanto, tem a consciência de que essa oportunidade que lhe está sendo dada não significa tranquilidade e segurança na ocasião do desligamento. O futuro continua sendo muito incerto. As oportunidades, sobretudo de emprego, são muito poucas. Então, delegar aos outros, à instituição, a responsabilidade pelo que está ou que pode vir a acontecer consigo parece ter sido o modo que encontrou para lidar com sua angústia. Talvez seja uma maneira de proteger-se do medo de não dar certo, e do fantasma da marginalidade, revelando não acreditar em sua competência para cuidar de si. Até porque ele tem exemplos de colegas que se desligaram da Instituição numa boa situação, com casa para morar, com emprego definido, mas que depois “escorregaram no bago da laranja”.

A instituição lhe propicia tudo o que necessita e, por isso, fica difícil encarar o desligamento como uma coisa boa e sem sofrimento. Ela também favorece uma convivência que, em seu relato, se assemelha a uma família. Identifica os agentes institucionais como figuras substitutas de pai, de mãe e irmãos.

A visão que possui da vida fora da instituição é de que seja ruim, porque terá que se virar sozinho e não terá pessoas que o orientem para o caminho correto, como buscam fazer os agentes institucionais.

O sentimento de confusão quanto ao desligamento é saber que não vai poder contar com o apoio das pessoas que lhe deram acolhida, pelo menos da forma como imagina. Expressa a intensidade da perda desse apoio referindo-se à saudade que sentirá. É a saudade da separação. Lá fora terá que fazer tudo sozinho. Isso é assustador porque parece não se sentir competente. Teme não poder contar com o apoio das pessoas quando não estiver mais na Instituição.

Então, para este adolescente, a depender de sua vontade, jamais sairia da Instituição, porque foi nele que ele depositou uma boa parte de sua vida e que acredita ser capaz de cuidar dele para não perder-se no mundo como os outros.

5.3 Como compreendê-las

Toda tentativa de compreensão já é uma interpretação. E, para interpretar, faz-se necessário uma visão mais ampliada que possa trazer o entrelaçamento entre as várias questões que são levantadas. Uma interpretação é uma entre tantas outras possibilidades de compreensão. Nesta perspectiva, ALMEIDA (1995) nos faz ver que *Interpretar não é uma atividade que resulta na obtenção de informações, mas é a elaboração das possibilidades que o compreender projetou. É pelo **ver-em-torno** que o mundo sempre já compreendido se interpreta* (p.13).

O nosso percurso pelos depoimentos traz isso como pano-de-fundo.

Olhando para o conjunto dos depoimentos fomos tocados por alguns aspectos por eles suscitados, conduzindo-nos, dessa forma, para algumas interpretações/articulações que nos foram possíveis, como mosaicos que foram sendo compostos a partir das narrativas. Nessa medida, alguns temas foram emergindo, de forma significativa, como constituintes da composição que ora passamos a apresentar.

Ressaltamos ainda que no início deste estudo, trouxemos o depoimento da equipe técnica como forma de apresentação do espaço institucional, a partir do qual tecemos algumas considerações. Tomamos esse panorama como referência para contextualizar a fala dos adolescentes colaboradores, tendo em vista que o modo de funcionamento e a dinâmica institucional são fundamentais à compreensão das experiências por eles narradas.

5.3.1 O acolhimento

A Comunidade Rodolfo Aureliano (CRAUR) possui um modo de funcionamento que possibilita aos adolescentes sentirem-se acolhidos e cuidados.

“Eles são para mim... uma família... porque cuidaram bem de mim... me receberam bem... Isso me faz ficar emocionada”.

A proximidade das relações estabelecidas na Comunidade parece fundamentar o modo de como os adolescentes se referem à Instituição, levando-os a experienciarem-na como se fosse uma família; uma família que cuida e que acolhe.

“Então, eu acho isso aqui como... é como conviver numa casa... numa família. Aqui, para mim, não é uma Comunidade... É uma casa. Aqui, tenho pai, tenho minha irmã, tenho meus irmãos, tenho... minha mãe... tenho meus educadores também. Tenho vó... vô. Então, aqui, para mim, é uma casa”.

Relatar o sentimento de que, para eles, a Instituição é como se fosse uma família, parece ser um modo de expressarem a experiência de sentirem acolhidos por ela. Esse acolhimento é mediado pelas “tias” e pelos educadores, que aparecem nos depoimentos como figuras significativas que, na vivência dos adolescentes, vêm substituir as funções das figuras parentais.

No entanto, os próprios adolescentes sabem e relatam que os agentes institucionais não são, de fato, sua família, no sentido que, hodiernamente costumamos concebê-la,

quando levamos em conta apenas os laços de sangue e parentesco. Mas, para eles, é como se fossem...

“Não posso dizer que eles sejam meus pais... Mas, tenho que respeitá-los como se fossem, porque me criaram desde pequeno”.

O acolhimento, vivenciado por eles, parece proporcionar-lhes uma certa segurança diante da experiência de terem vivido, na própria pele e de forma concreta, o abandono e o desamparo, lembrado com muita emoção e sentimentos, conforme a experiência de cada um.

“... a última vez que vi minha família... faz muito tempo (...) Me visitaram uma vez... mais nunca! Não tenho contato com eles... nada! Sinto falta... “.

“... a minha mãe morreu... meu pai morreu... Quando a FUNDAC me pegou, eu estava em Itamaracá... magro... magro de fome... comendo coisas no lixo. Vivia sozinho, na rua... não tinha casa... dormia num papelão, no chão.”

Diante dessas circunstâncias, de total desamparo e desabrigo, que a vida lhes impôs, parecem reconhecer que as “tias” e os educadores são as pessoas que, no momento, podem contar porque se sentem cuidados por eles. Esse cuidado vivenciado na relação com os agentes institucionais faz com que os adolescentes criem referências, muito embora que, em alguns momentos, esses agentes não se apercebam dessa dimensão que o seu papel

representa na vida desses adolescentes. Neste aspecto, o modo como se sentem acolhidos pela Instituição proporciona ao adolescente não só o estabelecimento de vínculos e referências afetivas, mas, também possibilita uma certa segurança quanto às condições mínimas necessárias à sua sobrevivência.

“Eu acho legal morar aqui porque, pelo menos, não estou na rua... matando, roubando... cheirando cola, me prostituindo. Aqui dentro é diferente... a gente estuda, come, dorme, brinca, tem aulas... Tudo o que a gente quer, temos aqui dentro... e lá fora a gente não tem nada”.

A Instituição é, também, uma alternativa para não ficar na rua e para não cair na marginalidade, como pontuou esta adolescente. Nestas circunstâncias, a Instituição se apresenta como aquela que a tudo provê, representando, para os adolescentes, a garantia de terem assegurado a sobrevivência, pelo menos, enquanto nela permanecerem.

O acolhimento proporciona a vinculação, fazendo-os experienciar o sentimento de pertencerem a um grupo de convivência e de referência, com o qual compartilham experiências.

“Aqui, a gente sofre, mas temos com quem dividir. Temos amigos ao nosso redor... colegas... irmãos (...).

Vou sentir muita saudade daqui porque vou deixar alguns amigos, amigas do coração”.

“Se a gente sair, vai sentir muita falta daqui, porque... todo mundo aqui é uma família... Um vai sentir falta do outro”.

Todavia, na medida em que o momento da saída da Instituição vai se aproximando, por ocasião da maioridade, os adolescentes parecem começar a viver e a experimentar um certa sensação de desalojamento, pela iminência e inevitabilidade do desligamento.

5.3.2 O desligamento

Pensar no desligamento institucional é sempre muito difícil para os adolescentes.

“Não sei como explicar como é, para mim, ir embora daqui... porque... eu estou confuso... porque... a FUNDAC (...) quando a gente faz dezoito anos, ela joga para fora e a gente fica... confuso (...) Então... não sei como dizer...”.

O processo que envolve o desligamento é vivido com muita ambigüidade. Por um lado, significa estar entrando na maioridade, podendo exercitar a capacidade de escolha com mais liberdade, sem precisar, a todo momento, ter que dar satisfações sobre sua vida. É como estivessem saindo do “controle” da instituição.

“Eu me sinto feliz... saber que vou embora daqui... vou viver minha vida (...) Porque... aqui... a gente não tem muita liberdade... Porque adolescente quer

liberdade para sair onde quiser... e aqui não dá. Aliás... aqui dá... mas não é como a gente quer... como sair e chegar a hora que quiser”.

Por outro lado, de forma muito mais intensa, o desligamento, para os adolescentes, representa sofrimento, porque significa, em suas vivências, a perda dos únicos referenciais, tanto afetivos quanto maternos que no momento possuem, imaginando que, a partir daí, terão que se virar sozinhos para garantirem a própria sobrevivência. Então, é um momento em que muitas questões são mobilizadas nos adolescentes.

“... é muito chato saber que vou sair daqui. Aqui... é o único lugar que tenho. Agora... não sei”.

“Quando chegar o dia de ir embora daqui, não sei nem como é que eu vou me sentir... Não sei nem como explicar... porque... do jeito que eu estou confuso... eu não sei na hora. Mas, eu imagino muitas coisas...”

Estas falas são profundamente reveladoras das inquietações que os afligem. Neste momento de preparação à sua saída, parece darem-se conta, efetivamente, das implicações concretas do abandono em suas vidas. Para onde ir e o que fazer quando forem desligados são questionamentos que começam a tomar parte em seu cotidiano.

“Quando sair daqui... não sei para onde é que eu vou... não tenho certeza para onde vou”.

O fato de não haver, nessa situação possibilidades de escolhas entre sair ou permanecer na Instituição, faz com que o jovem utilize, na maioria das vezes, inconscientemente, de todos os meios para retardarem, o quanto puderem, sua saída. O “boicote” que eles promovem em relação a eles mesmos, como foi pontuado pela equipe de profissionais em seu depoimento, parece fazer sentido em função de todas as questões que, nesse momento, são mobilizadas.

“... me sinto muito mal... triste... porque vou deixar as pessoas de quem gosto...”.

“Viver aqui é muito melhor que estar na rua ... sofrendo...”.

“O meu medo é sair daqui e não ter a sorte de arrumar um emprego lá fora...”.

Então, não é fácil, para eles, de repente, lidar com essa nova e, ao mesmo tempo, velha situação porque, provavelmente, a experiência vivenciada seja a de estar sendo abandonados novamente, desta vez, pela Instituição. Não foi sem razão que alguns deles, em seus depoimentos, evocaram o abandono familiar. Isso nos leva a pensar que, na ocasião em que foram abandonados por suas famílias, quase nada puderam fazer para protestar e manifestar seu desejo, uma vez que ainda eram bebês ou crianças de pouca idade. Porém, agora, apesar de guardar semelhanças no nível experiencial, a situação se apresenta de forma diferente e com outras possibilidades.

Desta forma, o “boicote” que os adolescentes promovem parece ser uma maneira de, agora, manifestarem seu protesto, sua insatisfação, sobretudo ao modo de como são des-preparados* e realizados os desligamentos.

“O que a gente queria quando sair daqui... é ter um emprego... sair com uma casa... para a gente não sofrer lá fora (...) os desligamentos são mal feitos...”

Contudo, isso não significa, necessariamente, o desejo de permanecerem na Instituição pelo resto da de suas vidas. Mas, revela, isto sim, o despreparo emocional e material em que se encontram para gerirem suas próprias vidas, longe da tutela institucional.

Nestas circunstância e diante dos desafios que a vida lhes impõe para garantirem sua sobrevivência, parece conveniente e, até certo ponto, compreensível o desejo de permanecerem sob a proteção institucional.

“Se fosse possível... por mim eu não sairia daqui (...) Mas, como tem ordem para sair... tenho que sair”.

Nas experiências dos adolescentes, o desligamento institucional precipita a angústia saberem-se acolhidos, amparados pela Instituição, mas tendo que encarar e vivenciar a separação, levando-os a experienciá-la como total desamparo. A segurança que imaginam

* Este termo, aqui, possui um duplo sentido: refere-se à falta de preparo dos próprios adolescentes para lidarem com a situação do desligamento; e à precariedade com que os desligamentos são realizados pela Instituição.

ter sob a tutela institucional parece, agora, transformar-se em incertezas e dúvidas, traduzidas pelos questionamentos em torno do que fazer, quando deixarem a Instituição.

“Eu não sei como sobreviver. Não estou confuso agora, mas quando chegar... a hora... assim... tenho que ir embora... Pôxa! O que é que eu vou fazer”?

É como se ele não se sentissem seguros e com condições de caminharem com os próprios pés. A separação iminente e inevitável, ao que parece, faz com que eles se dêem conta da possível falta de preparo para o exercício de sua autonomia, levando-os a delegarem a outros, que no momento representado pela Instituição, a responsabilidade sobre as possibilidades quanto ao seu futuro.

Isto nos faz pensar o quanto eles se sentem amedrontados e temerosos diante desta situação porque, dentre as várias possibilidades levantadas, uma delas é a de não conseguirem dar conta de suas vidas sozinhos, sem o apoio institucional. Esta possibilidade parece ser reforçada pelo fato de já possuírem exemplos de colegas que foram desligados e que não estão conseguindo se manter e, por isso, estão sempre buscando o apoio da Instituição para sobreviverem.

“Eu fico olhando para os meninos que saíram daqui... Eles não têm aquela oportunidade que tiveram aqui dentro... Não têm trabalho... tem que... ser alguém... Eles vivem numa casa, mas não têm aquilo que eles precisam”.

Esta situação parece ser reveladora de uma possível falta de confiança em si mesmos, como se estivessem sentindo-se incapazes de conduzirem suas próprias vidas numa perspectiva de futuro.

“Então, quero pedir para eles me orientarem em como sobreviver... Eu não quero... ser um homem... assim... como todos pensam: ladrão... cabra safado... esses tipos de homens”.

Este apelo denota o quanto os adolescentes depositam na Instituição suas aspirações e perspectivas quanto ao seu futuro. Eles esperam que ela atenda a todas às suas necessidades e demandas. A dinâmica Institucional parece contribuir para a emergência dessas posturas, na medida em que assume o papel de provedora. Então, não é sem razão que, para os adolescentes, o desligamento é experienciado como “estar sendo jogado”, sem qualquer garantia de que conseguirão sobreviver sozinhos, sem o aparato institucional.

“... vou sentir saudades daqui... vou sentir falta... porque aqui tem tudo para mim... Saindo daqui... a gente não vai ter...”.

Compreendemos que é com toda boa vontade que os agentes institucionais empenham-se e se preocupam em oferecer o melhor para os adolescentes. Porém, o desejo de a tudo querer suprir, em face das demandas apresentadas pelos jovens, parece estimular comportamentos tendentes à passividade, ao comodismo, podendo, inclusive, gerar

sentimentos de incapacidade para gerirem suas próprias vidas, com autonomia e independência, comprometendo, assim, todo o processo de desligamento.

Os próprios adolescentes apontam situações em que alguns colegas saíram da Instituição em condições consideradas por eles como favoráveis: saíram com uma casa para morar e com um emprego. Porém, algum tempo depois, tomaram outro caminho na vida. Como já pontuamos anteriormente, isso, para eles, é profundamente ameaçador porque os coloca de frente com a possibilidade do fracasso, de não darem certo, conforme suas próprias expectativas.

“Tem tanta gente que saiu daqui... saiu legal. Mas, agora... caiu. Escorregou no bago da laranja. Teve um desses que teve toda oportunidade aqui... era uma pessoa legal (...) Queria viver na rua... e dizia que a rua era boa... que a rua era o seu futuro. Então, ele saiu... Vivia cheirando cola... pedindo esmolas... Um dia, ele apareceu morto. Então, assim... a gente ficou se questionando porque ele morreu”.

A situação proporcionada pelo desligamento conduz os adolescentes a pensarem e a refletirem sobre que direcionamento irão dar às suas vidas. Porém, parecem não confiar como sendo capazes de fazer isso. É como se, antes, esses questionamentos não os inquietassem e não tomassem parte de suas preocupações cotidianas, em função de delegarem à Instituição o papel de provedora (casa, comida, vestuário, lazer, etc.) e/ou por questões ligadas ao processo de maturidade que, agora por ocasião de adolescência, começam a aflorar.

5.3.3 Os Projetos

Paradoxalmente, a situação do desligamento, vivida pelos adolescentes como precariedade e desamparo, parece conduzi-los à reflexão a respeito de sua vida, dos seus projetos e de suas perspectivas quanto ao futuro.

“Quando sair daqui... gostaria de ir para uma casa que desse para mim e meu irmão morar... e ser muito feliz”.

O desejo de ter uma casa para morar é o desejo de todos. Talvez, porque, a casa represente para eles o lugar de abrigo, de proteção e de acolhimento, em contraposição à rua, referida por eles como hostil, violenta e ruim.

“Quando fugi daqui... queria liberdade. Mas, a rua é muito ruim... e, por isso, voltei. Tem gente na rua que morre por nada... Menor é estuprada... leva pancada na cabeça... mata... Os ladrões de hoje não têm pena! Aí... eu pensei bem... Desde esse dia, não fugi mais”.

A casa, o trabalho e o estudo aparecem como aspectos fundamentais em seus projetos. O sentido e a representação disso na vida desses adolescentes parece assumir contornos bastante acentuados porque, para eles, simbolizam a realização do desejo de não ficarem desamparados e desprotegidos. É uma questão de sobrevivência.

“A vida (...) é um trabalho... um trabalho e uma escola. Porque sem escola e trabalho a gente não vive. Porque casa... a gente pode morar na casa de um colega... de um vizinho. Mas, o que importa mesmo é o estudo e o trabalho...”.

Pensam garantir a sobrevivência através do trabalho e do estudo que, também, lhes possibilitarão a realização de outros projetos...

“Se eu sair com dezoito anos e tiver um bom emprego e nele permanecer, eu tiro alguma menina daqui ou, senão, tiro meus irmãos, provavelmente”.

... e, também, de não sofrerem “lá fora”...

“O que a gente queria quando sair daqui... é ter um emprego (...) para a gente não sofrer lá fora... Porque muita gente que saiu daqui... a maioria deles está sofrendo...”.

Pelo exemplo dos outros, os adolescentes sabem que não será fácil a vida depois que forem desligados da Instituição. Terão que, de certa forma, virarem-se sozinhos para sobreviverem. Parece vivenciarem o sentimento da mais completa solidão, do abandono.

“Saber que vou embora daqui me faz sentir não... muito contente. Saindo daqui, não vou ter que ir mais para outra FUNDAC porque já serei de mair. Mas... eu vou sentir saudades, porque... eu sozinha no mundo... não vou ter ninguém para me dar

conselhos... para conversar comigo... eu não vou ter ninguém para compartilhar... e dividir meus sentimentos”.

O fato de imaginarem-se sozinhos, após o desligamento, é profundamente ameaçador. A possibilidade de experienciarem a solidão, a falta de apoio, causa-lhes medo porque não sabem o que poderá ocorrer consigo.

“Aqui, eu sinto o carinho que eles dão para mim. Lá fora, não vamos ter essa pessoa para nos dar conselhos, nos orientar por um caminho certo. Pelo contrário, vamos encontrar pessoas que vão nos dizer: vamos ali assaltar, vamos ali roubar... Não, meu irmão, gazeia aula... deixa a aula prá lá... aula não é nada”.

Desse modo, o que eles imaginam para si, enquanto perspectiva de futuro, pode ser desvirtuado em função das múltiplas questões ligadas à sobrevivência, como a falta de preparo sentida por eles e as dificuldades em engajarem-se no mercado de trabalho, como eles mesmos pontuam.

“... tenho vários cursos: informática, padeiro, eletricista, manutenção de micros, manutenção de máquina de lavar... Isso já ajuda (...) Já facilita. Mas, (...) é muito difícil... porque tem que ter escolaridade... tem que ter experiência”.

Então, desse modo, para alguns adolescentes, para se arrumar um emprego não é suficiente confiar em si mesmo e nas qualificações profissionais nas quais investiram. Para eles, parece melhor confiar na sorte.

“Eu queria mesmo é ter a sorte de arrumar um emprego lá fora... que eu não tenho”.

A consciência que eles possuem acerca das dificuldades que irão enfrentar os fazem bastante realistas em suas pretensões futuras. É a consciência das limitações concretas por eles vivenciadas que parecem nortear o modo de como pensam se organizar quando deixarem a Instituição.

“Penso que, quando sair daqui, eu vou ter um emprego... e vou ter que construir a minha vida só. Por exemplo: eu saio daqui... trabalho, alugo um quarto... compro os móveis, de pouquinho em pouquinho, de Segunda mão... vou vivendo a minha vida... Se Deus quiser, depois de muito, muioto tempo... eu me caso... tenho... mais um filho, porque já tenho uma filha (...) E assim, vou viver minha vida... como uma família... com a minha família”!

Todavia, para alguns a consciência destas dificuldades os fazem refugiarem-se na crença de que, quando forem desligados, a Instituição providenciará casa, trabalho e estudo, como se fosse um “dote” que, obrigatoriamente, teria que dar a todos eles.

“É muito difícil para a gente arrumar emprego lá fora. O certo era... quando a gente saísse daqui... a FUNDAC desse logo um emprego e uma casa. Porque, sem isso, a gente vai sofrer de todo jeito lá fora...”.

Por outro lado, os adolescentes reconhecem que os agentes institucionais empenham-se ao máximo para favorecerem oportunidades que viabilizem um melhor preparo para quando chegar o momento de irem embora.

“Dona Lena quer o melhor para todos os meninos e todas as meninas (...) ela quer que a gente saia daqui com um emprego melhor... com um futuro mais organizado”.

“Falei com a diretora para arrumar um estágio para mim... Ela disse que o primeiro estágio que arrumar ia tentar me colocar... porque eu já estou perto de sair daqui...”.

Mas, também, reconhecem que, eles mesmos, por motivos diversos, perdem algumas oportunidades.

“Eu vinha, aqui dentro da Comunidade, há muito tempo, perturbando... tirando liberdade... esculhambando os outros... já era para eu Ter tido uma oportunidade melhor. Mas, enquanto eu não queria... queria uma vida assim... estragada... perdi as oportunidades”.

Olhar para o futuro parece conduzir os jovens a olharem o tempo em que permaneceram na Instituição. Nesta re-vista, as oportunidades que não foram, por eles, devidamente aproveitadas, parecem chamá-los à responsabilidade que também sobre si mesmos e sobre as suas reais possibilidades quanto ao futuro, após o desligamento. No entanto, tudo parece se inserir num contexto de aprendizagens que eles levarão consigo.

“Saindo daqui, vou levar algumas aprendizagens... vou levar os cursos que eu tenho... a responsabilidade que todo mundo aqui me dá... Tudo isso que eu aprendi, aqui, dentro da Comunidade... eu tenho que mostrar que aprendi, lá fora”.

6. CRIANDO SENTIDOS

“... a objetividade das coisas está nas coisas mesmas como uma de suas possibilidades então desvelada” (CRITELLI, 1996).

Existe um jogo que se chama mosaico grego. É um joguinho com peças variadas quanto ao tamanho, à cor e à forma. Quando acopladas e/ou encaixadas umas às outras, aleatoriamente, resultam numa infinidade de composições, como mosaicos. É uma brincadeira que exige criatividade. Cada participante, utilizando sua capacidade criativa, poderá compor belíssimos mosaicos. Vamos brincar?

O que pretendemos fazer agora é bastante semelhante à brincadeira do mosaico grego. Com as peças que possuímos, poderemos criar variadas composições. Vamos apresentar-lhes algumas delas. Mas, não esqueçamos que há outras possibilidades...

Cada gesto humano é sempre um fazer nascer algo novo ou de novo e, assim, iniciar uma trama que vai se complementando pelos outros, que, por sua vez, também por seu gesto, vão iniciando algo novo ou de novo (CRITELLI, 1996: 102)

Vimos quantas questões são mobilizadas no adolescente institucionalizado diante do desligamento. Todavia, a situação não afeta apenas a eles. Na ocasião em que nos reunimos com a equipe de profissionais para conhecer e compreender a dinâmica de funcionamento da instituição, que resultou no depoimento que compõe o segundo capítulo deste nosso percurso, percebemos o quanto, também, eles estão envolvidos com a questão e o quanto se sentem provocados pelas inquietações emergentes da situação e, ainda, o

quanto se sentem convocados em sua responsividade. Daí, sentimos a necessidade de um segundo momento com a equipe para, também, escutá-los acerca de como experienciam o momento da saída dos jovens da instituição. Lançamos, então, a pergunta “disparadora”: como é para vocês a saída dos jovens da instituição?

Desse modo, o depoimento que se segue é mais uma peça que estamos acrescentando ao nosso jogo para tomar parte na trama da nossa composição. Acreditamos que ele será bastante re-velador de vários sentidos. Senão, vejamos.

A família deles é a FUNDAC

A questão do desligamento, para nós, é muito angustiante... porque ... nós sabemos a dificuldade de emprego lá fora. E os meninos saem, realmente, despreparados... Saem com baixo nível de escolaridade, sem experiência profissional que possa permitir serem engajados no mercado profissional. E, acima de tudo, saem sem vínculo afetivo nenhum. Daí, para a marginalidade... é um passo. Para a sobrevivência, eles vão fazer coisas... que a gente tenta, enquanto está aqui dentro, mostrar que é errado, que o caminho não é este... Agora, quando chega lá fora, diante das dificuldades, eles não vêem outras alternativas... Então, é angustiante por isso. Se eles já saíssem empregados, engajados... aí era diferente. Mas, sair sem nada...

Antigamente, existia a Divisão de Apoio Familiar... a gente ainda ficava um pouco mais animadas, porque aí eles já saíam com uma casa... uma casa até equipada... bem modesta, mas equipada, entende?... E aí, qualquer biscate que eles faziam, era suficiente para comprar uma cesta básica. Mas, hoje em dia, não tem nem mais isso. Então... fica muito complicado... o desligamento.

Achamos que o pior, realmente, é o fato do emprego que não vem, mas, principalmente, essa vivência familiar que eles não têm também nenhuma... Zero, né?

Apesar do sistema aqui ser de casa-lar, de tentar mostrar isso... mas a gente vê, pelo menos sentimos... nas visitas que fazemos às casas... conversando com os meninos... vemos que eles não estão aprendendo, ou talvez, a gente não consiga passar para eles essa finalidade que seria uma casa-lar, para aprenderem a vivenciar, a trabalhar, arrumar sua

casa, a fazer suas coisas... Nem a larista se preocupa em ensinar e eles não estão nem aí para aprender.

Então, saem daqui zero, zero, zero... Porque achamos que se eles tivessem, pelo menos, esse vínculo... essa afetividade... isso de aprender trabalhar... de querer seu ambiente... Mas, eles... saem sem nada... sem nenhum preparo. Não sabem nada! É impressionante!

Desde que estamos aqui, temos sentido os meninos cada vez mais despreparados. E não é só... assim... a forma... Se eles saírem com emprego, ótimo! Excelente!... Mas, se eles saírem sem emprego... que pelo menos soubessem gerir a vida deles lá fora... Pode não ter um agora, mas arranja um depois... arranja uma coisinha, faz um jardim... Mas, nem isso! Nem querem... nem eles têm... A auto-estima deles é muito baixa. Não querem mesmo, não estão nem aí... Se conseguirem o pão de hoje, está bom demais... não têm que se preocupar com o de amanhã... E vai levando a vida deles.

Recuperando o que já dissemos, quando eles sentem que estão perto de irem embora, ficam boicotando... deixam de ir para os cursos, deixam de ir para os estágios... Tivemos um adolescente, recentemente, que teve a possibilidade de fazer um curso de secretariado. Só tinha uma vaga... e arranjamos para ele... Ele abandonou... e abandona... Talvez seja um boicote mesmo deles... inconsciente. É como se, com isso, eles quisessem permanecer mais tempo na instituição. Porque, por mais precárias que sejam as instalações daqui, eles não vão encontrar uma lá fora, de maneira nenhuma. Nem semelhante a esta. Quer dizer, aqui eles têm comida, têm uma cama para dormir... é... não têm a preocupação do que comer no outro dia... de ter um pedaço de sabão para lavar a roupa... Tudo isso eles têm aqui. E... quando saem daqui, saem para enfrentar a vida. É

como se ele tivesse renascendo. Agora... renascendo num mundo cruel, já com dezoito anos, sem nenhum laço afetivo com ninguém... até os próprios irmãos, quando a gente desliga, é... a gente não sente que existe aquela afinidade de ser meu irmão, de eu poder ajudar meu irmão... não existe... Então... principalmente, nesta casa na qual a gente trabalha, não é uma casa de adoção... é uma casa de abandonados... porque os meninos, depois dos seis, sete anos, as chances de adoção são mínimas. Então, por mais que a gente trabalhe, o abandono, é uma coisa muito difícil de ser compreendida por eles... muito difícil uma pessoa se aceitar abandonada... Então, para nós, é como se, aos dezoito anos, eles estivessem nascendo novamente, sendo que, desta vez um parto muito mais doloroso... muito mais sofrido...

Diante de tudo isso, nós só efetivamos os desligamentos com o mínimo de condições. Por exemplo: às vezes, a gente desliga algum dos adolescentes... aquele que já tem um irmão... que já possui uma casinha... naquele projeto anterior, que foi falado agora, de se construir uma casinha para eles... Então, se tem um irmão, a gente coloca esse menino junto ao irmão. E... em outros casos, a gente... Algumas meninas ficaram como empregadas domésticas em casas de famílias, onde já estavam há algum tempo. E, alguns casos que estão por vir, daqui a um ano a gente vai ter que desligar... É o grande nó da questão! Porque a gente não vai saber o que vai fazer... e como é que esse menino vai se manter lá fora? Porque, na realidade, o apoio da gente era a questão financeira. Então, além de ter uma casa, existiam aqueles meninos, portadores de deficiência, que a gente conseguia, com o benefício de prestação continuada do INSS, prover a feira e algumas coisas mais. Agora... sem o Apoio Familiar para construir, para comprar uma casinha para colocá-los num abrigo, numa casa... fica muito complicado. Porque, com um

salário mínimo, eles não vão conseguir alugar nem um quartinho... botar uma cama dentro do quartinho... e comprar sua cesta básica, sua alimentação. Não vai dar, com cento e cinquenta reais.

Mas, aqueles que não têm, como é que vão viver? Aí, vão para onde? E, além do mais, esses meninos desenvolvem um comportamento muito... não sabemos se seria típico da institucionalização... se podemos dizer assim... Mas, são meninos que têm um nível de tolerância muito pequeno, sabe? Então, eles não se sujeitam, não entendem que têm necessidade de passar por aquela dificuldade... Se não for como eles querem... não têm paciência, não querem... sabe?... insistir, persistir... não, não querem isso. Largam por lá. Temos por exemplo, um caso de colocação em lar substituto, como a gente já teve aqui... No primeiro desentendimento com o dono da granja... o menino pegou o boné dele e saiu. Não quis saber mais não, sabe? Um outro também, estava tomando conta de um barzinho... e aí teve um assalto... lá no barzinho... e o chefe veio brigar com ele... ele desacatou também o chefe e saiu... largou para lá.

Quer dizer, não sabemos se é porque eles receberam essas coisas nunca tiveram de ir atrás... nunca batalharam por isso... Então, eles não valorizam quando têm. Eles não têm consciência da dificuldade que é para conseguir. É como se todo mundo... tivesse que continuar dando para eles... como a FUNDAC dá... como se fosse uma continuação desse sistema.

É como já foi colocado. Existe um despreparo. Eles não são preparados para esse tipo de coisas... viver lá fora... Não vemos estímulo para isso. Mesmo a questão das casas-lares que, na realidade, o Rodolfo não é uma instituição de casas-lares. Ele é uma adaptação... Tem um monte de falhas... e, talvez, por isso, que o sistema não esteja dando

certo, não é? Tem um monte de falhas, é ... talvez seja por isso! Eles chegam lá fora e não conseguem.

A questão que estávamos colocando a respeito da idade. Temos, aqui, fatos de pessoas... de mentir... de brigarem quando a gente consegue fazer o registro de nascimento: “não, eu não tenho essa idade. Eu sou mais nova”. É justamente para retardar a saída. E aqui, dizem que quer fazer dezoito anos, que quer sair. Mas, quando está perto... vem o medo... vem a angústia... de não saber o que fazer lá fora... de como viver.

E, para eles, isso aqui se torna a referência de família. Qualquer festinha, eles estão aqui dentro... Até aqueles portadores de deficiência, passam o ano inteiro ligando para cá, ligando a cobrar, para dizer assim: “quando é o São João daí? Quando é a festa de Natal? Eu posso ir, não posso”? Às vezes, é até muito engraçado eles ligarem a cobrar para perguntar essas coisas. Permanece a referência... A família deles é a FUNDAC... Não se desligam... apesar de desligados... Mesmo sendo a proposta buscar fora, na comunidade, o atendimento às suas necessidades, como médico, escola, lazer... Mas, ainda não se conseguiu... realmente, efetivar isso, e os meninos, na realidade, ficam muito dentro da instituição. Qualquer dificuldade, eles estão sempre voltando. Às vezes nos procuram... pedem uma cesta básica, porque está assim... não têm o que comer... estão sempre procurando alguma coisa. Sempre é a referência deles. É a casa da mãe. É a casa da mãe que a gente está sempre voltando quando precisa, quando tem dificuldades... Para eles é assim.

São poucos os que conseguiram, lá fora, construir novos laços... a ponto de nem procurarem mais a gente... Nós temos pouquíssimos casos e... por incrível que pareça, são

peessoas que tiveram, de uma certa forma, é... vamos dizer... um ou outro funcionário que se interessou... Então, eles transferiram para esse funcionário esse referencial... afetivo.

Observamos que existe uma dificuldade deles em estabelecer outros vínculos que não sejam os estabelecidos aqui no Rodolfo. E ainda tem um outro agravante que, em diversos desligamentos que nós fizemos, anos atrás... Foi um grupo de meninos... Juntamos o dinheiro da “per capita” deles e saímos comprando... uma casinha para uns... outra casinha para outros... E compramos as casas em lugares próximos uma da outra. Então, eles se tornaram vizinhos. Foi muito engraçado isso. E aí continuaram os laços... a mesma coisa. São três casas, com grupos diferentes... Mas continuaram os laços... Mas, eles se mantêm sozinhos.

E aí, tem um ou outro que conseguiu... Três conseguiram o benefício do INSS... e... um conseguiu um trabalho no LAFEPE, e o resto está fazendo biscate... como eles chamam... pegando frete, ajudando em construção civil... que na realidade não é muito diferente do que faz grande parte da população.*

Agora, para a gente, dá um sentimento muito grande de impotência na hora do desligamento. E, principalmente, quando você, depois, sabe que aquele adolescente já está na rua cometendo algum ato infracional. Então, dá aquele sentimento de impotência mesmo, porque ele foi levado àquilo. Era um menino que, às vezes, aqui, a gente dizia assim... que não tinha nenhuma característica para se tornar um delinquente. Depois ele foi para a rua mesmo, por necessidade... e, por inexperiência... E aí é que dá um sentimento de impotência mesmo.

E essa estória de dizer: “não é a única referência de família”, mas, de repente,

**LAFEPE– Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco.*

também a gente é uma família muito perversa... porque a gente não acolhe... após o desligamento. Se a gente é impotente antes, depois do desligamento a gente se torna ainda mais impotente... Aí, achamos que é um sentimento muito... mas muito ruim mesmo, muito angustiante. E alguns meninos que estão desligados, chegam aqui, procurando a gente, para solucionar um problema deles. A gente vê que não tem a mínima condição de... ajudar... é muito ruim... Isso nos incomoda muito. De uma certa forma, a gente gostaria de fazer um trabalho e ver o fruto desse trabalho... Nós ajudamos, colaboramos, de uma certa forma, para ser menos um marginal na vida... e, no entanto, não é isso que está acontecendo.

Quando a gente faz um desligamento desse tipo... a gente tá empurrando... temos consciência que estamos empurrando. Então, é melhor que ele continue aqui, pelo menos, aqui, ele tem o pão de cada dia, tem a caminha dele... A gente chega até a passar isso para eles. Eles estão totalmente despreparados e... o sistema não está... favorável. O grupo lá fora... vai puxar muito para o outro lado... E vai ser mais fácil porque... a gente não pode fazer nada e o outro está oferecendo... ganhar dinheiro fácil. Então, eles vão correr para lá. Até porque está aí, também, a necessidade do consumo... Eles querem andar como os outros... tem a fome... tem as coisas de marca, de querer... como comprar... Aí, fica complicado.

Para nós, a fase mais angustiante é essa... quando a gente chega à conclusão de que não tem mais chance para a adoção... porque, pelo menos, se vê na família uma possibilidade... mesmo a família adotiva... porque, quem procura adotar, na maioria das vezes, é porque tem amor para dar... tem condições para ajudar... Então, isso dá uma certa

esperança... do que permanecer na instituição... até os dezoito anos, porque, aí, a gente já sabe qual vai ser o destino deles. Com certeza, não vai ser coisa muito boa.

E, chegando aos dezoito anos, eles têm que ir embora. Não exatamente na data. Mas, é o período culminante daquilo tudo. E até porque quando você demora muito a proceder o desligamento... você começa a ouvir, em tom de cobrança dos outros: “fulaninho já está com dezoito anos. Fulano já passou dos dezoito anos”. Porque temos que dar o mínimo de condições... Então, às vezes demora. E a angústia deles, também, é muito grande, nesse momento do desligamento.

Nós profissionais, sentimos muito! Mas, para eles, é muito mais doloroso... sair sem nada... não ter uma referência... solto no mundo. É um período de total negação... Eles negam tudo... Eles se fecham... A gente não consegue mais nem trabalhar individualmente, nem em grupo... porque eles negam tudo! É como se eles não quisessem... nem... por sonho, perceber que daqui a um, dois, três meses ele vai embora. Então, se a gente começa a trabalhar esse desligamento, a possibilidade dele ir para uma casa, com outros meninos daqui... com algum tipo de estágio ou algum tipo de trabalho... eles negam totalmente! Por exemplo, a questão de... às vezes, a gente conseguir até uma venda de jornal... eles se negam terminantemente, como se isso fosse a maior ofensa... É como se dissessem: “eu me negando a tudo isso vou ficar mais tempo”... Mas, é muito angustiante para eles. E o incrível é que não tínhamos percebido... mas tem meninos, de doze, treze anos, que fazem terapia... e no processo terapêutico isso já é um ponto de angústia para eles. É o que nos dizem os terapeutas que os acompanham... Pensávamos que isso só começasse aos dezesseis, dezessete... Mas, como eles sabem que não têm mais possibilidade de adoção,

eles já começam a se angustiar... não tão bem expressa. Mas, ele... no trabalho terapêutico, já expressa isso...

Aí, de repente... por conta disso, o comportamento deles começa a mudar. Mas... não sei... Estamos, agora, nos perguntando... de repente... que é uma hora em que... está entrando na adolescência, está tomando conhecimento de tudo isso... inclusive da situação de abandono, da vida, aquelas coisas todas... Ainda vem crescer aí a angústia pelo desligamento. Está se aproximando o momento. É uma sensação de desamparo... Acho que a palavra mais certa é a questão do desamparo... Tá o mundo todo aí... e eles perdidos nesse mundo. Eles mesmos não têm nem condições... de elaborarem um projeto de vida. Talvez, por conta da auto estima... eles não conseguem... Você pergunta o que eles querem ser no futuro... para gente poder até encaminhar, fazer uma orientação mais adequada... Não conseguem pensar nisso!

Até que a gente consegue trabalhar um pouco isso, mas, como dissemos, quando chega aquela fase final de preparação para o desligamento... eles têm uma defesa muito grande... muito grande mesmo! E... correndo o risco de, às vezes, eles estarem no estágio e fazer por onde perdê-lo. É como se dissessem: “como eu já estou, mais ou menos, entre aspas, preparado para o desligamento... se eu recuar nessas coisas eu não saio mais daqui”. Entendeu? A leitura que fazemos é essa...

E agora está vindo um negócio que estamos... pensando alto... A gente está com um número de gravidez alto aqui dentro... Elas são orientadas... Elas sabem como evitar... No entanto, engravidam. Até que ponto, também, esta gravidez não seria mais um vínculo com a instituição, para ficar? Mas... elas... No momento em que têm um filho na instituição, mais estarão estar ligadas à instituição... E isso, também que já foi colocado agora, é um

dos pontos que hoje mais nos angustia... São os filhos dos nossos... abandonados. Aí, está se reproduzindo o mesmo modelo de... filhos de adolescentes abandonados... Eles não têm nem... uma estruturação da própria vida e... já estão com filhos... Isto está muito sério... Muito sério porque já são três casos... Não são poucos e... nós estamos com muitos adolescentes assim... E o questionamento deles é muito grande. Eles não têm consciência... assim... do que é ser mãe, do que é ser pai... por mais que seja trabalhado, entende? Até porque a própria experiência de pai e de mãe, para eles, é uma coisa meio complicada. É... porque eles não têm essa referência... de pai, de mãe, de família... não têm.

A gente tenta trabalhar com grupos de adolescentes, que serão futuros pais... mas... tentamos mostrar a eles para não reproduzirem... o que eles passaram na vida para esses filhos deles. Mas, aí é muito difícil porque, a noção de pai, de mãe para eles... foi uma coisa muito irresponsável, muito dolorosa... Então, a gente não pode esperar nunca que eles tenham um... sentimento diferente em relação a isso.

Agora, nos preocupamos... assim... eles estão, inconscientemente, reproduzindo tudo aquilo para a criança... porque já passou... porque, você vê, dois adolescentes daqui... quinze, dezesseis anos, com filho. É como se aquele filho fosse um boneco que ele não sabe o que fazer.

É impressionante como as experiências narradas pela equipe de profissionais coincidem com as dos adolescentes. A angústia mobilizada pela situação do desligamento parece atravessar as experiências de todos os envolvidos no processo. O sentimento de desamparo parece afetar a todos.

“... para a gente, dá um sentimento muito grande de impotência na hora do desligamento (...)

Se a gente é impotente antes, depois do desligamento a gente se torna ainda mais impotente... Aí, achamos que é um sentimento muito... mas muito ruim mesmo, muito angustiante (...) Isso nos incomoda muito”.

Esse sentimento parece acompanhá-los. A impotência experienciada pelos profissionais nos reconduz ao sentimento de incapacidade e falta de confiança em si que os jovens vivenciam frente ao desligamento. Como, então, (re)potencializá-los?

Reconhecidamente, para os adolescentes, os educadores são as pessoas com as quais, no momento, podem contar porque, como eles mesmos pontuam, são aqueles que deles cuidam. Por conseguinte, acreditamos que esses educadores são personagens que, junto aos adolescentes, protagonizam uma proposta sócio-pedagógica visualizada nas práticas institucionais das quais são co-autores e coadjuvantes, simultaneamente. Desse modo, se faz necessário abrimos uma discussão/reflexão em torno do papel desses educadores junto aos adolescentes.

Nesta perspectiva, ROCHA (2000) nos encaminha, com propriedade, à discussão a respeito do papel do educador como um “cuidador”, ressaltando que,

É próprio do educador (...) experimentar dificuldades para poder propor alternativas, buscar o projeto de cada um (o seu inclusive), iluminar novos caminhos, escolhas, alternativas de vida, ajudar o garoto ou a garota a objetivar

suas experiências, cuidando de ser de maneira cuidadosa, próxima, interessada (p.159).

No entanto, na maioria das vezes, os educadores parecem não se darem conta dessa dimensão que o seu papel comporta e do poder que possuem enquanto agentes institucionais, referindo-se à Instituição como algo exterior a eles, independente e com vida própria. Não aperceberem-se que eles próprios são a instituição é uma maneira de despotencializaram-se. Assim, como os garotos e as garotas depositam na Instituição a responsabilidade por suas vidas, os educadores responsabilizam-na pelos insucessos e insuficiências de suas ações junto aos adolescentes, quase sempre, utilizando a justificativa de “problemas administrativos”.

Compreendemos que, numa instituição, “problemas administrativos” de toda ordem sempre surgirão, podendo comprometer a qualidade da prestação de serviços. No entanto, eles precisam ser olhados no conjunto das ações e não como algo exterior a elas, e pior, como exteriores a nós, enquanto instituição. Neste caso, a tendência é que eles, de fato, se tornem “fixadores” e “paralisantes” das ações implementadas pelos agentes institucionais.

Os problemas e as dificuldades precisam ser discutidos na equipe de profissionais e, sempre que possível e necessário, junto a todos os envolvidos, incluindo os próprios adolescentes. Porque acreditamos não haver outro modo de ser um “educador-cuidador” que não seja através da abertura para compartilhar experiências. E, nessa medida, o educador cuida e é, ao mesmo tempo, cuidado por outros: “... *por ser coexistente, o homem, ao cuidar de ser, cuida dos outros que perfazem sua existência no modo da solicitude* (ALMEIDA, 1999:48). Quando dizem que “*existe um despreparo. Eles não*

são preparados para esse tipo de coisas... viver lá fora...”, nos perguntamos a quem cabe a tarefa de prepará-los. Tudo leva a crer que o despreparo dos adolescentes revela o despreparo dos educadores enquanto agentes institucionais. Não se trata, absolutamente de culpabilizá-los. Mas queremos indicar a necessidade de refletirmos a respeito de como estão sendo criadas e promovidas condições que possibilitem ao educador cuidar de si... e dos outros.

“A gente vê que não tem a mínima condição de... ajudar... É muito ruim... Isso nos incomoda muito. De certa forma, a gente gostaria de fazer um trabalho e ver o fruto desse trabalho”.

As angústias que emergem na tarefa de ser um educador-cuidador carecem de ser compartilhadas. Esse espaço de troca de experiências é fundamental para a formação permanente e continuada do processo de tornar-se educador. Deve ser, no âmbito institucional, um espaço privilegiado. Neste aspecto, MARIN (1999) enriquece nossa reflexão, afirmando que

Se o educador, portanto, (...) ousar entrar em contato com a angústia e a culpa social que provoca o abandono e suas determinações, estará contribuindo e participando, de fato, da possibilidade de oferecer à criança as condições de construção de sua identidade e cidadania (p.17).

Por outro lado, os adolescentes têm nos educadores uma referência... uma referência afetiva...

“... aqui... as pessoas estão para nos educar. Eles dão amor, dão carinho... Eu sinto como se fossem uma mãe para mim... uma mãe e um pai... que me dá respeito”.

E os próprios educadores sabem que

“... para eles, isso aqui se torna a referência de família (...) A família deles é a FUNDAC...”.

Compreendemos, desse modo, que ser ou tornar-se referência, a princípio, não é uma escolha deliberada, consciente e, muito menos racional que alguém possa fazer em relação a outros. Mas, é um processo que se desenvolve na trama das relações que vamos estabelecendo com os outros e no mundo, onde vamos significando a presença de cada um deles em nossas vidas. Desse modo, o que conta, afetivamente, são os vínculos que vamos construindo ao longo de nossas existências. É nesta perspectiva que compreendemos a importância da experiência de acolhimento vivenciada e relatada pelos jovens em seus depoimentos.

Convém ressaltar que a experiência de acolhimento, como rotineiramente costumamos concebê-la, não é uma vivência unilateral. Na verdade, quem acolhe é também acolhido por aquele a quem acolheu. É necessário que exista uma sincronicidade e uma mutualidade co-respondente, o que vem caracterizar a experiência do acolhimento como

fenômeno intersubjetivo. Desse modo, podemos afirmar que todas as nossas referências existenciais são construídas e constituídas na intersubjetividade, tornando-nos companheiros uns dos outros como atualização da dimensão existencial do ser-com.

Acreditamos que, sentir-se acolhido e aceito, como revelam os depoimentos, é básico e fundamental para a constituição desses adolescentes enquanto sujeitos e cidadãos, porque resgata, entre outras coisas, o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade e coletividade, podendo, inclusive, possibilitar a re-significação das experiências de abandono por eles vivenciadas. Aliás, todo ser humano carece de acolhimento.

Pudemos perceber que a todo momento os adolescentes referiram-se à Instituição como sendo sua casa, sua família, nomeando os educadores e demais colegas como figuras representantes do modelo familiar burguês (pai, mãe, irmãos, etc). Compreendemos que esse foi o modo mais aproximado que eles puderam dispor, no momento, para expressarem o quanto se sentem acolhidos na Comunidade Rodolfo Aureliano. Como vimos, o modo de funcionamento da Comunidade, em sistema de casas-lares, parece favorecer esta aproximação, mesmo *“com todas as interferências, com problemas administrativos, da pessoas que toma conta dos meninos (...) eles têm uma idéia do que é um lar”*.

Não podemos desconsiderar, também, que o modelo burguês idealizado de família que possuímos está, sob o ponto de vista sócio-cultural, muito arraigado e internalizado em nós. Isto faz com que, muitas vezes, o utilizemos como referência para significar muitas das nossas relações. Quantas vezes dizemos a um amigo: “tenho você como meu irmão”!?

Então, a fala dos adolescentes parece nos indicar que o que conta, efetivamente, é a qualidade dos vínculos que vivenciam na Instituição que, para eles e na vivência deles, caracterizam o sentimento de família que experienciam.

Desse modo, podemos pensar que não são apenas os laços de parentesco e consaguinidade que determinam a vivência do sentimento de família. ARIÉS (1981) já apontava para isso. Mas, é, sobretudo, o cuidado/acolhimento vivenciado nas relações, como os adolescentes nos apontavam. Talvez, o que eles estejam chamando de família seja o sentimento de pertencer a um grupo no qual vivenciam a experiência de acolhimento e cuidado.

Nesta perspectiva, SOUZA (1997) refere-se a um pronunciamento da ONU, datado de 1994, que diz: “*Família es la gente com que uno cuenta*”. E tece o seguinte comentário:

A conceituação acima proposta pela ONU introduz uma alteração radical no que se considerava família – pais e filhos. Esta é a família do desejo de cada um, existente cada vez mais na fantasia. Os laços biológicos, e heterossexualidade, a existência de, pelo menos, duas gerações cederam lugar ao compromisso dos vínculos afetivos. (p.17).

Aos educadores, todavia se faz necessário que assumam o papel de cuidadores na relação com as crianças e adolescentes sob sua responsabilidade. Não precisam querer buscar reconstituir o modelo burguês de relação familiar (pai-mãe-filho) porque, de fato, cada vez mais, a realidade cotidiana está a nos indicar a complexidade e multiplicidade das configurações familiares emergentes, tornando este modelo deveras controverso. Este

parece fazer parte muito mais das nossas representações e muito menos da realidade concreta do cotidiano.

Possuir uma família (pai-mãe-filho) pode possibilitar ao sujeito algumas realizações e satisfações na vida, sem dúvida. Mas, nada garante! Quantos de nós que possuímos família de modelo dito “nuclear” e nos sentimos abandonados e desamparados? Talvez nem precisemos ir muito longe para constatar isso.

Portanto, a instituição não precisa fazer de conta que é uma família na ilusão de que, desse modo, estaria garantindo aos jovens, que encontram-se sob seus cuidados, referenciais independentes disso. Pois, são produtos de uma construção permanente que tem como fundamento a qualidade dos vínculos promovidos pela e na dinâmica institucional. Nesta perspectiva, MARN (1999) nos lembra, também, que *“Esta instituição deve garantir desde os trâmites legais até o resgate dos direitos mínimos à vida: alimentação, saúde, afeto, sociabilidade, lazer, cultura, tudo o que foi arrancado dessa criatura”*. (p.14). Esta é, como compreendemos, a função de toda e qualquer instituição para crianças e adolescentes abandonados. Nessa medida, a instituição pode se configurar como um espaço de crescimento e desenvolvimento bio-psico-social para aqueles que “dependem” dos seus cuidados, como uma alternativa à família.

Por outro lado, do ponto de vista existencial, o acolhimento traz como contrapartida o abandono e a separação. Nas palavras de SOUZA (op.cit.), “Cada vez mais contar com o outro torna-se essencial à sobrevivência, e nem por isso é menos assustador. Dependere é correr o risco da separação, da perda, do abandono, do enfrentamento da solidão. (p.17).

A “segurança” proporcionada pelo acolhimento está, a todo momento, sendo ameaçada pelas experiências de perda e de separação. Esta instabilidade, por sua vez,

constitui o movimento da existência mesma, porque nos lança no sentimento humano mais radical que é a não-pertença ao mundo, o desamparo.

A situação do desligamento parece conduzir o jovem ao enfrentamento destas questões e inquietações, assim, também, como a equipe de profissionais.

“... mas, de repente, também a gente é uma família muito perversa... porque a gente não acolhe... após o desligamento”.

A sensação que nos ocorre é que, nesse momento, vem à tona o sentimento de impotência, de despreparo, de falta de confiança em si mesmos para conduzirem a própria vida. Isto leva-nos a pensar no modo como a Instituição tem se conduzido no atendimento às demandas dos seus adolescentes.

O discurso dos nossos colaboradores parecem indicar que, mesmo tentando colocar-se como um modelo alternativo de abrigo – e disso não tenha dúvidas – através do funcionamento em sistema de casas-lares, em sua dinâmica, ainda parece guardar resíduos do modelo assistencialista que, historicamente, predominou nas instituições de abrigo em geral, como vimos anteriormente.

Nosso foco, aqui, é a questão do desligamento. Porém, as experiências narradas, tanto pela equipe quanto pelos adolescentes, apontam e devem ser trabalhadas desde o ingresso na instituição. Pois, se durante a permanência no abrigo não for trabalhada e estimulada a capacidade de fazer escolhas e de tomar decisões, responsabilizando-se por elas, o adolescente, possivelmente, não terá condições para autogerir-se.

Acolher, como já dissemos, implica em inter-ação, em ação mútua. E, por isso, não deve ser distorcido para estimular a passividade e o comodismo. O verdadeiro acolhimento é aquele que promove condições para a separação, para os desligamentos. Em nosso caso, ele deverá promover condições para que o adolescente possa se tornar autônomo e independente.

Autonomia é processo... é construção... Não é algo que se ganha como presente quando se chega à maioridade. É um exercício diário que exige tomada de decisões e posicionamentos. Ser autônomo é ter a capacidade de fazer escolhas para si sem perder de vista a coletividade. E isto é um exercício, como tarefa existencial.

Nas experiências dos adolescentes, o desligamento institucional precipita constantemente a angústia existencial encoberta pelo sentimento de acolhimento vivenciado por eles. Na verdade, esse momento os desaloja do “sonho de segurança” que a vida na instituição possibilita ao buscar preencher, ilusoriamente, todas as suas necessidades. Nesta perspectiva, CRITELLI (1996) nos diz: *“Apesar dessa não pertença ao mundo (natural ou artificial), no mais das vezes, ser compreendida por nós como a experiência de um desabrigo e de um desamparo que se quer a todo custo superar, ela é a condição de liberdade do próprio homem”*. (p.17).

Desta forma, o desligamento é condição para que o jovem possa se deparar e se aventurar em outras possibilidades, inclusive, com sua própria liberdade, como um desafio que se põe quando se questionam pelo “o que fazer” quando deixarem a Instituição.

Coincidentemente, o processo de desligamento, com todas as suas questões pertinentes, acontece no momento em que o jovem está vivenciando sua adolescência que, simbolicamente, também, representa um desligamento, uma separação. Isto precisa ser

considerado para que possamos dimensionar o significado do desligamento institucional em suas vidas. Pois, o processo do adolescente traz também questionamentos muito próprios.

O fato de estarem se questionando sobre os possíveis direcionamentos para sua vida, é o movimento próprio de qualquer adolescente. Porém, para aqueles que foram abandonados numa Instituição, como nossos colaboradores, estes questionamentos acontecem numa situação especial e adversa, mobilizada pelo desligamento institucional.

A impressão que temos é que o momento da saída da instituição é vivido pelos adolescentes como um turbilhão de pensamentos, fantasias, sentimentos e emoções, geradores de confusões, inseguranças e, também, de descobertas, em função do momento mesmo e da própria adolescência.

Vale, aqui, lembrar como PEROSA (1995) compreende a adolescência :

Descobrir-se adolescente é inaugurar uma série de possibilidades na vida. Ao nível do pensamento, significa Ter acesso ao mais grau de elaboração: a conquista do pensamento lógico-formal, que permite a compreensão de conceitos abstratos. Ao nível emocional, significa abrir-se para a descoberta de um mundo interno, para a descoberta da individualidade. Inaugura-se, pela primeira vez, o passado: a infância. Ou seja, modifica-se a noção de tempo até então presente. Essas mudanças permanecerão para o resto da vida. Inaugurar a adolescência é conquistar a própria subjetividade, o que vale dizer: conquistar a plenitude da dimensão humana (p.10).

Nesse momento, o adolescente tende a voltar-se sobre si mesmo, buscando assumir sua própria perspectiva, passando a olhar as coisas, o mundo, os outros e a si mesmo de um modo diferente, como nunca havia olhado. Desse modo, algumas questões assumem

contornos mais fortes porque são olhadas como nunca haviam sido olhadas pelo adolescentes, tais como identidade, sexualidade, família, amizade, ídolos e heróis, perda, separação e luto, entre outras.

Pensamos que, a situação de desligamento institucional aguça as experiências e questionamentos dos adolescentes em relação à perda, separação, projetos e perspectivas, etc. O que eles “sabem” e julgam saber parece não dar conta frente às novas exigências e necessidades. Suas buscas por respostas, mesmo cheios de dúvidas e incertezas, os encaminham na direção de si mesmos. Eles começam a se darem conta dos próprios gostos e desejos, buscando o reconhecimento de uma identidade própria e diferenciada.

“a gente não pode estar fazendo o gosto de todo mundo... Tem que estar fazendo o gosto da gente também”.

Desse modo, a adolescência é, por assim dizer, o momento em que se inaugura a diferenciação do sujeito em relação ao mundo e aos outros, marcada pelo desejo de ser si mesmo. Com o adolescente abandonado e institucionalizado, o processo da adolescência não é diferente. Por isso, se faz necessário um olhar mais cuidadoso por parte dos profissionais que com eles trabalham na atenção às suas demandas.

O processo de desligamento, mesmo sendo compreendido como uma situação adversa, experienciado como um “novo-velho” abandono, induz o jovem institucionalizado a repensar sua vida e a elaborar para si projetos e perspectivas de futuro, ou mesmo a falta delas, atribuindo, assim, sentido à sua existência.

Segundo a perspectiva heideggeriana, é o desamparo que põe o homem a caminho... dos seus sonhos, dos seus projetos e de si mesmo no modo da solicitude. É mesmo muito paradoxal, assim como o desligamento vivido pelos adolescentes e é.

O modo como somos afetados no mundo é que, de fato, nos abre às possíveis perspectivas, porque essa afetação é condição para a emergência do sentido da própria existência, como destinação a nortear nossas escolhas (CRITELLI, 1996).

Por isso, acreditamos que, mesmo na situação de desligamento institucional, mobilizadora de angústias e incertezas, é possível ao jovem pensar e refletir sobre seus projetos de forma realista. Eles são muito capazes disso!

Talvez, as circunstâncias em que os desligamentos são efetivados não sejam muito favoráveis aos adolescentes para refletirem e constituírem seus projetos, considerando que o tempo disponível para trabalharem suas questões não se alia às necessidades de cada um, para o amadurecimento de suas inquietações e de seus projetos. Quando os desligamentos são realizados meio que compulsoriamente, torna-se difícil a observância do ritmo de cada um no que diz respeito ao processo de autonomia e independência. Também, não sabemos se no contexto institucional isso é possível efetivamente. É uma questão a ser pensada. Mas, a realidade é que os jovens precisam organizar suas vidas num tempo já pré-determinado. São como “frutas amadurecidas no carboreto”*. Daí resultam a insegurança e o sentimento de incompetência para se auto-gerirem.

Uma outra questão que podemos levantar é que, com muita frequência, as instituições de abrigo em geral, no desejo ilusório de buscarem suprir todas as carências

* São frutas que foram colhidas ainda verdes e amadurecidas rapidamente, fora do tempo natural para seu amadurecimento, mediante aplicação de produto químico.

instituições de abrigo em geral, no desejo ilusório de buscarem suprir todas as carências e faltas promovidas pelo abandono, muito pouco favorecem condições para os abrigados exercitarem sua autonomia. Via de regra, oferecem tudo pronto, com as “melhores” intenções.

Por outro lado, talvez, precisemos considerar que toda situação que põe o homem diante do seu próprio projeto e de sua condição é, por natureza, geradora de angústia. Porque projeto é sempre algo que se põe à frente, sem qualquer garantia, lançando o homem no terreno da pura possibilidade, onde nada é seguro, certo e acabado. “*Entende-se como ser lançado, isto é, como aquele responsável pelo que aprontar de sua vida, a qual em mesma se anuncia como uma possibilidade*” (ALMEIDA, 1995:8). É como a sensação de se estar em permanente risco, numa corda-bamba.

As incertezas e inseguranças vividas e narradas pelos adolescentes é, também, a angústia pela consciência de que nada é seguro e de não haver nada pronto, inclusive ele mesmo. Sendo projeto, será permanentemente inacabado, incompleto, carecendo de permanente atualização. Esta sua atualização, também, se inscreve como pura possibilidade.

Entrar em contato com a angústia existencial parece ser o caminho que nos conduz à apropriação de si mesmo. No entanto, esta apropriação só se torna possível na medida em que falamos e contamos nossa versão sobre nós mesmos. Narrando e compartilhando nossas histórias, damos-nos conta de quem somos, do que queremos e do que desejamos. Não foi sem razão que escolhemos o caminho da narrativa. Temos clareza que ela possibilita a re-construção e apropriação da história pessoal e coletiva, pondo, desse modo, em andamento a própria experiência de existir.

Cremos que o melhor modo de facilitarmos ao jovem institucionalizado sua apropriação/autonomia é possibilitando-lhes espaços de escuta e de fala. Nesta perspectiva, os grupos operativos parecem ser uma excelente proposta na medida em que possam funcionar a partir das demandas emergentes do grupo e no grupo, podendo e devendo ser viabilizada tanto com os adolescentes quanto com os educadores.

Desta forma, os depoimentos que trouxemos para nossa discussão trazem, em si mesmos, a história pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva de adolescentes e educadores frente ao desligamento institucional. Não foi uma coleta de dados. Creamos ter criado um espaço de troca de experiências e, com isso, provocado a reflexão sobre projetos de vida e perspectiva de futuro para nós.

Enfim, a sensação que fica é a de que os depoimentos aqui apresentados falam por si mesmos. Mas... o que tecemos aqui foi apenas uma possibilidade de compreensão... a que nos foi possível no momento.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F.M. **Cuidar de ser: uma aproximação do pensamento heideggeriano.**

Dissertação de Mestrado em Filosofia. São Paulo: PUC – SP, 1995.

————— – **conselhamento psicológico numa visão fenomenológico-existencial: cuidar de ser** in MORATO, H.T.P. (org.) – **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 45-59.

ARENDT, H. **A condição humana.** 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

ARIÉS, P. – **História social da criança e da família.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política.** Obras Escolhidas, vol. I . São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOFF, L. – **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BOWLBY, J. – **Cuidado materno e saúde mental.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

Constituição, BRASIL, 1988. Dispõe sobre a Constituição da República Federativa do Brasil. **Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP.** São Paulo.

- CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995.
- GADAMER, H. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3ª edição. Petrópolis, Vozes, 1999.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- GUATARRI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1993.
- GUIRADO, M. **Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono**. São Paulo: Summus, 1986.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 7ª edição. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, 1998.
- LIMA, A. O. O papel da família no ajustamento social e psicológico da criança. **Revista Symposium**, Recife, ano 3, Número Especial, 43-50, dezembro-1999.
- MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARCÍLIO, M. L. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARIN, I.S.K. **Febem, família e identidade: o lugar do outro**. 2ª edição. São Paulo: Escuta, 1999.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. Edições Loyola, 1996.

- MORATO, H.T.P. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- MORATO, H.T.P. & SCHMIDT, M.L.S. – Aprendizagem significativa e experiência *in* MORATO, H.T.P. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: Novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 115-128.
- ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.
- PEROSA, M. **Descobrimos a si mesmo: a passagem para a adolescência.** São Paulo: Editora Moderna, 1995.
- RABINOVICH, E.P. A casa como tempo: a bilheteria e as três temporalidades. **Psicologia Ciência e Profissão**, 17, Número 3, 2-11.
- ROCHA, M.C. **A experiência de educar na rua: des-cobrimos possibilidades de ser-no-mundo.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 2000.
- SCHMIDT, M.L.S. **A experiência de Psicólogos nos meios de comunicação de massa.** Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1990.
- SILVA, R. **Os filhos do governo: a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas.** São Paulo: Ática, 1997.
- SOUZA, A.M.N. **A família e seu espaço: uma proposta de terapia familiar.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- SPITZ, R. **O primeiro ano de vida.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREITAS, C.M. **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

MORATO, H.T.P. **Aconselhamento psicológico**

PRIORI, M.D. (org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

WEBER, L.N.D. **Laços de ternura: pesquisas e histórias de adoção**. Curitiba: Editora Santa Mônica, 1998.

WEBER, L.N.D. & KOSSOBUDZKI, L.H.M. **Filhos da solidão: institucionalização, abandono e adoção**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1996.

